

## O Assombroso nas Escrituras

O fator Yokai do Evangelho



Wellington José Ferreira



# O fator Yokai do Evangelho

## INTRODUÇÃO

### A DIMENSÃO ESPIRITUAL POR DETRÁS DE CERTAS HISTÓRIAS

Os povos possuem milhares de histórias sobrenaturais, algumas que um dia foram histórias familiares, fruto de acontecimentos espirituais em determinadas famílias e que com o tempo passaram a ser tradição sobrenatural da clã, tribo e incorporadas a cultura.

Para aterrorizar o leitor, entenda que o imaginário dos povos não é, na maioria das vezes, somente *imaginário*.

“muito acima de todo o **Poder, Principado, Autoridade, Potestade e Dominação** e de qualquer outro nome que seja nomeado, não só neste mundo, mas também no que há-de vir.” Efésios 1:21

“e que os anjos que não mantiveram a sua dignidade, mas abandonaram a sua própria morada, o Senhor os tem guardados **sob o poder das trevas** com cadeias perpétuas para o julgamento do grande dia”. Judas 7

“Foi Ele que nos libertou **do poder das trevas e nos transferiu para o Reino do seu amado Filho,**” Colossenses 1:13

Compreender ‘fantasmas’ ou milhares de visões e percepções sobrenaturais do mundo tido como mágico, é antes de tudo compreender, com bastante humildade, que há realmente algo de estranho acontecendo na esfera da existência humana. E que não existe cultura que não tenha uma dimensão espiritual. Parte do que o ser humano sabe tem origem espiritual. O espiritual influencia o psicológico, são duas dimensões da humanidade que são distintas. Não temos como compreender ao universo sem enxergá-lo pelos olhos dos profetas, sem compreender a influencia de poderes espirituais na mente humana. A percepção dos apóstolos e de Cristo sobre o mundo compreendia ver claramente a influencia espiritual e classificá-la inequivocamente. Jesus conhecia a origem das realidades espirituais. E concedeu a todo aquele que nele crê a capacidade de perceber tais dimensões espirituais, discernindo-as, e Ele concede PODER libertando a humanidade de qualquer domínio dessa influencia espiritual.

“Os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: «Senhor, **até os demónios se sujeitaram a nós, em teu nome!**» 18 Disse-lhes Ele: «**Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago.** 19 Olhai **que vos dou poder para pisar aos pés serpentes e escorpiões e domínio sobre todo o poderio do**

**inimigo**; nada vos poderá causar dano. 20 Contudo, **não vos alegréis porque os espíritos vos obedecem**; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos no Céu.» Lucas 10:17-20

E Jesus vai além, não somente compreende o caráter de muitas 'assombrações' ou 'poderes de espíritos' ele concede AUTORIDADE para tratar com eles de um modo como nunca antes um ser humano tratou com tais forças e manifestações espirituais.

Porém o mundo não somente sofreu a influencia de poderes espirituais, deixou-se influenciar, buscou sua proteção, abrigou-se debaixo de suas asas e até praticou coisas estupidas e malignas debaixo da orientação desses poderes. O imaginário japonês é impactado pela sua percepção religiosa, pelos antigos rituais e práticas de magia para tentar proteger-se de uma esfera de sentimentos, percepções, sonhos, visões e imaginações que se traduziram em superstições, no imaginário, na literatura e no conceito de assombroso. Muitos 'monstros míticos' do imaginário japonês podem ser considerados, entre outras concepções, como um amálgama da 'culpa' de práticas desumanas, tais como sacrifícios humanos no passado; fruto do 'medo' causado pelo contato com uma dimensão espiritual desconhecida; criações que representavam a 'incapacidade humana' de lidar com tais coisas; a representação em forma de 'monstros' de uma gama variada de sentimentos cujas listas poderíamos extrair com certa facilidade do livro de Gálatas:

"Mas, as obras da carne estão à vista. São estas: fornicação, impureza, devassidão, 20 idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, fúrias, ambições, discórdias, partidarismos, 21 invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas"

Galátas 5:19-21

Porém, além de representações de coisas tristes, amargas ou dolorosas, além dessa influencia espiritual não solicitada e de péssima origem no imaginário japonês, algo mais foi deixado. **O conceito de maravilhoso e de assombroso.**

## **A DIMENSÃO DO MARAVILHOSO**

A finalidade deste estudo, *adiantando o expediente*, é conduzir o aluno das Escrituras a percepção do assombroso aos olhos da cultura asiática, em especial a japonesa, e estabelecer um vínculo com o *assombroso bíblico* e seus paralelos, aproveitando para meditar sobre como o Espírito de Deus abordou esse conceito em sua Palavra. Aproveitando para repensar ou redefinir os conceitos de maravilhoso, fantástico, insólito, estranho e sobrenatural. O conceito é compreender e aproximarmo-nos da percepção nipônica do assombroso, que nos auxilia em muito a visualizar como os povos da antiguidade imaginavam o insólito, captando um pouco dos seus temores e ora de seu deslumbramento,

ora de seus pavores diante de um universo mágico. O espiritual e o sobrenatural muitas vezes se confundem, se sobrepõe; os fenômenos da natureza, e seus mistérios tem efeito na psique humana, em suas fantasias, em suas superstições. O universo é, em verdade, cheio de encantamento, e muitas vezes foi compreendido *como encantado*, dominado por poderes cuja origem na maioria das vezes era tida como fantasmagórica. *Ou Yokai...*

Esse texto é, em virtude do que estuda, *um manual de evangelismo* para os futuros pregadores para os povos asiáticos. A pregação de Cristo pode começar em um conto ou história fantástica/maravilhosa das tradições da antiguidade japonesa e caminhar até o fantástico e assombroso das Escrituras. O mundo espiritual japonês é sombra das realidades espirituais bíblicas. Sua literatura possui as histórias fruto da imaginação do coração humano, mas as Escrituras contêm histórias fantásticas não IMAGINADAS fruto do coração de DEUS. O fantástico das Escrituras não é ficcional. Mas, assemelha-se propositalmente do que assombrava aos povos. Infelizmente o 'pequeno professor' que realizou esse estudo não tinha tempo para abordar o imaginário dos indianos, coreanos, chineses, nórdicos, escoceses, tailandeses, russos...mas o princípio é o mesmo e se você faz parte de uma dessas culturas, avalie o imaginário de sua nação e ficará 'assombrado' com as escolhas que o Espírito de Deus realizou na construção das narrativas do maravilhoso das Escrituras.

O assombroso está presente em todas as culturas do mundo, desde os tempos imemoriais até os dias modernos. Nas artes, na literatura, nas superstições, no religioso e no imaginários dos povos vemos as diversas mitificações e tentativas de explicar os fatos misteriosos, os fatos de origem desconhecidas, ao fantástico e a coisas não usuais. O desconhecido sempre assombrou o ser humano, seja a fronteira do pós-vida, as dimensões espirituais, a dimensão do sobrenatural. O racionalismo científico refutou a toda sobrenaturalidade, ou supranaturalidade como uma invenção do ser humano para explicar fenômenos naturais. Porém a ciência não é ainda capaz de explicar diversos fenômenos que estão além das fronteiras acadêmicas. O universo possui seu encantamento, os seus tremendos mistérios ainda indecifráveis e dentro desse contexto o assombroso do mundo moderno ganha contornos ou dimensões onde o mágico recebe vestes que lhe dão uma aparência de teoria, uma verossimilhança com declarações científicas. A ciência possui, mesmo ela, sua área espectral, seus símbolos, seus dogmas *assombrosos*. Não faltam espaços para *os buracos-negros, os buracos de minhoca*, as singularidades quânticas, *as teorias sobre o espaço-tempo*, as tentativas de replicar *o genótipo humano*, em busca da cura de todas as enfermidades, *a criogenia* em busca da imortalidade futura e restauração dos congelados.

O corpo humano é assombroso, tão assombroso que se assemelha a um pequeno universo biológico, um biocosmos, esse que foi meditado em *O Homem esse Desconhecido* clássico do Dr. Alexis Carrel que nos idos de 1950 a luz do

conhecimento existente reuniu de modo brilhante a complexidade reinante no interior do ser humano.

Deus atua em todas as dimensões do espaço e do tempo, nele vivemos e nos movemos como já percebiam filósofos gregos, porém ao nascermos envoltos num universo tão paradoxal, tão grandioso e fantástico na essência, na atuação de leis de matemática insondáveis, imersos em patamares de leis quânticas, físicas, químicas, gravitacionais, em campos de energia que se movem e interagem fundindo-se na dimensão do tempo e do espaço, nós nos acostumamos com o mágico. A maior parte da vida nós vivemos sem nos assombrar com quase nada, acostumados com as maravilhas da natureza, como se sempre tivéssemos pertencido a este universo assombroso. Nos acostumamos a viver sem parar para pensar nas leis que sustentam a vida. Perdemos aos poucos, diante do sofrimento imposto pela existência a alegria infantil da descoberta, a expectativa com o fato novo, o estado de animo que antecede a grande descoberta, a capacidade de maravilhar-nos. E o maravilhamento, o coração em suspenso, a agitação do espírito e a excitação diante do novo são uma parte essencial de nossa natureza humana. Nós temos, todos nós humanos, um profundo apreço pelo mistério.

A proposta das Escrituras é TRANSBORDAR o mágico do universo através do mágico divino. O milagre é uma reclamação de domínio, uma certa rebeldia divina contra o que é aos nossos olhos parte do cotidiano. É quando Deus TRANSCENDE suas leis, colocando o dedo nas cordas que tangem as dimensões e propondo NOVAS MELODIAS. O milagre é Deus agindo como um MAGO celestial, é Deus ultrapassando a si mesmo em potencia, é quando ele presenteia-nos a nós, acostumados com a maravilha da vida, com maravilhas que estão além daquilo que as leis que conhecemos seriam capazes de realizar, sem o aporte de ENERGIA DIVINA. O milagre é um movimento extra da mão de Deus, é quando além do que já possuímos, além do que o universo contém, algo fosse acrescido. É o “DE MIM SAIU VIRTUDE” quando a energia de Deus transborda, quando a matéria e a energia são impactados OUTRO tipo de ENERGIA que é capaz de DOMINAR sobre tudo que existe.

Ademais Deus possui uma pedagogia milagrosa. Ou uma pedagogia no milagroso. Quando ele realiza algo na terra, além de ultrapassar o usual, ele possui propósitos didáticos, ele opera a maravilha e ainda a usa com a finalidade de nosso crescimento espiritual.

## **O CONCEITO DE YOKAI NO FOLCLORE JAPONÊS**

### **Yokai e Supernatural**

O Yokai tem existido ao longo da história do Japão, especialmente no

folclore e em apresentações teatrais. Generalizada em ambos, contos pré-modernos e modernos, os yōkai continuam a influenciar histórias no presente, mantendo uma sensação de nostalgia e saudade das tradições do passado.

**No entanto, o que exatamente é yōkai? O yōkai (妖怪) é um ser sobrenatural que frequentemente se esconde tanto na imaginação como na paisagem japonesa.** Michael Dylan Foster tenta traduzir a palavra yōkai e seu termo derivado, bakemono (化け物) como "monstro, espírito, diabrete, demônio, fantasma, espectro, ser fantástico, deidade de ordem inferior "ou" qualquer existência inexplicável ou ocorrência do numinoso. Centrando-se no termo bakemono, ele literalmente traduz como "coisa em mutação", apontando para a ênfase na capacidade de transformação das entidades. No entanto, Foster admite deixar a definição em aberto por causa da falta de um significado consistente que muda continuamente ao longo da história da yōkai. (FONG CHUN WAI)

Para a antiguidade nipônica a natureza não é tão simples como uma "força inerente" ou o "mundo material". Existem nela significados abstratos que são ligados ao "surgimento de deus ou deuses." A natureza pode também ser vista como uma deusa em um exemplo de como "a própria natureza", onde a palavra é personificada em um deus ou espírito, da personificação que parece transcender sobrenatural, fazendo "Natureza" em uma força sobrenatural.

Há uma grande variedade de youkais na mitologia japonesa. Alguns dos youkais mais conhecidos incluem os seguintes:

- Oni (demônios e ogros)
- Kappa (tartarugas)
- Yadoukai – Kohya Hijiri (monges andarilhos)
- Tanuki (cão-guaxinim)
- Tsukumogami (espíritos encantados de artefacto)
- Kitsune (raposas)
- Hebi (cobras)
- Mujina (texugos)
- Bakeneko (gatos)
- Tsuchigumo e jorōgumo (aranhas)
- Inugami ("deus cão")
- Tengu (alados)

***Em geral, eles podem ser divididos em quatro categorias com base na sua natureza:***

### ***“Youkai ou Yokai”***

Em geral, youkai é um termo amplo, e pode ser usado para abranger praticamente todos os monstros e seres sobrenaturais, incluindo até mesmo as criaturas da mitologia ocidental. Este grupo é também referido como “mononoke”. Por outro lado, ele também é usado em um sentido mais estrito para se referir aos naturais, os seres terrestres do folclore japonês tradicional.

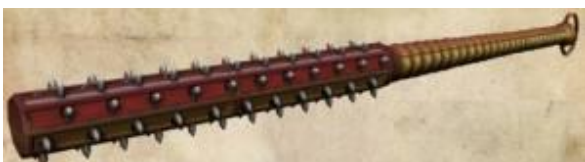
Neste sentido, compreendem os seres naturais, bem como os animais. Na verdade, as raposas foram historicamente consideradas como “youkais”, e muitas vezes são apresentados como tal na ficção moderna. Ao contrário dos animais normais, no entanto, eles têm poderes estranhos ou atributos bizarros, e tendem a ser mais inteligentes, muitos deles sendo conhecidos como trapaceiros.

### ***“Oni”***



### **Onis**

Um dos aspectos mais conhecidos do folclore japonês é o “Oni” (demônio). Além do “Oni da montanha” (ogro), uma espécie de montanha-moradia de ogro, há o “Oni demoníaco”, geralmente representado com a pele vermelha, azul, marrom ou preta, dois chifres em sua cabeça, a boca bem cheia de presas, e vestindo apenas uma tanga de tigre. Muitas vezes carrega uma “kanabo” de ferro (cassetete pontiagudo) ou uma espada gigante. Onis são principalmente descritos como maus, mas ocasionalmente pode ser a encarnação de uma força natural ambivalente. Eles são, como muitos obakes, existindo uma grande variedade de criaturas que habitam o Jigoku, “o inferno budista”.





Kanabo

### ***“Obake”***

Obake (também chamado bakemono ou simplesmente “bake”) são criaturas que mudaram de uma forma para outra, geralmente tornando-se mais poderoso no processo. Normalmente, esta mudança é devida à presença de sentimentos negativos e, como tal, tendem a ser um obake violento, ou mesmo malicioso.

### ***“Yurei”***

[Yurei](#) são fantasmas ou espíritos, e tendem a ser semelhantes aos seus homólogos ocidentais.

## **AS HISTÓRIAS JAPONESAS COM YOKAIS**

***Os Youkais, por abranger praticamente todos os monstros e seres sobrenaturais, estão presentes na grande maioria dos contos da vasta e rica mitologia japonesa.***

## Ilustrando o imaginário dos 'Yokais' Japoneses

### Kamaitachi

Kamaitachi( 窮奇) é um monstro do folclore japonês que significa foice(kama) e doninha(itachi). O monstro possuiria a forma de uma doninha com dentes afiados como foices que cortariam suas vítimas com extrema rapidez.

Os antigos japoneses dizem que o Kamaitachi é o responsável pelos cortes que as pessoas sofrem quando são atingidas por fortes rajadas de vento frio! Então, o golpe do Kamaitachi faz um pequeno corte na pessoa, que, inicialmente, não sofre muito, pelo corte ser pequeno, mas provavelmente o corte ficará infeccionado!



### Okiku, A Boneca Viva

Okiku é uma pequena boneca trajando um kimono. Ela pertencia a uma garotinha, chamada Okiku, que morreria de frio. Seu espírito possuiu a boneca, e agora, seu cabelo cresce misteriosamente. A boneca está, hoje, no templo Mannenji. Primeiro, seu cabelo era curto, mas com o passar do tempo, as madeixas da boneca foram crescendo, e hoje estão atingindo a cintura da boneca. Ninguém sabe como o cabelo da boneca continua a crescer, mas pesquisas científicas concluíram que aquele é o cabelo de uma criança jovem, talvez o de Okiku.

### Umiboozu

Umiboozu (海坊主) é um terrível monstro marinho que normalmente aparece no litoral do Japão. Suas lendas são descritas no período Edo. A principal ação desse monstro é destruir. Ele sempre aparece para devastar embarcações, levando junto com elas, os seres humanos para as profundezas do mar. Também dizem que ele pode formar um redemoinho nos litorais em formato de uma panela, e nela puxar os seres humanos que estiverem à sua margem.

Há muitas descrições sobre a lenda do Umiboozu. Algumas pessoas dizem que ele pode assumir várias formas. Mas, a sua característica física original é de ser monstruoso, chegando a medir 30 metros para fora da água e por ter uma cabeça careca muito brilhante. Esta fez com que o Umibōzu ganhasse o apelido de "Monstro careca". Dizem que esse monstro não tem boca e nem olhos e sua cor é negra como a noite sem luar. No entanto, em algumas lendas relatam o Umibōzu com boca enorme e olhos reluzentes como fogo.



### **Isonade**

Imagine um tubarão. Agora imagine um tubarão cuja as barbatanas são como um ralador de queijo, exceto que em vez de queijo ralado ele rala sua carne. Esse é o Isonade, que usa seus dentes e barbatanas para fazer filé de você, em seguida, arrastá-lo pra baixo no fundo do oceano

### **Kushisake Onna**

Seu nome(口裂け女) significa "a mulher com a boca cortada". Se você estiver andando na rua sozinho, tarde da noite, ela irá saltar de algum canto ou beco e parar na sua frente. Você não poderá fugir, pois ela irá se teletransportar e irá aparecer bem na sua frente. Ela usa uma máscara cirúrgica e um casaco surrado.

Kushisake irá perguntar-lhe: "Eu sou bonita?". Se você disser que não, ela cortará sua cabeça com um grande par de tesouras. Se você responder que sim, ela irá retirar a máscara, revelando sua boca rasgada de orelha a orelha, e irá perguntar "Que tal agora?". Se você responder que não, você será cortado ao meio, e se você disser que sim, sua boca será cortada como a dela.



### **Tomimo no Jigoku**

O Inferno de Tomimo é um poema amaldiçoado, que diz matar aqueles que o lerem em voz alta. Se você tiver sorte não morrerá, mas coisas ruins acontecem de qualquer jeito. Tomimo's Hell foi escrito por Yomota Inuhiko, em seu livro chamado "The Heart is like a Rolling Stone", e está incluído no Saizo Yaso's 27th collection of poems de 1919. O poema conta a história de Tomimo, que morre e vai para o inferno.

### **Hitobashira**

Hitobashira (人柱) significa "pilares humanos". No Japão antigo, os japoneses acreditavam que selar pessoas vivas à construções, fariam-nas mais fortes e estáveis. **Selar pessoas nos pilares e paredes eram sacrifícios comuns** aos deuses, que contentes, abençoavam as construções para durarem por mais tempo. Diz-se que os pilares humanos são assombrados por aqueles que serviram como sacrifício.



### **Teke Teke**

Teke teke teke seria o som que a criatura faz quando anda (com o seu cotovelo). Ela era uma bela jovem que caiu (ou se jogou, existem várias versões) nos trilhos do metrô. Ela foi cortada ao meio por um trem, mas sua raiva e rancor foram tão intensos que seu torso continua a procurar vingança. Apesar da falta de suas pernas, ela pode se mover muito rápido, e se você tiver o azar de ser capturado por ela, Teke Teke o cortará ao meio, com uma foice que ela carrega.

### **Yuki-onna**

Yuki-onna (雪女? mulher da neve) é um espírito ou yokai (espécie de demônio do folclore japonês) encontrado no folclore japonês. É uma figura muito comum na animação, mangá e literatura japonesas.

Segundo o folclore, as Yuki-Onna cantam para seduzir os homens, fazendo-os se perder nas nevascas e morrer congelados. Frequentemente elas aparecem na forma de mulheres belas e jovens, e em muitas lendas elas se apaixonam por homens e se aproximam deles, casando-se e constituindo família, tendo filhos, inclusive. Entretanto, a história de amor sempre finda com o desaparecimento dela num dia de maior bruma ou de tempestade, provavelmente quando o chamado de seu mundo se torna mais forte.



### **Aka Manto**

Aka Manto significa Capa/Casaco Vermelha. Basicamente diz respeito a um espírito atormentado, que assombra banheiros. Ele irá aparecer quando você usar o banheiro que não tiver papel higiênico. Ele, então, irá te perguntar: "Você quer o papel vermelho ou o papel azul?". Se você escolher o papel vermelho, você será cortado em pedaços. Se você optar pelo papel azul, você será estrangulado até a morte. De acordo com outras versões da história, ao escolher o papel vermelho, você será esfolado vivo, e se preferir o azul, seu sangue será drenado de seu corpo.

### **Gashadokuro**

Gashadokuro(がしゃどくろ) é um youkai, uma criatura da mitologia japonesa, este espírito é bem simples - é um esqueleto gigante feito de ossos de pessoas que morreram de fome. Eles andam por aí, agarrá-lo e morder sua cabeça, beber o seu sangue, e adicionar o seu esqueleto para a pilha.



### **Vilarejo Inunaki**

Inunaki Village é um misterioso vilarejo completamente isolado de outras vilas, e até mesmo do país em si. Não se sabe ao certo se este vilarejo de fato existe, mas algumas pessoas dizem que sim. Na entrada da vila, existe uma placa que diz "As leis constituintes do Japão não se aplicam aqui".

Os moradores desta vila vivem de maneira muito estranha: incesto, canibalismo e assassinato são comuns por lá. Por alguma razão, você não pode usar seu celular ou outro dispositivo eletrônico, enquanto estiver em Inunaki Village. Existem antigas lojas e alguns telefones públicos por lá, mas você não pode ligar para ninguém. Diz-se que quem entra em Inunaki Village não consegue sair.

### **Túnel Kyiotaki**

Este túnel foi construído em 1927. Ele tem 444m de comprimento (4 é um número amaldiçoado no Japão, semelhante ao número 13 para a maioria das pessoas ocidentais). Kyiotaki é, de acordo com as lendas, amaldiçoado por todos os trabalhadores que morreram enquanto o construíam, devido as péssimas condições de trabalho da época, que os obrigavam a trabalhar feito escravos, e por todos aqueles que morreram no túnel, vítimas de acidentes causados pelos espíritos dos trabalhadores.

É dito que os fantasmas podem ser vistos no túnel durante a noite, e que podem até mesmo possuir seu carro, e causar um acidente. Dizem também que há um espelho neste túnel, e que se você olhar para ele e ver um fantasma, você terá uma morte horrível. O comprimento do túnel também pode variar, dependendo do tempo e do período em que você estiver medindo-o (noite ou dia).



## Akaname

O Akaname pode ser traduzido como “lambedor de sujeira”. Akaname é um tipo horrível de bicho-papão do Japão que, literalmente, lambe os banheiros sujos, limpa tudo com a língua ajudado por sua saliva venenosa. Acredita-se que o monstro pode ter se originado como uma forma que os pais encontraram para motivar os seus filhos a manterem o banheiro sempre limpo.

### AS FONTES DAS NARRATIVAS DE YOKAIS JAPONESAS

Espécies de narrativas sobrenaturais ligadas ao mistério e ao estranho, é fonte de inspiração para muitas histórias, lendas e mitos que enriquecem a literaturas de diversas culturas e, apesar de não serem tão valorizadas quanto antigamente, ainda gozam de grande popularidade, sendo um assunto recorrente em textos e em conversas até os dias de hoje no Japão.

O Japão, por sua vez, possui uma grande familiaridade com textos que tratam deste tema, pois as narrativas que abordam assuntos relacionados ao sobrenatural advêm de longa data. Os registros mais ancestrais de narrativas folclóricas, lendas ou histórias de caráter religioso, estão disponíveis em coletâneas igualmente antigas, como **Nihon Ryōiki** (Relatos Milagrosos do Japão) e **Konjaku Monogatari-shū** (Coletânea de Narrativas de Hoje e de Outora).

Além das coletâneas que incluem histórias de caráter extraordinário na literatura japonesa, existe também um gênero específico para narrativas que abordam temas estranhos e de natureza sobrenatural, caracterizado pela terminologia **kaidan**.

De acordo com Noriko Reider, atualmente, assim como no passado, **kaidan** é um termo amplamente utilizado para designar contos do sobrenatural. O conteúdo destas narrativas é variado, normalmente, contam incidentes



testemunhados ou vividos por viajantes, habitantes de vilarejos e monges peregrinos. As fontes das histórias são múltiplas, podendo ser recentes acontecimentos ou algum texto clássico chinês. Contudo, a temática gira sempre em torno de algum fato extraordinário.

Este gênero literário teve origem no **período Edo (1603-1868)**, um momento em que o Japão passava por uma fase de estabilidade social, após a pacificação e unificação do país, proporcionada pelo shogunato dos Tokugawa, constituindo um intervalo de tempo que durou mais de duzentos e cinquenta anos.

## UMA ABORDAGEM INICIAL SOBRE O *MARAVILHOSO*

### O maravilhoso e o sobrenatural

De uma maneira geral, nos dias de hoje, o termo 'maravilhoso' é relacionado ao universo mágico dos contos infantis, possuindo um significado de algo irreal, mentiroso e, por isso, pueril. Porém, tal termo não carrega obrigatoriamente em seu campo semântico a ideia de algo assustador.

Já com o termo 'sobrenatural', fenômeno semelhante ocorre, pois também se caracteriza por algo imaginativo e irreal. Acerca disso, vejamos a acepção do citado termo no **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**:

1- que ultrapassa o natural, fora das leis naturais, fora do comum; extranatural (poderes s.). 2- que não é conhecido senão pela fé (revelação). 3- muito grande ou intenso; extraordinário; excessivo. 4- sobre-humano (era de uma generosidade). 5- que está além do natural (muitos temem o s.). 6- tudo que é muito extraordinário ou maravilhoso, imaterial, mágico, milagroso, miraculoso. Antônimo de ordinário, vulgar.

A cultura popular porém aproxima **o sobrenatural ao pós-morte, ao assombrado, ao aterrorizante e ao assustador.**

Na convicção de P. Mabille, os contos maravilhosos constituem, acima de tudo, **um testemunho da esperança dos homens**, pois, como os historiadores têm mostrado, o mundo medieval era imperfeito, sendo constituído de muito trabalho, pestes e fome.

É interessante ressaltar que nas famílias mais tradicionais japonesas a tarefa de contar histórias era, quase sempre, uma incumbência dos serviçais ou dos mais idosos. Nesse sentido, podemos afirmar que é no folclore e em sua transmissão que as narrativas maravilhosas se constituem. Acreditamos que a permanência de determinados símbolos, imagens e composições narrativas na estrutura profunda do homem está relacionada, pelo menos em parte, a este modo de propagação do maravilhoso. (NIVEA OURA MARTINS).

## OS CONTOS KAIDAN E OS ELEMENTOS SOBRENATURAIS

No entanto, **os contos *kaidan*** possuem algumas características especiais, que divergem das narrativas maravilhosas, pois são histórias voltadas para a narração de incidentes estranhos e misteriosos, diferentemente de outra literatura nascido no período EDO denominada ***mukashi banashi***, que possui tramas diversas, relatando aventuras, relacionamentos amorosos, conquistas, entre outros. Porém, os dois tipos de narrativas acabam por convergir quando exploram a temática do sobrenatural.

Além disso, assim como ocorre nos *mukashi banashi* e nos contos de fadas, as narrativas ***kaidan*** também **possuem mensagens pedagógicas**, pois apresentam valores morais e religiosos, embora não seja este o foco principal delas, e da mesma forma, essas histórias também podem ser estudadas em seus aspectos simbólicos.

Distribuídos entre os vinte textos reunidos na obra **Kwaidan existem vários elementos sobrenaturais**. Cada narrativa tem a pretensão de contar uma história centrada em um dos seres do fantástico do folclore japonês, revelando, para os leitores, o quanto é riquíssimo o tecido cultural do imaginário sobrenatural do povo nipônico.

Para apresentar mais detalhadamente estas aparições sobrenaturais e suas respectivas narrativas, NIVEA OURA MARTINS elaborou um quadro esquemático composto pelo título de cada conto da obra **Kwaidan** e a manifestação sobrenatural contida no interior de seu texto. Desta forma, objetivamos facilitar a visualização e a identificação de como os elementos extraordinários estão dispostos na obra de Lafcadio Hearn.

Quadro com as narrativas da obra **Kwaidan** e seus respectivos elementos Sobrenaturais:

<b><u>Título da Narrativa</u></b>	<b><u>Elementos Sobrenaturais</u></b>
<i>A História de Hôichi-Sem-Orelha (Mimi-nashi-Hôichi)</i>	Almas penadas
<i>O Casal de Pato-Mandarins (Oshidori)</i>	Animal extraordinário
<i>A história de Otei (Otei)</i>	Reencarnação
<i>A Cerejeira Ama de Leite (Ubazakura)</i>	Árvore extraordinária
<i>Diplomacia (Hakarigoto)</i>	Alma penada
<i>O Espelho e o Sino (Kagami to Kane)</i>	Objetos extraordinários
<i>O Comedor de Carne Humana (Jikininki)</i>	Yôkai
<i>A Criatura sem Face (Mujina)</i>	Yôkai
<i>O Demônio do Pescoço-Torno (Rokurokubi)</i>	Yôkai
<i>O Segredo da Morta (Hômurareta Himitsu)</i>	Alma penada
<i>Mulher-Neve (Yuki Onna)</i>	Yôkai
<i>A História de Aoyagi (Aoyagi Monogatari)</i>	Árvore extraordinária
<i>A Cerejeira do 16º. dia (Jûroku Zakura)</i>	Árvore extraordinária
<i>O sonho de Akinosuke</i>	Inseto

<i>(Akinosuke no Yume)</i>	
<b>Riki-Bobo</b> <i>(Rikibaka)</i>	<b>Reencarnação</b>

<b>O Girassol</b> <i>(Himawari)</i>	<b>Lembrança</b>
<b>O País de Hôrai</b> <i>(Hôrai)</i>	<b>Lugar maravilhoso</b>
<b>Borboletas</b> <i>(Chô)</i>	<b>Insetos</b>
<b>Mosquitos</b> <i>(Hae)</i>	<b>Insetos</b>
<b>Formigas</b> <i>(Ari)</i>	<b>Insetos</b>

Nivea catalogou estas narrativas, propondo a divisão dos contos em cinco grandes grupos, classificados pelos temas sobrenaturais presentes nos textos, são eles:

- yôkai* e almas-penadas;
- objetos e animais fantásticos;
- reencarnações;
- lugar maravilhoso;
- e insetos;

## A ASCENDENCIA DIVINA JAPONESA

A temática sobrenatural, desde muito tempo, faz parte da compreensão de mundo dos japoneses. Podemos comprovar tal assertiva, revendo as páginas do **Kojiki** (**Kojiki** ou *Furukotofumi* (古事記) é o livro mais antigo sobre a história do [Japão](#) antigo.<sup>[1]</sup> O corpo do texto é escrito em chinês, mas inclui numerosos nomes e expressões em japonês. As canções incluídas no texto são em japonês arcaico escritas foneticamente com caracteres chineses.), nas quais é possível folhear a história da criação do mundo, do arquipélago japonês e da família imperial japonesa, **a partir do olhar maravilhoso da mitologia.**



Importante frisar que a origem da família real japonesa é legitimada por uma ascendência SOBRENATURAL. Ela se baseia no nascimento a partir de um YOKAI!

“De Takama no Hara (Alta Planície Celeste), Amaterassu Omikami, **a Augusta Deusa Sol**, gostava de apreciar as terras de Achi Hara no Mizuho no Kuni (**País dos Campos de Junco e Espiga de Arroz**), que mais tarde seria conhecido como Japão, e costumava comentar com as ninfas celestes que, **um dia, seus descendentes povoariam aquele rincão que tanto admirava.**

Certo dia, a Augusta Deusa Sol resolveu enviar seu filho mais velho, Massaka Akatsu Katsu Hayabi Ameno Akishiho no Kami (Divindade Espiga de Arroz Luxuriante do Céu), para civilizar Mizuho no Kuni. Este, porém, sugeriu à mãe que nomeasse seu filho Ninigui no Mikoto, o Augusto Neto Celeste, mais capacitado para exercer tal missão. Concordando com a sugestão do primogênito, a Augusta

Deusa Sol chamou seu neto e fez uma profecia: - **Esta fértil planície de juncos será a região onde os meus descendentes serão senhores. E tu, Ninigui, vai para lá governá-la. Vai, e talvez a prosperidade favoreça a tua dinastia e faz com que, tal como o Céu e a Terra, ela seja eterna**".

Acompanhado de um grupo de guerreiros, Ninigui, o Augusto Neto Celeste, atravessou Amano Hashi Date (Ponte Lançada do Céu) e desceu sobre o pico do monte Takachiho, na ilha de Kyushu. Com os guerreiros que faziam a guarda de segurança de Ninigui, veio o capitão Katami Musubi, que dominou os habitantes do monte Takachihô, onde inicialmente se estabeleceram. Ninigui trouxe com ele as três insígnias sagradas: o espelho, a espada sagrada e uma jóia (bola de cristal), símbolos de sua autoridade real (hoje tesouro da família imperial).

Consta também que quando a expedição vinda da Alta Planície Celeste chegou a Mizuho, encontrou um forte chefe nativo de nome Saruta Hiko, que seria um grande obstáculo para a conquista da região, pois ele era um homem-macaco da Idade da Pedra, tinha um físico avantajado e era mais forte que um touro. Na luta era invencível, porém foi seduzido pela sensualidade da deusa Ameno Uzume no Mikoto, por quem se apaixonou perdidamente e permitiu à comitiva de Ninigui que se instalasse no monte Takachihô, situado ao norte de Kyushu. Nesta época, na costa oeste da ilha Honshu (principal ilha do arquipélago japonês), em Izumo, moravam os descendentes de Suzano-o no Mikoto (Deus Tempestade), o irmão rebelde da Augusta Deusa Sol.

Ninigui estabeleceu-se em Kyushu, casou-se com a bela princesa Milhares de Tecidos Esplêndidos, filha da Divindade Alta Árvore, e, com o decorrer do tempo, teve três filhos. O sucessor de Ninigui no trono foi seu filho Hassuseiri no Mikoto (Príncipe Espiga Madura), que se casou com Konohana Sakuya Hime (Princesa Floração), a bela donzela que, com seus gestos mágicos, fazia flores surgirem nas árvores. Ela espalhava pétalas no rio e todo o vale ficava florido. Konohana era filha de Ooyama Tsumimi no Kami, o Grande Possessor da Montanha, que tinha também uma filha mais velha, Iwanaga Hime, "princesa Rocha Extensa".

Os filhos do casal Hassuseiri e Konohana foram Umi no Satihiko no Mikoto ou Hohoderi no Mikoto (Príncipe Jovem do Mar) e Yama no Satihiko no Mikoto ou Hoori no Mikoto (Jovem Príncipe da Montanha), os irmãos que ficaram conhecidos como Príncipe Caçador e Príncipe Pescador. Primeiro Hohoderi reinou Mizuho no Kuni, depois deu lugar ao irmão Hoori. Este se casou com Toyotama Hime (Princesa Alma Luxuriante, filha do Deus do Mar). Shiyozuchi no Kami, Princesa Toyotama, foi flagrada em sua forma de dragão quando dava luz a um bebê. Por isso, envergonhada, voltou ao fundo do mar e enviou sua irmã Alma Possessa para cuidar de Ugaya Fuki Ayasu no Mikoto, seu filho. Este casou com sua tia e tiveram quatro filhos."

(Por Claudio Seto)

Deus criou **IZANAGI** (pronuncia-se Izanagui) e **IZANAMI**. Izanagi significa o homem convidado e Izanami a mulher convidada.

**Na história bíblica seria:** Deus criou **Adão** e **Eva**.

Deus no Japão significa Deus Xinto que daí desenvolveu-se o xintoísmo, a religião originária do Japão.

Deus Xinto enviou os filhos Izanagi e Izanami à terra como seu representante. Diz a mitologia que Deus Xinto colocou-os numa ponte para que eles caminhassem em direção à "terra" que hoje é chamado Japão.

Quando eles chegaram à "terra", o Japão ainda era apenas uma ilha coagulada que se chamava **ONO-KORO**.

Deuses Izanagi e Izanami se casam para formar seus descendentes. Nessa época, inicia-se Kunibiki, a junção de várias outras pequenas ilhas até chegar as quatro atuais: Hokkaidou, Honshuu, Shikoku e Kyuushuu. O Japão é batizado de YAMATO, A Grande Paz.

Eles tiveram 3 filhos:

A primeira filha, AMATERASU OOMI KAMI que significa a deusa xinto do sol.

O segundo filho, TSUKI YOMI NO MIKOTO que significa o deus xinto da lua.

O terceiro filho, SUSANO O NO MIKOTO que significa o deus xinto do trovão.

Segundo a mitologia japonesa, a primeira filha AMATERASU OOMI KAMI é a que descende a família imperial do Japão. E o primeiro filho dessa deusa é o primeiro imperador do Japão, JIN MU TENNOU que significa O Passo do Deus Xinto quem governou o Japão de 660 AC até 585 AC.

Para termos uma idéia concreta, o atual imperador Akihito do Japão é o 125º imperador que descende diretamente da deusa AMATERASU OOMI KAMI, cujo filho JIN MU TENNOU é o primeiro imperador.

(Rosa T. Sonoo)





## OUTROS TEXTOS E TRADIÇÕES ASSOMBROSAS

Além do **Kojiki** (Registro de Coisas Antigas do Japão), que oferece a perspectiva mitológica, outras obras literárias nipônicas, que datam de muito tempo, também incluem conteúdos sobrenaturais ou maravilhosos. Ademais, os trabalhos escritos, as narrativas orais, como as lendas, anedotas e as histórias folclóricas japonesas, também estão recheadas de incidentes ou personagens sobrenaturais.

Segundo consta no texto de introdução da versão em inglês da obra **Ugestu Monogatari** <sup>28</sup> (Tales of Moonlight and Rain), os mitos e as lendas japonesas expressam a crença nos espíritos, isto porque, no xintoísmo, cultua-se a existência dos *kami*, algo como espírito, deidade ou ser celestial. Esses seres espirituais " *são pensados vagueando sobre as árvores, montanhas, beira-mar, cachoeiras e lagos, surgindo na neblina da primavera ou na névoa do outono* " .

Assim sendo, existiam pessoas que adoravam 'o que imaginavam como *as forças do bem*' e utilizavam-nas em vários feitiços ou encantamentos para exorcizar os maus espíritos. De modo geral, **presságios, adivinhações, sonhos e oráculos ensinavam as pessoas como viver em um mundo cheio de poderes mágicos.**

De acordo com a informação acima, podemos notar que a realidade japonesa era composta não apenas de manifestações naturais e concretas, haja vista que forças invisíveis aos olhos, como os espíritos e as divindades, juntamente com seus poderes mágicos, também faziam parte da compreensão de mundos dos japoneses de antigamente.

Desde muito tempo, explica Konno, há um provérbio muito popular entre os japoneses que diz "*Sawaranu kami ni tataru nashi*" <sup>42</sup> que literalmente significa "*Se você não tocar na divindade, não haverá maldição*" que são próximos dos provérbios em português: "*Não acorde a má sorte quando ela está dormindo*" ou "*Não acorde o leão adormecido*".

Porém, atualmente, seu significado ganhou outra acepção, bastante leve se comparado ao seu sentido original, remetendo à relação de trabalho entre funcionários e chefe: "*é melhor sempre manter uma distância respeitosa*" <sup>43</sup>, não se referindo mais à fé nos *kami* (*deus*). Mas, em lugares mais afastados dos centros urbanos, como nos vilarejos e áreas rurais, o significado original do provérbio ainda se mantém vivo.

As histórias sobre maldição são muitas e comuns em todo o Japão. Várias dessas maldições falam sobre lugares sagrados nos quais não se pode entrar, árvores sagradas às quais não se pode fender, animais sagrados que não se pode matar (como cobras e raposas). Todas estas ações descritas são consideradas profanações, isto é, são tabus, e quem comete tais atos sofre o risco de uma

maldição (*tatari*).

Além dos exemplos acima destacados, Konno assinala outra crença conhecida que se reporta a duas expressões "*akafujô*" (maldição vermelha) e "*kurofujô*" (maldição preta). A primeira se refere à impureza do sangue e a segunda à impureza da morte. Acredita-se que esse dois elementos trazem uma carga negativa para quem costuma estar constantemente em contato com os mesmos.

Até hoje, certos profissionais prestadores de serviços funerários, ou seja, que entram em contato direto com cadáveres são considerados tabus e, por assim o ser, **sofrem preconceito dos que estão em seu convívio.**

Em 1975, foi realizada uma pesquisa sobre a superstição dos japoneses, chefiada pelo professor Hideo Kishimoto, da Universidade de Tóquio. Esta pesquisa teve uma abrangência nacional e o folclorista Konno Ensuke ficou responsável pela parte intitulada "*A distribuição dos costumes da vida segundo a crença na alma*"<sup>33</sup>, que se ateuve à crença dos japoneses nos elementos sobrenaturais.

Para ilustrar esta postura do povo japonês, o estudioso ressalta que é comum estar presente nas cerimônias de construção de modernos edifícios um sacerdote xintoísta<sup>44</sup> ou ver pescadores de enguias reverenciando um memorial para os espíritos das enguias, assim como um fotógrafo reverenciando um memorial para as câmeras fotográficas e caçadores reverenciando memoriais para os animais que mataram e até mesmo para os rifles de caça.

Todas estas atitudes, segundo o folclorista, podem ser interpretadas como uma maneira dos japoneses evitarem o *tatari*, isto é, a maldição ou a ira dos espíritos. Ou seja, ao que tudo indica, os japoneses parecem ainda acreditar em maldições.

A estação do verão é famosa por reviver anualmente o hábito dos japoneses de cultuar os mortos e os espíritos, pois é quando ocorre o *Obon matsuri* (Festival do dia

dos mortos), um evento dedicado aos espíritos dos ancestrais. Esta comemoração teve início no século VII e acredita-se que no período de três dias (que atualmente corresponde os dias 13, 14 e 15 de julho) as almas dos antepassados retornam ao mundo para rever seus familiares. Talvez este seja um dos motivos para a relação entre o tema do sobrenatural e o verão.

Ainda nos dias de hoje, durante o verão, é comum brincadeiras em que as pessoas sentam-se em rodas para contar narrativas de terror, uma espécie de jogo que existe desde tempos anteriores, chamado *Hyakumonogatari kaidankai* ou somente *Hyakumonogatari*. Foi durante a era Edo que se iniciou este hábito,

que tinha como finalidade, o entretenimento.

As narrativas da obra **Kwaidan** são um conjunto de textos pertencentes ao gênero *kaidan*, que são histórias que tem como finalidade narrar fenômenos de ordem estranha e de natureza sobrenatural. Este gênero de narrativas, originário da era Edo, se popularizou, tendo em vista o efeito que exerce em seus leitores/ouvintes, que é o de causar sentimento de medo, sensação de estranheza, um susto ou estado de apreensão nos mesmos.

Assim como ocorria antigamente, os *kaidan* atuais igualmente continuam a produzir estes mesmos resultados junto ao seu público, por esta razão são também conhecidos por 'histórias de terror'.

Notamos que há uma relação de aproximação entre o sentimento de estranheza e o de medo. Mesmo no idioma japonês, os termos *kyôfu* (medo) e *kaiki* (estranho) aparecem com frequência nos textos explicativos sobre os efeitos da literatura *kaidan*.

Este tipo de evento, de acordo com a explicação de Higashi Masao, consiste em um número de pessoas se agruparem num determinado lugar para um torneio de contar e ouvir narrativas *kaidan* durante uma noite inteira. No local onde o evento é realizado são colocadas cem lanternas de papel (*tôshin*) e, à medida que cada participante conta uma história, uma das fontes de luz é apagada, sendo que, ao fim da centésima narrativa, a última chama de luz se extingue e tudo ao redor torna-se plena escuridão. É nesse momento que coisas misteriosas e assustadoras ocorrem segundo o dito popular. Higashi, ao finalizar sua explanação a respeito do jogo, ainda complementa que existe um provérbio que diz "*Se contar ou narrar o mistério, o mistério acontecerá*"

Na era Edo ([24 de março de 1603](#) até [3 de maio de 1868](#).) a popularidade dos contadores de histórias decorria principalmente do cenário econômico, desenhado pela crescente integração entre os centros urbanos e as áreas rurais. Nessa época (Havia se instaurado um governo centralizador que fomentava a economia interna, medida que só se tornou possível devido à fase de estabilidade social conquistada pela unificação do país.

Este fator facilitou a locomoção dos comerciantes, viajantes, monges e artistas itinerantes, principais agentes difusores das histórias, anteriormente, dificultada pelas guerras, disputas e regulamentos dos vários senhores de diversas regiões, interessados em garantir seu poderio.

O ápice dessa forma de diversão criou os contadores de história profissionais, muitos dos quais serviam grandes senhores de província. A esse respeito, Reider (2000) declara que o contar histórias tornou-se um hábito muito popular devido a sua integração com outras variedades de eventos, como as

reuniões nas aldeias, comemorações religiosas e velórios, em especial, um ritual religioso chamado *kôshinmachi* uma espécie de vigília que dura uma noite inteira, na qual ninguém deve dormir para esperar a chegada da divindade. Particularmente, em ocasiões como estas, contos sobre o estranho e o mistério, ou seja, os *kaidan*, eram narrados com o intuito de manter as pessoas acordadas.

Praticamente, em todas as narrativas da obra **Kwaidan**, em que se percebe o surgimento de um ser sobrenatural, o encontro entre a criatura e o personagem ocorre durante a noite. Logo, reconhecemos que há uma ligação muito forte entre a escuridão noturna e as narrativas sobrenaturais de terror.

A partir do estudo de diversas narrativas em variadas culturas, Delumeau percebeu um temor constante na ideia de ver o sol desaparecer para sempre no horizonte. De acordo este autor, a Bíblia, por sua vez, também expressa em diversas passagens a desconfiança em relação à escuridão. Logo, na visão cristã, o inferno é muitas vezes descrito como o domínio das trevas. De um modo geral, à noite estão associados os surgimentos dos seres malévolos, fantasmas, feras, ladrões e assassinos.

Deste modo, verificamos ser a noite um componente que surge como cúmplice no aparecimento de muitos outros medos, tais como fantasmas, tempestades, lobos,

O autor de **Pandemonium and Parade-Japanese monster and the culture of yôkai** ainda explica mais sobre os termos utilizados para indicar os diversos seres que podem estar incluídos na noção de *yôkai*, ao longo das eras japonesas. Seguindo suas referências, durante o período Kamakura, se utilizava a designação *tsukumogami*.

Os *tsukumogami* são criaturas que consistem em antigos objetos comuns de uma casa, mas animados, com pernas e braços. Foster expõe que, de acordo com as lendas sobre esta espécie de criatura, um objeto quando completa cem anos de existência, passa por uma transformação, ganhando um espírito e, portanto, adquirindo vida.

O termo *oni* também é uma realização linguística muito utilizada nas histórias que abordam o tema do sobrenatural, podendo ser comumente encontrado tanto nos *kaidan*, em lendas (*densetsu*) e em outros gêneros de narrativas, como os *mukashi banashi* (histórias de antigamente). Trata-se de um nome que goza de grande popularidade na língua japonesa, sendo traduzido, muitas vezes, por ogro ou demônio.

No entanto, explicar o surgimento do *oni* não é tão simples assim, pois

envolvem variadas teorias sobre sua origem, sua etimologia e sua formação. Reider (2010) também pesquisou profundamente acerca da trajetória deste ser na cultura japonesa e, de acordo com sua pesquisa, a autora apresenta quatro principais linhas de estudo que descrevem a história desta criatura, são elas: a japonesa, a chinesa, a do budismo e do *onmyôdô*.

A linha japonesa, segundo Kondô Yoshihiro<sup>112</sup>, baseia-se na idéia de que os *oni* são produto do medo dos fenômenos naturais sentido pelas pessoas. De acordo com o estudioso, os raios, os trovões, as tempestades, os terremotos e outras diversas forças da natureza eram fortemente associados às ações destes seres, sendo interpretados como sinais de sua ira.

Para elucidar a questão dos *oni* com os fenômenos da natureza, Komatsu Kazuhiko argumenta que faz parte da cultura japonesa o animismo, por isso todas as coisas possuíam uma personalidade, acreditando-se assim que as montanhas, mares e rios tinham vida própria, e ao ficarem furiosos, causavam os eventos naturais.

Com o tempo, estas manifestações da natureza, que era a causa de grandes temores, foi ganhando forma também, dando origem aos *oni*, seres demoníacos que causavam muitos malefícios aos homens.

A linha chinesa, segundo Reider, é um estudo aprofundado da etimologia do caractere *oni*, que, em chinês, significa espírito invisível/espírito de pessoas mortas, tanto de ancestrais como de demônios.

Quanto à parte sonora do termo *oni*, a autora diz que, consonante **Wamyô ruijushô** (930 a. C.), o primeiro dicionário da língua japonesa, a palavra é explicada como uma corrupção da leitura de outro ideograma, o *on*, que significa "esconder", algo como "*hiding behind things, not wishing to appear... a soul/spirit of the dead.*"

Apesar da obra **Kwaidan** possuir apenas essas três histórias sobre 'almas penadas', muitos outros trabalhos de Lafcadio Hearn apresentam narrativas que se centram nas aparições fantasmagóricas de espectros, como a obra **Kotto**<sup>122</sup>, na qual encontramos contos que abordam os *ikiryô* e *shiryô*, termos utilizados para designar tipos específicos de espíritos que explicaremos mais adiante.

Sabemos que as aparições das almas de pessoas que já morreram são manifestações que também se incluem na terminologia *yôkai*, conforme afirmamos previamente.

Além da fundamentação sobrenatural, o que justifica sua inclusão no

campo semântico dos *yôkai*, Foster afirma que os espíritos também possuem a característica marcante da metamorfose, que está presente em várias classes de seres extraordinários.

Para melhor explicar como isto ocorre, Reider sublinha que a morte pode modificar a forma humana para alguma outra "coisa". Além de transformar a forma física humana, o corpo com vida, que deixa de existir, torna-se apenas uma alma, que pode partir deste mundo ou não.

Nesse sentido, a autora prossegue afirmando que a instabilidade da forma tem sido um assunto bastante explorado, podendo ser encontrado em muitas narrativas anteriores ao período Edo.

Para ilustrar tal constatação, a estudiosa relata que na era Heian acreditava-se que, após a morte, Sugawara no Michizane<sup>123</sup> se transformou em espírito vingativo um *onryô*, e causou uma série de infortúnios, apenas se compadecendo uma única vez, motivo pelo qual foi deificado, posteriormente, como um espírito sagrado, um *goryô*

Podemos observar no exemplo acima que Sugawara no Michizane se transfigurou diversas vezes após morrer. Primeiramente, deixou de ter corpo, restando-lhe somente a alma. Em seguida, devido às más ações passou a ser um espírito vingativo (*onryô*) e, após um único ato de bondade, mais uma vez se transformou, tornando-se um espírito sagrado, um *goryô*. Logo, concluímos que, mesmo depois da morte, um ser pode continuar a modificar sua forma.

## **O FANTÁSTICO, MARAVILHOSO, INSÓLITO, ASSOMBROSO**

Nos atuais dicionários da língua portuguesa possuímos as seguintes acepções para os termos fantástico, maravilhoso, insólito, assombroso,

deslumbramento e assustador:

### **Assombroso**

adj. Que provoca assombro; que causa espanto; espantoso ou impressionante.

Sinônimos de Assombroso

Assombroso é sinônimo de: espantoso, sublime, formidável, admirável, inaudito, excelso, portentoso, maravilhoso, magnífico, magnificente, excelente, estupendo, surpreendente

### **Insólito**

adj. Que não se apresenta de maneira habitual; que é raro ou incomum; anormal: problema insólito.

Que se opõe à utilização das normas; que não se adequa às regras ou à tradição: modo de vida insólito.

(Etm. do latim: insolitus.a.um)

### **Fantástico**

adj. cuja existência ocorre somente na imaginação; que só existe na fantasia: gastava seu tempo pensando em coisas fantásticas.

De natureza caprichosa; em que há extravagância; extravagante.

Incomum ou extraordinário: ele tinha uma casa fantástica.

Sem verdade; que pode ter sido inventado; falso: ninguém acreditava no que ele dizia, suas histórias eram fantásticas.

Literatura. Diz-se da narrativa que se enquadra no gênero literário fantástico: contos fantásticos.

s.m. Aquilo que só ocorre na imaginação: o fantástico lhe atormentava.

(Etm. do latim: phantasticus.a.um)

### **Maravilhoso**

adj. Que é capaz de provocar admiração: espetáculo maravilhoso.

Que chama atenção pelas qualidades positivas, pela beleza e excelência: uma música maravilhosa; um sujeito maravilhoso.



Que não pode ser explicado racionalmente; que foge da lógica: história maravilhosa.

s.m. O que é alvo de admiração: o maravilhoso não pode ser explicado.

Literatura. Evento sobrenatural que altera o rumo da ação numa narrativa: o maravilhoso pagão era comum na poesia clássica.

(Etm. maravilha + oso)

Maravilhoso é sinônimo de: espantoso, sublime, formidável, assombroso, admirável, inaudito, excelso, portentoso, magnífico, magnificante, excelente, estupendo, surpreendente

### **Deslumbramento**

s.m. Ação ou efeito de deslumbrar ou de se deslumbrar; deslumbre.

Embaçamento da vista que pode ser causado pela exposição ao excesso de luz (ou por outras razões); vertigem é um tipo de deslumbramento.

Figurado. Condição da pessoa que está encantada; que sente admiração excessiva por; o deslumbramento do filho era compreensível.

P.ext. O que é alvo de admiração; o que pode provocar fascínio: o espetáculo foi um deslumbramento.

Figurado. Capaz de perturbar o entendimento; alucinação.

(Etm. deslumbrar + mento)

Sinônimos de Deslumbramento

Deslumbramento é sinônimo de: esplendor, magnificiência, fulgência, alucinação, deslumbre

### **Assustador**

adj. Capaz de assustar; que causa medo; aterrador: ameaça assustadora; barulho assustador.

P.ext. Fora do comum; extraordinário ou excessivo: desejo assustador.

(Etm. assustar + dor)

Sinônimos de Assustador

Assustador é sinônimo de: terrificante, terrífico, terrível, tremendo,

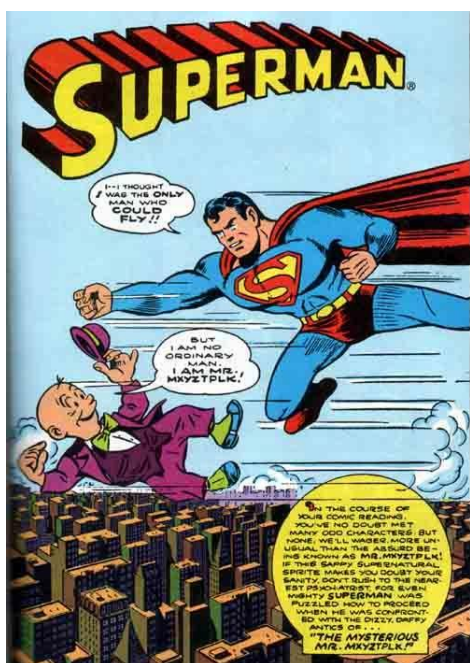
aterrador

Diversos contos japoneses tecerão histórias com essas matizes, o misterioso no imaginário japonês possui uma gama variada de significados, que não são necessariamente sinônimos. Traduzem uma gama de sentimentos diversificados gerados a partir de experiências vivenciadas pelos personagens. As aparições ou visões vão traduzindo ora o medo, ora o pavor, ora o espanto, ora a estupefação dos personagens. O assombro abre um leque de percepções, as coisas estranhas marcam a psique humana de modos diferentes. As Escrituras traduzem essa diversificada gama de sentimentos. As 'aparições', a essência sobrenatural da revelação do Espírito de Deus irá, de modo similar, descortinar o 'maravilhoso' em toda sua magnificência, se pudesse colocar assim, para capturar o 'espanto' do coração humano. Mais que 'assustar' a intenção do Espírito é 'deslumbrar'. Deixar os corações dos ouvintes das Escrituras 'atônitos', atordoados. O desejo de Deus é contar uma história que produza efeitos duradouros na alma, ele é um poderoso contador de histórias. O maior de todos, com os mais assombrosos contos, cuja narrativa também é peculiar, é baseada em FATOS, não em lendas. Na proposta divina para o maravilhoso das Escrituras tudo que é narrado é REAL, é baseado numa visão espiritual autêntica, é fruto de um TESTEMUNHO, é nos revelado a partir de quem as VIVÊNCIOU. As tradições mágicas e assombrosas do mundo recontam contos milenares, vão acrescentando cores, saberes, tradições, atos diversos, cenas, personalidades, consequências, as aventuras de seus 'yokais'. Os contos assombrosos vão se reinventando, vão incorporando elementos LUDICOS na intenção de encantar uma nova plateia, uma nova audiência, num outro povoado, numa época distante das 'experiências sobrenaturais' que lhes originaram. A proposta divina, porém, é de narrar um assombroso atemporal, enigmático para todas as gerações, poderoso e emocionante.

A palavra 'maravilhoso' possui uma antiga etimologia que remete a algo 'cheio de mistério'. Jesus é apresentado como maravilhoso, sendo ele também 'o mistério oculto em todas as gerações'. Podemos lembrar da cena em que o pai de Sansão pergunta o nome do anjo que lhe entrega a promessa do nascimento do herói: - Porque questionas o meu nome, visto que é MARAVILHOSO? O nome de uma 'entidade' na antiguidade era uma grandiosa revelação, porque acreditava-se que o poder de invocar uma deidade, uma 'daimon' ou um espírito qualquer significava em primeiro lugar conhecer seu nome. Havia espíritos tenebrosos que eram temidos em diversas culturas como demônios que causavam males e não podiam ser detidos porque jamais haviam revelados os seus nomes. Era difundida a crença de que o domínio sobre determinadas entidades significava conhecer previamente seu nome. Essa premissa está presente no antigo conto dos irmãos Grimm *Rumplestiltskin*



(o demônio que cobrava alto preço pela magia que realizava e cujo contrato só poderia ser desfeito se pudessem fazer com que pronunciasse seu nome ao contrário – personagem que irá inspirar um personagem em quadrinhos, o duende da quinta dimensão Mister Mxyzptlk que inferniza a vida do homem de aço)



Era praxe dos exorcistas judaicos a necessidade de conhecerem o nome dos demônios para tentarem dominá-lo, **dai o fato de nunca terem conseguido sucesso na expulsão do demônio mudo.**

Em relação aos acontecimentos de característica sobrenatural, Todorov aponta três gêneros de estruturas narrativas, são eles: o Estranho, o Fantástico e o Maravilhoso. No entanto, o mesmo autor propõe que estas três categorias

também podem se subdividir em outras subcategorias, como no quadro explicativo abaixo:

Estranho Puro	Fantástico - Estranho	Fantástico - Maravilhoso	Maravilhoso Puro
------------------	--------------------------	-----------------------------	---------------------

Segundo as explicações de Todorov, o gênero Estranho reporta-se às narrativas em que as leis da realidade permanecem intactas, permitindo-se a explicação dos fenômenos descritos por meio de uma explicação racional.

O Fantástico-Estranho, por sua vez, diz respeito às narrativas em que os acontecimentos estranhos conduzem o leitor a acreditar numa intervenção sobrenatural, porém, ao final, acabam por ganhar uma explicação racional. Todorov afirma que esta variedade de narrativa também é chamada de "sobrenatural explicado".

As narrativas, de um modo geral, que apresentem um fato insólito e por conseguinte, não aleguem nenhuma explicação lógica, sugerindo a existência do sobrenatural, estão no terreno do Fantástico-Maravilhoso.

Segundo este autor, esta classe de narrativa implica numa oscilação do leitor em crer ou não na natureza sobrenatural dos fatos apresentados no texto, esta hesitação, que também é chamada por Todorov de **hesitação fantástica**, é o que configura a narrativa *Fantástico-Maravilhosa*.

De acordo com outro autor, Flávio Garcia, o fato insólito pode ser compreendido da seguinte maneira:

Os eventos insólitos seriam aqueles que não são freqüentes de acontecer, **são raros, pouco costumeiros, inabituais, inusuais, incomuns, anormais, contrariam o uso, os costumes, as regras e as tradições, enfim, surpreendem ou decepcionam o senso comum, às expectativas quotidianas correspondentes a dada cultura.**

A explicação proposta acima relata que o fato insólito é algo que foge ao que se considera ordinário, o que também está de acordo com a compreensão do termo sobrenatural. Porém, o insólito também se dirige a algo que surpreende ou decepciona as expectativas do cotidiano de cada cultura, ou seja, está implícita

a ideia de algo inesperado.

Os milagres narrados nas Escrituras são exuberantemente INSÓLITOS, eles se 'rebelam' contra o status quo, realizam o absurdo, o inesperado, desdizendo o que os antigos tinham dito, indo na contramão da ciência, da religiosidade, dos costumes. Por isso ao quarto dia e somente no quarto dia Jesus vai em encontro a Lázaro, porque a crença judaica acreditava firmemente que a alma humana ainda poderia retornar ao corpo até o terceiro dia após a morte.

A humilhação das deidades egípcias, a zombaria dos profetas de Baal, a afronta ao poder real que envia três esquadrões com cerca de 50 homens para 'forçar' ao profeta a se apresentar ao rei, na cena com Elias, assim também a 'desobediência' á morte anunciada na fomalha pelo soberano de Babilonia, no evento de Sadraque, Mesaque e Abdnego.

Outro fator indicado por Todorov, que também diz respeito à estrutura das narrativas Maravilhosas, é a questão da transgressão de uma regra. De acordo com o referido autor, o sobrenatural possui a função de transgressão, seja na vida social ou no interior da narrativa, como se observa na passagem abaixo:

Torna-se claro, afinal, que a função social e a função literária do sobrenatural são uma única: trata-se da transgressão de uma lei. Seja no interior da vida social ou da narrativa, a intervenção do elemento maravilhoso constitui sempre uma ruptura do sistema de regras preestabelecidas, e acha nisso sua justificação.

## **OS FANTASMAS VIVOS, OS YOKAIS ESPIRITUAIS**

No entanto, no folclore sobrenatural dos japoneses, não há apenas espectros de pessoas já mortas. Há também a variação de aparições ou perseguições de almas de pessoas ainda vivas. Em outras palavras, acreditava-se que mesmo alguém ainda vivo podia ter a alma despreendida do corpo e causar transtornos para aqueles que o incomodavam. Este tipo de fenômeno espiritual é conhecido pelo nome de ikiryô. Nas versões em japonês de Kwaidan, os termos mais utilizados para designar as aparições das almas penadas são reikon (a alma despreendida do corpo), onibi (bola de fogo-fátuo), onryô (espírito vingativo) e tamashii

(também significa alma).

No texto em inglês, de Lafcadio Hearn, as expressões utilizadas para se referir ao mesmo conceito são *ghost* (fantasma), *ghostly-fires* (fogo-fantasmagórico, referindo-se à bola de fogo-fátuo) e *spirit* (espírito).

Observando os diversos termos em japonês que foram acima citados, podemos perceber o quanto a língua japonesa é rica ao se expressar as formas sobrenaturais oriundas do pós-morte. No entanto, existe outra terminologia na língua japonesa, bastante popular, utilizada para se reportar à mesma noção, trata-se do vocábulo *yûrei*

A palavra *yûrei* é usada, de maneira geral, para indicar a idéia de fantasma ou espectro, sempre recordando a noção do retorno de alguém já morto, porém não mais como matéria viva, e sim numa outra forma, que podemos dizer ser imaterial. Partindo dos caracteres que formam o termo, também chegamos ao mesmo conceito. O primeiro ideograma, *yû*, tem seu campo semântico relacionado com algo que tem a forma vaga, leve, borrada. Já o segundo caractere *rei*<sup>128</sup> invoca o sentido de alma ou espírito, isto é, uma forma de existência separada do corpo físico.

Em oposição ao termo *ikiryô* (espírito de uma pessoa viva) temos o termo *shiryô* (espírito de alguém que morreu). O ideograma *rei* também compõe as palavras: *reikon*, *onryô*, *ikiryô* e está presente em muitos outros termos que se referem à idéia de espírito ou alma penada.

## OS LUGARES CELESTIAIS

### *O País de Hôrai (Horai)*

Na narrativa *O País de Hôrai (Horai)* possui peculiares características comparado aos demais textos da obra **Kwaidan**.

Inicialmente, devemos salientar que não se trata de uma narrativa sobre algum acontecimento, tão pouco, foca-se em alguma criatura sobrenatural. O principal

---

tema deste texto é um lugar, um país encantado, o reino de *Horai*.

De acordo com a explicação proposta por Lafcadio Hearn, *Horai* é um lugar muito especial e extraordinário, embora ele mesmo nunca tenha estado no local. A descrição mais concreta que o autor tem sobre a região advém de um *kakemono*<sup>150</sup>, uma espécie de pintura que se encontra suspensa na parede de seu quarto. A referida pintura intitula-se *Shinkirô*, que significa miragem, e consiste num retrato, indefinido e difuso, de como seria *Horai*. Segundo as descrições dos antigos livros chineses, *Horai* é um lugar extraordinário porque não existe nem fome, nem doença e, muito menos, a morte. Lá, todos os habitantes são felizes, pois não existe a dor e nem o sofrimento.

Podemos entender, portanto, que se trata de uma terra encantada. De acordo com uma nota publicada por Francisco Handa<sup>151</sup>, *Horai* também é conhecido por outro nome: País de Tokoyo. Outra designação utilizada pelo próprio Lafcadio Hearn é Palácio do Dragão, este nome também costuma ser usado para se reportar ao País de Tokoyo, como ocorre na famosa narrativa folclórica japonesa chamada Urashima Tarô. Contudo, todas estas nomenclaturas referem-se a um lugar mítico e perfeito, presente em muitas lendas chinesas e japonesas.

Um lugar maravilhoso é algo bastante comum em muitas literaturas de diversos povos. Normalmente, estes locais imaginários compartilham de diversas propriedades extraordinárias, que são derivadas de alguns anseios comuns aos homens, independentemente de suas origens.

Na descrição de *Horai*, também se enfatiza o aspecto da abundância e da ausência de doença, dor e morte, conforme podemos observar na passagem destacada abaixo:

Em *Horai* não existia morte nem dor, e nem inverno. As flores nunca murchavam e as frutas não se estragavam. Se um homem provava um desse fruto ele nunca mais sentia sede ou fome. Em *Horai* cresciam plantas encantadas conhecidas por *So-rin-shi*, *Riku-go-aoi* e *Ban-kon-to*, que curavam todas as formas de doenças. Havia também no local a erva mágica *Yoshin-shi*, que ressuscitava os mortos.

154

Quanto aos habitantes de *Horai*, Lafcadio Hearn os delineia da seguinte maneira:

Como em *Horai* não era conhecida a maldade, os corações das pessoas nunca envelheciam. Por essa razão, o povo de *Horai* sorria, desde o nascimento até a morte... Todos se amavam e acreditavam uns nos outros, como se fossem membros de uma única família. A linguagem das mulheres era como o canto dos pássaros, porque suas almas eram iluminadas como a dos pássaros. O esvoaçar das mangas de seus vestidos parecia-se com a agitação larga e macia dos ventos [...] <sup>155</sup>

## OS YOKAIS INSETOS

No Japão, desde tempos ancestrais, existe uma sabedoria popular que diz que os insetos trazem alguns avisos, isto é, presságios. (mushi – inseto) Frases como "*Hara no mushi ga osamarana!*" ("Ficar muito irritado a ponto de não se conter"), "~~*Mushizu ga hashiru*~~" ("Ficar insuportavelmente descontente a ponto de sentir raiva no peito") e "*Mushi ga sukanu*" ("Sentir repugnância") <sup>39</sup> são repetidas até hoje, mostrando o quanto o termo "mushi" (inseto) é popular para demonstrar inúmeros sentimentos e sensações.



A esse respeito, Konno afirma que, sempre antes de ocorrer uma calamidade, ocorre um presságio vindo dos insetos, porém, os avisos não se restringem a maus presságios ou destruições, podendo também, em outras ocasiões, indicar sorte.

No entanto, apesar do termo utilizado para designar os presságios ser "*mushi no shirase*", que significa literalmente "aviso dos insetos", os prenúncios não necessariamente precisam vir de insetos.

Em muitos casos, os pressentimentos são oriundos de comportamentos estranhos de animais ou do estado anormal das plantas ou minerais. Além disso, aos sonhos também são atribuídos muitos prognósticos, bem como em sinais auspiciosos em recipientes com chá<sup>40</sup> e sons como assobios<sup>41</sup>, os quais se escutam oriundos da natureza.

Entretanto, existem os vaticínios que se originam justamente no comportamento dos insetos. Konno, para exemplificar esta superstição, relembra que, desde muito tempo, os japoneses associam a aparição na superfície dos insetos que vivem no subterrâneo do solo, tais quais as minhocas e outros animais semelhantes, como um anúncio de catástrofes naturais, a exemplo dos terremotos.

Os insetos, na cultura japonesa, possuem um espaço bastante valorizado no imaginário sobrenatural japonês. De uma maneira geral, estas pequenas criaturas são vistas como seres sábios, possuidores de conhecimentos, que, para os homens, constituem-se como mistérios.

Anteriormente, no capítulo sobre o imaginário japonês, abordamos a expressão *mushi no shirase* ( )<sup>158</sup>, entendido por algo como 'aviso dos insetos', também utilizado para tratar de presságios, o que demonstra a relação entre destes minúsculos seres com o sobrenatural.

O ensaio ***Borboletas (Chô)*** também se desenvolve em forma de um estudo dirigido sobre estes belos insetos e a sua relação com as crenças japonesas. Preliminarmente, é anunciada a origem chinesa do pensamento que dá à borboleta um papel especial no imaginário japonês, pois, de acordo com Lafcadio Hearn, praticamente todas as histórias japonesas que envolvem estes seres alados tem origem na China.

Na China, prossegue o autor, as borboletas indicam beleza, mas também são compreendidas como o espírito de alguém. Esta concepção foi transmitida para o imaginário dos japoneses.

Embora estas mencionadas lendas e narrativas não sejam contadas detalhadamente, Lafcadio Hearn cita superficialmente algumas crenças e histórias acerca das borboletas.

Existe, por exemplo, a crença de que "*se uma borboleta entrar em sua sala e pousar atrás de um biombo de bambu, a pessoa que você irá amar estará vindo ao seu encontro*".

O autor também adverte que, como a borboleta pode ser o espírito de alguma pessoa, não existe razão para temê-la.

Não obstante, Lafcadio Hearn relata a ocorrência de histórias de borboletas que causaram medo devido sua grande quantidade:

Na época em que Taira-no-Masakado secretamente preparava sua famosa revolta, surgiu em Kioto uma revoada de borboletas assustando a todos. O povo pensou ser um presságio do mal que estava chegando... Imaginou que talvez essas borboletas fossem os espíritos de centenas de condenados que estavam por perecer na batalha; e que eles estariam agitados com a véspera da guerra, porque haviam tido estranhas premonições de que morreriam.

De acordo com o ensaio, a borboleta, segundo a crença japonesa, pode ser tanto a alma de uma pessoa morta como de alguém ainda vivo. Além disso, acredita-se que a alma assume os contornos de uma borboleta, com o objetivo de anunciar a partida do corpo deste mundo.

Lafcadio Hearn, em relação a isto, assevera que "*Por isso, as borboletas que entram nas casas devem ser muito bem tratadas*" <sup>164</sup>.

Após as várias páginas de relatos sobre a borboleta e sua faceta associada aos espíritos, o autor discorre sobre outros aspectos do inseto, que não possuem nenhum significado ligado ao sobrenatural, e, sim, com a ideia de beleza e amor. Por isso, a segunda parte do texto é composta por várias análises de poemas japoneses - *haiku* os quais trabalham a visão das borboletas como algo maravilhoso.

Um texto sobre as formigas é o ensaio denominado ***Formigas (Ari)***, que, como os outros dois escritos sobre os insetos já analisados, se estrutura na forma de um ensaio sobre a figura destes pequeninos seres e seu papel no imaginário japonês.

Ainda na primeira parte deste ensaio, o autor discorre sobre uma história, de origem chinesa, que demonstra o poder extraordinário destas diminutas

criaturas.

Trata-se de uma narrativa que versa sobre um homem que sempre praticava boas ações, e, por tal motivo, recebeu uma dádiva, qual seja, a de compreender a linguagem das formigas. Após ser agraciado, foi verificar sua nova aptidão, inclinando-se até uma pedra onde havia duas formigas e constatou que podia entendê-las. Elas diziam:

– Vamos achar um lugar mais quente – propôs uma delas.

– Por que um lugar mais quente? – perguntou a outra – O que de errado tem este lugar?

– É muito úmido e frio, respondeu a primeira formiga. – Um imenso tesouro está enterrado aqui; e dessa forma, o sol não consegue esquentar a terra. <sup>170</sup>

Ao ouvir o diálogo das formigas, o homem logo pegou sua enxada e começou cavar até encontrar uma grande quantidade de jarros cheios de moedas de ouro. Depois deste incidente, ele nunca mais conseguiu compreender o que as formigas falavam. Esta história ilustra o conhecimento que estes insetos podem possuir, mesmo que, à primeira vista, pareçam ser criaturas insignificantes. Conforme vimos na expressão 'mushi no shirase', os insetos são mesmo detentores de grandes conhecimentos ou saberes, por isto, é comum a observação destas pequenas criaturas para a previsão de grandes catástrofes ou outros acontecimentos. A história acima é apenas uma alegoria deste pensamento, corroborando para a concepção de que as formigas são também seres extraordinários. A sequência deste ensaio analisa os hábitos das formigas e sua formidável estrutura social. De acordo com o autor, o fato das formigas possuírem uma estrutura social dividida por funções e nunca deixarem de exercer seus encargos é o que resulta numa harmonia perfeita para o fortalecimento e funcionamento de todo o grupo social.

Além do folclore e do literário nós temos o universo japonês de significados mágicos em seus rituais, em suas meditações filosóficas, em sua religião e em suas artes mágicas e supersticiosas, que completam o quadro de relacionamento com o assombroso.



## A ARTE CHINESA/JAPONESA, O YOKAI DIVINO E A INVOCAÇÃO MÁGICA



A Arte Chinesa e a Cerimônia do Chá podem nos ajudar a entender a revelação do Pai no Antigo Testamento.

A cerimônia do chá japonesa (chanoyu 茶の湯, lit. "água quente [para] chá"; também chamada chadō ou sadō, 茶道, "o caminho do chá") é uma atividade tradicional com influências do Taoísmo e Zen Budismo, na qual chá verde em pó (matcha, 抹茶) é preparado cerimonialmente e servido aos convidados. O praticante de cerimônia do chá precisa ter conhecimento de uma ampla gama de artes tradicionais que são parte integral do chanoyu, incluindo o cultivo e variedades de chá, vestimentas japonesas (kimono), caligrafia, arranjo de flores, cerâmica, etiqueta e incensos — além dos procedimentos formais de seu estilo de chanoyu, que podem passar de uma centena. Assim, o estudo de cerimônia do chá praticamente nunca termina. As artes japonesas, assim como as chinesas

incorporam visões da vida, filosofias, metáforas, meditações sobre a espiritualidade, em cada detalhe. Os requintados cerimoniais da arte do chá incorporam a mesma complexidade das REPRESENTAÇÕES espalhadas em cada gesto de diversas atividades lúdicas.

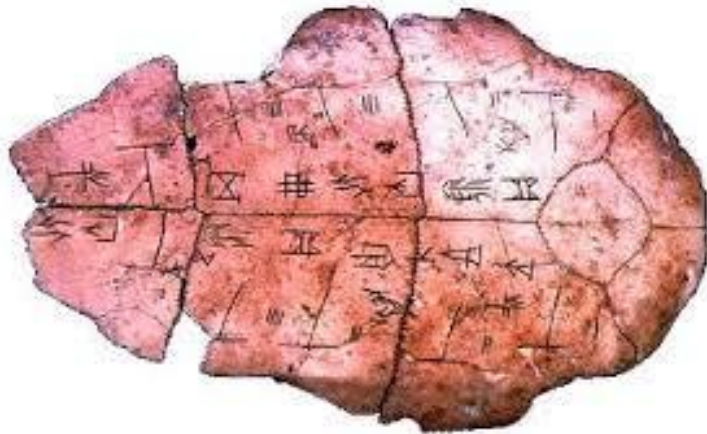


Na arte do Oriente, o olho e a mão foram adestrados à custa de cópia de modelos que concentravam com exatidão a experiência pictórica dos séculos. Entretanto, as regras não tinham como meta a imitação externa das figuras, e sim captar o sentimento que anima a pincelada, cujo movimento organicamente controlado devia coincidir com o modelo. As suas tradicionais formas sociais, os seus costumes mais mágicos que religiosos de aproximação do sagrado, tornam difícil a compreensão do fazer artístico na China. A estética da sua arte reúne todos estes elementos: simbolismo ideológico, extrema antiguidade, evolução particular e complicada dos conceitos artísticos, fundamento mágico-religioso das suas crenças. Há, independentemente de qualquer teoria, um sentimento

comum a todos os calígrafos. Eles acreditam que a sua arte é um caminho para outra realidade espaço-temporal, seja ela histórica, imaginativa, religiosa e, além disso, é um exercício que acreditavam conceder saúde e prolongar a vida.

## A ESCRITA MÁGICA

Explica-nos Tseng Yuho, era comum que um grande chefe de estado fosse, simultaneamente, um grande calígrafo. A Escrita Oracular (甲骨文字), também consistia no recurso a pictogramas, gravados, por exemplo, em carapaças de tartarugas, com **o objetivo de comunicar com o sobrenatural**. Os caracteres decorativos (ligados à escrita do Selo (篆書)) cumpriam **funções mágicas**, isto é, os chineses criam possuírem o poder de realizar o que as suas palavras prometiam. A filosofia da escrita chinesa está interligada com o seu desenvolvimento pelo correr dos séculos. A Caligrafia foi, ao longo da história, ganhando cada vez mais aspectos formais e abstratos. Num breve resumo da história da escrita, verificamos que esta na pré-história, entre 5000 a.C e 2000 a.C, começou por cumprir funções mágico-utilitárias, inaugurando a fase dos pictogramas, denominados de Inscrições Pré-Históricas (上古文字).



(carapaça de tartaruga)

Esta fase veio a ser substituída por outra chamada de Escrita Oracular (甲骨文字). A partir de 500 a. C e até à primeira grande unificação da China, levada a cabo pela dinastia Qin ( 220-206 a. C), desenvolve-se a Escrita do Selo (篆書)<sup>17</sup>, sobretudo a mais antiga, a do Selo Grande (大篆).



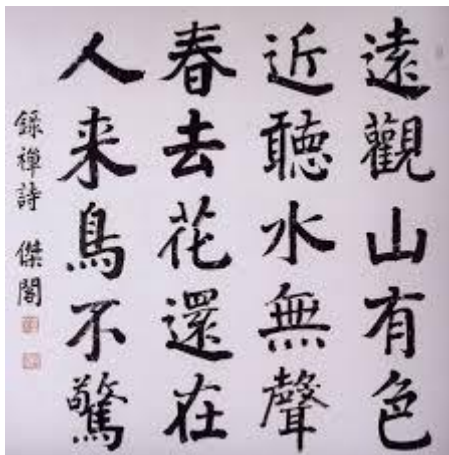


Este tipo de escrita é ainda bastante pictórico, no entanto, já foi sujeito a algumas formalizações óbvias e, por isso, a par da Escrita do Selo Grande coexistem as Inscrições Pictóricas propriamente ditas (象彩文) na época da dinastia Qin, com a unificação do império, a caligrafia volta a ser submetido a novo processo de abstração, é mais uma vez regularizada, para cumprir funções sociais. Inaugura-se o período do Selo Pequeno (小篆),

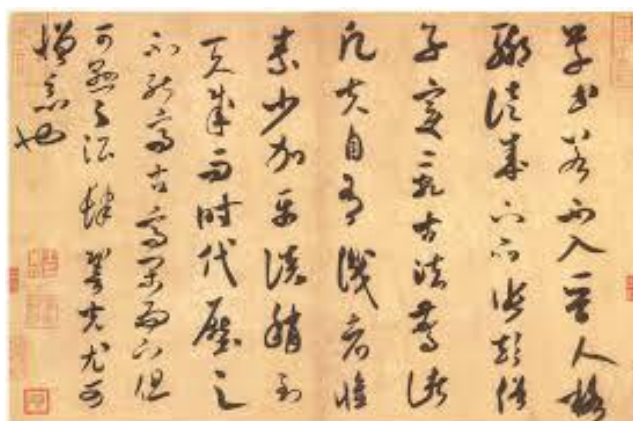


caracterizado por uma escrita quase despida de elementos pictóricos. a escrita utilizada para fins mágico-decorativos, ou para fins estritamente religiosos, (飾文符書) era, ainda, essencialmente pictoralista e evoluiu a partir da Escrita do

Selo. Surge então entre os séculos segundo e terceiro da nossa era a Escrita Regular(楷書).



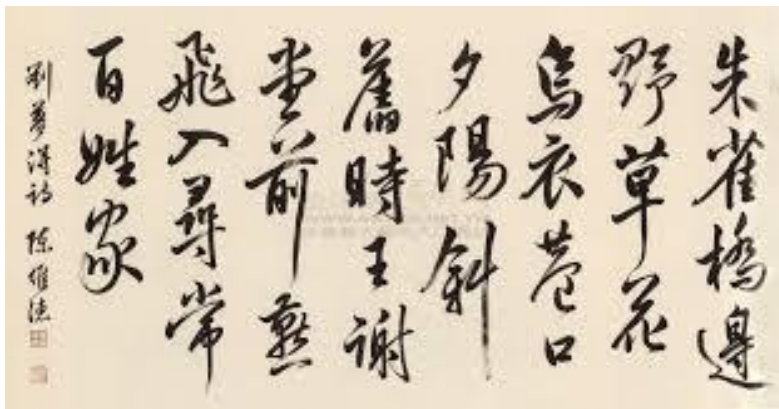
Esta é ainda denominada a Escrita Verdadeira (眞書) e o seu padrão quadrado e regular, tem sido utilizado, até hoje, na China. No tempo dos Han vai surgir outro estilo caligráfico denominado de Rascunho (草書)



numa das suas manifestações mais radicais, pode atingir movimentos perfeitamente delirantes, selvagens mesmo,

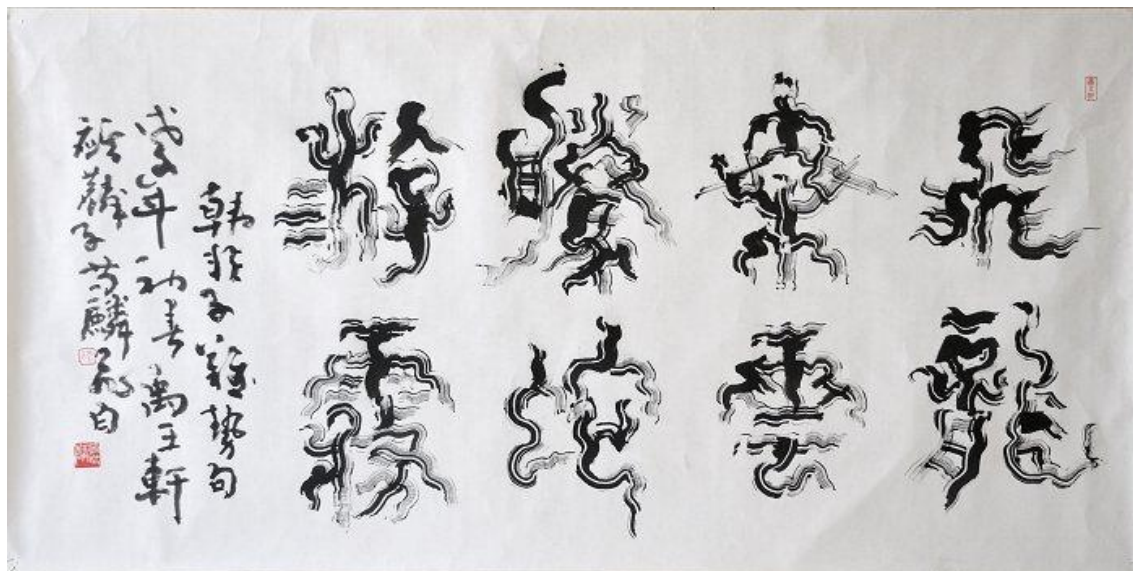


e por isso, foi batizado com o nome de Cursivo ou Rascunho Selvagem (狂草). o estilo Corrente (行書), ou de ação, que se terá desenvolvido durante as dinastias Qin, ou seja, entre 265 e 420, e que é uma mistura dos estilos Regular e de Rascunho.



Contém estilos mais visíveis, os mais antigos, que poderiam ser, continuando a aprofundar esta filosofia do corpo, os seus sentidos — e estamos a pensar nos pictogramas do início do sistema escrito chinês, especialmente nas Inscrições Pré-Históricas, na Escrita Oracular e na do Selo, donde deriva a **Escrita Mágico-Religiosa**. A Escrita Decorativa (飾文) surgiu em força no final da dinastia Zhou e teve um período de grande desenvolvimento até às dinastias Han. Estes caracteres decorativos **por cumprirem funções mágicas**, isto é, *por possuírem o poder de realizar o que as suas palavras prometem*, são muito utilizados tanto pelas religiões budista e taoísta, como pela população em geral. Os caracteres

decorativos andam sobretudo ligados à escrita do Selo (篆書), podendo ser encontradas noutros estilos caligráficos, ou associadas a técnicas específicas, como a magnífica técnica **Voando Branco** (飛白), escrita frequentemente com uma só pincelada.



Esta técnica, muito usada **no budismo esotérico**, é muito popular porque os chineses acreditam que: **Os escritos mágicos redigidos em Voando Branco têm um poder especial no mundo sobrenatural**. Há, finalmente a Escrita Mágico-Religiosa propriamente dita, muito utilizada nos círculos do budismo e do taoísmo populares. Ao contrário da Escrita Decorativa, apresentada em estilos essencialmente pictóricos e de fácil acesso a um chinês alfabetizado, a escrita mágico-religiosa recorre, frequentemente, **a grafos secretos**, e, portanto, tende a assumir a forma dum estilo esotérico que possui códigos especiais para os três reinos filosóficos: o céu, representado por círculos; a terra, por quadrados e o homem, por todo o tipo de formas naturais, de serpentes a pássaros. Os escritos denominados de Religiosos (符) têm por finalidade, tal como a maioria dos Escritos Decorativos: Curar; Chamar a riqueza, a longevidade, em suma, afastar a

má fortuna e atrair a boa sorte. A escrita mágica, geralmente na forma escrita, chama-se fu (符) quando usada para rezas ou maldições, geralmente na forma oral, é chou (咒). Parece-me importante reter que *o povo do dragão* acredita mesmo no poder efetivo da escrita: basta ter um rolo na parede com alguns caracteres ou frases auspiciosas para se estar protegido ou, o mesmo é dizer, em comunicação com os poderes invisíveis do universo.

Em suma, no universo de meditação das artes chinesas há detalhes escondidos que revelam um universo de significados ora mágicos, ora filosóficos, ora espirituais. A ligação entre o mundo divino e o humano, representados de infundáveis maneiras na síntese da cerimonia do chá, desde o modo com que o calígrafo esboça um traço nas louças escritas, até o modo como a moça acende o incenso.



**Jesus é o cumprimento da mágica vislumbrada nos 'mantras escritos'** do imaginário mágico oriental. Ele é o 'verbo' de Deus, ele é aquele que se chama 'A Palavra de Deus', ele é aquele cuja **palavra pronunciada** jamais passará. Ele mesmo é uma 'palavra', uma mensagem divina, sua essência é a mesma da voz de Deus, da palavra divina que tudo cria e sustenta. Nada é mais MÁGICO que CRISTO.

Jo 1,1-3

-1 No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus. 2 No começo ela estava voltada para Deus. 3 Tudo foi feito por meio dela, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela.

**Porém ele não pode ser escrito em tiras, em panos, transformado em caracteres, pintado em vasos, na pele, em adornos, em madeira ou qualquer coisa que seja. Jesus é como uma CALIGRAFIA ESPIRITUAL, e o único lugar**

## **no universo onde ele pode ser 'escrito' é no ESPÍRITO HUMANO.**

Toda a essência mágica da caligrafia japonesa, chinesa ou coreana é um SÍMBOLO de algo inimaginavelmente maior. Cada pedaço de papel com letras que carregam esperança de proteção, livramento, prosperidade, preservação, salvação, pendurados em templos, colocados em entradas de casas, em praças públicas, estendidas por ocasião de nascimentos, noivados, casamentos e mesmo funerais, apontam para uma ESCRITA CAPAZ DE MUDAR A REALIDADE HUMANA E ATÉ MESMO ESPIRITUAL. Nenhum livro, nenhum texto, por mais inspirado tem tal poder, tal autoridade. Tal magia. Mas, o EVANGELHO possui tais ESPERANÇAS! Ele atende a tais expectativas porque quem lhe concede lastro é o Espírito de Deus, quem lhe concede autoridade é Deus. Paulo não compreendia o evangelho como um conto, uma narrativa, uma ficção, uma pregação. Considerava-o o PODER DE DEUS para transformar o coração humano. Poderoso para conceder PODER ao ser humano, capaz de realizar o que os asiáticos criam que os dizeres escritos tinham poder, conceder AUTORIDADE sobre espíritos malignos!

*36 Dominados pelo espanto, diziam uns aos outros: «Que palavra é esta? Ordena com autoridade e poder aos espíritos malignos, e eles saem!» Lucas 4:36*

*17 Estes sinais acompanharão aqueles que crerem: em meu nome expulsarão demónios, falarão novas línguas, 18 apanharão serpentes com as mãos e, se beberem algum veneno mortal, não sofrerão nenhum mal; imporão as mãos aos doentes e eles ficarão curados.» Marcos 16:17-18*

Poucas coisas na terra representam de modo tão poético a abrangência das operações presentes no ministério de Cristo (cura, livramento, libertação, preservação, milagres, expulsão de demônios, bem-aventurança, proteção, orientação, esperança, etc.) como a ESCRITA MÁGICA, a arte da caligrafia asiática.

As Escrituras traduzem essa essência da 'escrita sagrada', da palavra dita por 'deuses', de segredos revelados por anjos, de 'magia' na boca dos profetas que aproxima-se sobremodo de alguns aspectos desse universo caligráfico asiático.

Nas Escrituras temos também de modo inusitado, explícito, a caracterização da 'escrita mágica'. No evento da orgia de Belsazar no livro de Daniel. "Mene, mene Tequel Upharsim"

## **O Fator Yokai e o Evangelho**

Lendo o imaginário japonês (a tradição mais estudada para comparação, o enfoque principal), mais algumas tradições do assombroso na Índia e na Irlanda,

podemos verificar vários temas presentes em seu folclore, religião, cultura e literário que nos conduzirão ao assombroso das Escrituras (dentro dos parênteses onde estão contidos os conceitos do 'assombroso' japonês):

- Lugares sagrados cuja a entrada e permissão depende de espíritos (O tabernáculo e o santo dos santos, a arca do concerto, o monte Horebe);

- Lugares mágicos cuja permanência transforma quem ali está( A transfiguração de Moisés, usa face brilha ao passar 80 dias no monte, a transfiguração de Cristo no Hermon);

- Yokais ou seres sobrenaturais que mudam de forma ou aparência, possuidores de poderes diversificados, algumas vezes inquantificável, representando mistérios insolúveis, enviados de deuses e até sendo deidades, algumas eternas ou imortais (A serpente no Éden, a serpente voadora de Isaías, o leviatã em Jó, a as bestas em Daniel);

- Representações que fazem uma releitura de tragédias, mortes injustas, crueldades, fantasmas que requerem vingança ou justiça para poderem descansar em paz (a maldição do fundamento de Jericó, a aparição do anjo em Jerusalém para Davi após a morte dos israelitas, a morte dos primogênitos no Egito);

- Monstros que representam atos de maldade humana (o espinheiro de Abimeleque, a moça bêbada de Apocalipse, o dragão escarlate na qual ela se assenta);

- Presságios, sinais e profecias fruto de mudança ou movimento de objetos, coisas, mudanças da natureza, sonhos e visões (o velo de Gideão, a florescência dos cajados na arca, a queda 'mágica' e a fratura da imagem de Dagon em seu santuário, a quebra do altar com espalhamento de cinzas, as dezenas de visões das Escrituras)

- Uma percepção de um mundo mágico, onde tudo possui vida, uma presença, uma voz, sentimentos (Balaão, As visões de Zacarias e Ezequiel, a parábola de Jotão);

- Montanhas, florestas e bosques sagrados (o jardim do Éden, o Sinai, o Horebe, o monte Gerizim, os jardins de Cantares, o jardim sagrado de Ester, os bosques consagrados às divindades cananéias, as árvores mágicas adoradas pelos israelitas) ;

- Maldições que destroem pessoas, que permanecem nas gerações posteriores ( o pecado de Acã, a maldição de Josué sobre Jericó, a auto-maldição dos judeus na condenação de Cristo);

- O insólito, o sobrenatural, o assombroso, o aterrorizante, o desconhecido, o misterioso e o maravilhoso (Sansão, Elias, Eliseu, Daniel, Cristo);
- A morte metamorfoseada em diversos personagens (a morte na panela dos filhos dos profetas com Eliseu, o anjo da morte sobre os primogênitos dos egípcios, a morte amaldiçoada por serpentes no deserto);
- O mar como morada ou habitação de demônios (Livro de Isaías, a aventura de Jonas, em Salmos);
- A doença e a enfermidade como produto de espíritos (a doença de Saul, as enfermidades curadas por Cristo);
- talismãs, amuletos, coisas malditas (os astarotes de Raquel, os talismãs em Cantares de Salomão, as coisas declaradas ao anátema);
- Espíritos, espectros, seres fantásticos de toda sorte ( anjos, querubins, serafins, demônios, espíritos imundos, seres fantásticos das visões de Daniel, Zacarias e João);
- Insetos com representação espiritual, com funções divinatórias, como representação da alma humana, como no caso de borboletas (uma releitura literária das pragas do Egito e seu significado, os gafanhotos em Joel) ;
- Sabedoria conectada a insetos (no Livro de Provérbios, a aranha, as formigas);
- Animais que podem comunicar-se com vozes humanas (a mula de Balaão, a serpente);
- O maravilhoso com função PEDAGÓGICA, ensinando lições (o tempo inteiro em toda a Escritura;
- Lugares celestiais, lugares paradisíaco;
- A escrita mágica, capaz de amaldiçoar, capaz de curar (no Dorama coreano que simula um jogo de cartas da sorte, Lucky Love, em uma de suas cenas a protagonista desenha um texto ao lado de um machucado do rapaz que gosta para que cicatrize mais rapidamente), capaz de profetizar ou produzir presságios, capaz de proteger, capaz de impedir a chegada, a entrada ou a permanência de um poder espiritual num recinto.
- Atos mágicos, gestos que invocam espíritos ou que manifestam poderes.
- Cantos mágicos. Canções que podiam mudar a natureza, convocar animais, trazer a chuva, invocar entidades sobrenaturais.
- O mistério que uma vez revelado, pelo Yokai, trás a salvação ou a solução para



o dilema do herói (temos o sonho esquecido de Nabucodonozor e a interpretação revelada á Daniel)

**O Espírito de Deus sabe que está diante de um mundo mágico, na compreensão dos povos.** Na imaginação humana **sibila** o sobrenatural, caminha o idílico, transborda o misterioso; ela abraça ao assombroso, mistura-se nela a fantasia com o imaginário, o sonho com os mistérios naturais, os pesadelos com a influência espiritual. Cada aspecto da vida humana do homem da antiguidade é pesado na balança da sobrenaturalidade, na contagem da sorte e do azar, na benção e na maldição, fruto da atuação ou não de poderes espirituais. Os homens compreendem seus destinos amarrados a um destino inviolável, muitas vezes decidido por forças invioláveis antes mesmo que nascessem, abraçam com resignação presságios ou fatalidades muitas esperadas como eventos inalteráveis no curso de suas existências.

Por isso a importância dos profetas. Desses rebeldes contra o curso da existência, desses revoltosos contra as ordens monásticas, indo além da força dos rituais, desrespeitando os sinais das estrelas, ao poder dos sonhos, zombando da força horripilante das pragas, decretando a falência de sistemas de crenças milenares, interferindo na vontade de divindades, afrontando o algúrio dos deuses, de seus templos sagrados, suas imagens cheias de encantos e escritos de maldição, e agindo como se todas as maldições e magias fossem como uma risada de um bebê.

Porém não bastava um mundo de coisas espetaculares as quais Deus poderia idealizar, era necessária uma aproximação divina desse panteão desengonçado de assombrações. Até certo instante os profetas eram tidos como magos. Qual a diferença num mundo absurdamente mágico de mais algum sujeito com uma história absurda? Entra em cena *o nosense divino*. Entra em cena a SABEDORIA do Espírito na condução do mágico divino, do verdadeiramente espiritual, do essencialmente celestial, cuja origem não era outro senão o trono no qual o único DEUS verdadeiro se assentava e reina eternamente. Não bastava assombrar os incautos, recontar antigas fábulas fantasmagóricas com vestimentas de uma outra religião qualquer. Deus o faria com excelência e uma pedagogia que mnemônica, a arte da memória, fosse por ele reinventada. O assombro do Deus revelado nas Escrituras iria abrir caminho num mundo de assombração. De jeito espetacular e memorável. No bojo do milagroso das Escrituras reside poesia. Reside alegria. Reside o lúdico do Espírito quando convoca os 'poderosos deuses' da antiguidade à luta (Como com Elias e os profetas de Baal) e os envergonha dezenas de vezes. Ele irá tomar das coisas sem valor para o mundo mágico (um cajado, uma vara, uma murta) e elevá-las a condição de talismãs que nunca falham. Ele vai chamar para si as mais doentias maldições (como quando o bruxo Balaão lutou desesperadamente para amaldiçoar a Israel), e desprezando-as irá torna-las num estado de benção imerecida.

Os sinais divinos são revestidos de misericórdia, compaixão ou perdão num nível desconhecidos pelos sacerdócios da antiguidade. Quando Sansão é conduzido cego até o templo de Dagon, há nos príncipes, magos, profetas e sacerdotes filisteus a segurança inamovível, uma certeza que os guia de modo absoluto, a de que **a quebra dos votos sagrados de um homem consagrado não poderiam ser perdoados de modo algum**. Na mente dos que prenderam o guerreiro, estava clara a impossibilidade da reconciliação entre Sansão e o 'deus' israelita a quem ele tinha ofendido gravemente. Sua cegueira era a prova disso. Ele havia sido abandonado de maneira cabal e definitiva. O assombro absoluto da história era que Deus **estenderia sua mão e ouviria a voz de um "falhado"**.

## **ALGUNS PARALELOS DO FANTÁSTICO DO UNIVERSO YOKAI NAS ESCRITURAS**

O mundo da antiguidade japonesa é vivo, todo ele. As coisas inanimadas

possuem voz, possuem espírito, possuem vida. Nas Escrituras Deus concederá VOZ, espírito, personalidade a diversos personagens fantásticos:

O dia e a noite conversarão:

Um dia fala disso a outro dia; uma noite o revela a outra noite.

### SALMO 19

As árvores terão vozes:

Na Parábola de Jotão

E, dizendo-o a Jotão, foi e pôs-se no cume do monte de Gerizim, e levantou a sua voz, e clamou e disse-lhes: Ouvi-me, cidadãos de Siquém, e Deus vos ouvirá a vós;

Foram uma vez as árvores a ungir para si um rei, e disseram à oliveira: Reina tu sobre nós.

Porém a oliveira lhes disse: Deixaria eu a minha gordura, que Deus e os homens em mim prezam, e iria pairar sobre as árvores?

Então disseram as árvores à figueira: Vem tu, e reina sobre nós. Porém a figueira lhes disse: Deixaria eu a minha doçura, o meu bom

fruto, e iria pairar sobre as árvores?

Então disseram as árvores à videira: Vem tu, e reina sobre nós.

Porém a videira lhes disse: Deixaria eu o meu mosto, que alegra a Deus e aos homens, e iria pairar sobre as árvores? Então todas as árvores disseram ao espinheiro: Vem tu, e reina sobre nós. E disse o espinheiro às árvores: Se, na verdade, me ungis por rei sobre vós, vinde, e confiai-vos debaixo da minha sombra; mas, se não, saia fogo do espinheiro que consuma os cedros do Líbano.

Juízes 9:7-15

Animais terão vozes:

Então o Senhor abriu a boca da jumenta, a qual disse a Balaão: Que te fiz eu, que me espancaste estas três vezes?

E Balaão disse à jumenta: Por que zombaste de mim; quem dera tivesse eu uma espada na mão, porque agora te mataria.

E a jumenta disse a Balaão: Porventura não sou a tua jumenta, em que cavalgaste desde o tempo em que me tornei tua até hoje? Acaso tem sido o meu costume fazer assim contigo? E ele respondeu: Não.

Números 22:28-30

## OS LUGARES SAGRADOS

Quando Moisés sobe o Horebe lhe é avisado:

O anjo do Senhor apareceu-lhe numa chama {que saía} do meio a uma sarça. Moisés olhava: a sarça ardia, mas não se consumia.

"Vou me aproximar, disse ele consigo, para contemplar **esse extraordinário espetáculo**, e saber porque a sarça não se consome." Vendo o Senhor que ele se aproximou para ver, chamou-o do meio da sarça: "Moisés, Moisés!" "Eis-me aqui!" respondeu ele.

E Deus: "Não te aproximes daqui. **Tira as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que te encontras é uma terra santa.**

### [Êxodo 3:2-5](#)

## OBJETOS SAGRADOS

A cena de Uzai e a arca do Concerto.

Creio que compreender essa presença autônoma do poder de Deus sobre coisas, atuando e se incorporando a coisas do nosso universo nos ajuda a entender a morte de Uzai. Uzai toca, cheio de boa vontade a Arca, tentando evitar que ela caia, e ao fazer **morre fulminado**, Deus só permitia que o ser humano tocasse a arca onde era guardado o cajado que dera a Moisés, as tábuas da Lei e um vaso de maná, **após sérios ritos de purificação**. Não era à toa. **Havia uma dimensão de perigo INEVITÁVEL, a provável existência de um PODER remanente, contínuo sobre a Arca.**

O cajado de Moisés é algo que é lhe confiado ou 'energizado' ou 'ungido' pelo próprio Deus e a este objeto comum de um pastor do oriente médio é dada **não pouca importância** pelo próprio Deus 'toma a vara, pois com ela realizarás os sinais' como se algo tivesse sido colocado no cajado, não somente em Moisés.

Há uma observação sobre lugar sagrado, que não pode ser penetrado de um modo qualquer, talvez porque ali estivesse habitando ou **transcendendo sua dimensão particular, a celestial, e toda a região estava 'contaminada' com o poder de sua presença** – os lugares sagrados da antiguidade eram assim designados por que ali os magos da antiguidade tiveram experiências místicas com entidades, sonhos, revelações, sentimentos, experiências espirituais que os fizeram reconhecer a existência de locais 'de livre trânsito' de suas divindades, que um dia saberemos ser 'demônios'. Se a presença espiritual de 'demônios'

era capaz de alterar a naturalidade de uma região, normalmente topos de colinas, **quanto mais a presença real do Criador de todas as coisas e de sua corte celestial, os querubins e os anjos.** Ao subir o Sinai, a ordem: - tira os sapatos de teus pés porque o lugar que você está é santo, separado.

Isso não era somente para Moisés mostrar humildade, havia uma preocupação de **'segurança celestial' com o futuro profeta.** Na verdade o poder ao qual será submetido, diante do qual é apresentado, muda Moisés. Ele sobe pastor a montanha de Deus, mas quando desce dali é um profeta.

Assombroso observar, ele se encontra com alguém que está FÍSICAMENTE ali. Pouca gente se apercebe da dimensão do encontro entre Deus e Moisés no monte. **Ele RECEBE das mãos de DEUS uma vara.** Deus revelará certa feita numa certa rebeldia de Araão e de Mirian, um segredo, aos profetas eu me revelo em sonhos, em visões, a esse rapaz, irmão de vocês eu falo com ele PESSOALMENTE. O termo *presença divina* para nós é uma condição espiritual, para Moisés era LITERAL.

A outra cena de 'entrar desautorizado' na esfera do poder, como quem aproxima a mão de uma fonte de energia sem proteção é a do rei 'avisado' que estende as mãos em direção a um altar no templo e tem sua mão ressecada imediatamente.

Sucedeu, pois, que, ouvindo o rei a palavra do homem de Deus, que clamara contra o altar de Betel, Jeroboão estendeu a sua mão de sobre o altar, dizendo: Pegai-o! Mas a sua mão, que estendera contra ele, se secou, e não podia tornar a trazê-la a si.

11 Em seguida, dirigiu-se a uma cidade chamada Naim, indo com Ele os seus discípulos e uma grande multidão. 12 Quando estavam perto da porta da cidade, viram que levavam **um defunto a sepultar, filho único de sua mãe, que era viúva;** e, a acompanhá-la, vinha muita gente da cidade. 13 Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: «Não chores.» 14 Aproximando-se, tocou no caixão, e os que o transportavam pararam. Disse então: «**Jovem, Eu te ordeno: Levanta-te!**» 15 **O morto sentou-se e começou a falar.** E Jesus entregou-o à sua mãe. 16 O temor apoderou-se de todos, e davam glória a Deus, dizendo: «Surgiu entre nós um grande profeta e Deus visitou o seu povo!» 17 E a fama deste milagre espalhou-se pela Judeia e por toda a região. Luke 7:11-17

## **A PEDAGOGIA DO ASSOMBROSO DIVINO DAS ESCRITURAS**

Os contos assombrosos ao redor do mundo possuem uma dimensão pedagógica, são acompanhados de lições de moral, são usados para alertar sobre perigos aos jovens, possuem instruções sobre conduta morais aceitas, sobre castigos oriundos da quebra de tradições pre-estabelecidas, alertam contra o desrespeito as autoridades, principalmente nas relações familiares, narram sobre o juízo divino, mágico, fantasmagórico ou da natureza em suas múltiplas manifestações, quando os propósitos contidos nos personagens são fundamentados no ódio, na injustiça, na quebra do respeito a leis espirituais reconhecidas por gerações. Muitas criações de maldições dos antigos túmulos chineses, coreanos, japoneses,

tailandeses e egípcios invocavam um juízo mágico sobre possíveis ladrões de túmulos, invocando as mais terríveis pragas contra os que desrepeitassem o sagrado dos corpos enterrados.

## OS TRÊS MILAGRES MESSIÂNICOS

Autor: Arnold Fruchtenbaum

Tradutor: Carlos Oliveira, Portugal, 2004.

(judeu convertido, tornou-se missionário para os judeus)

### A CURA DE UM LEPROSO

Levítico 13-14 – Davam ao sacerdócio Levítico instruções detalhadas quanto ao que deveriam fazer se um leproso fosse curado. No dia em que o leproso se aproximasse do sacerdócio e dissesse, “Eu era leproso, mas fui curado”, o sacerdócio deveria apresentar uma oferta inicial de duas aves. Durante os sete dias seguintes, deveriam investigar intensivamente a situação para se determinar três coisas. Primeiro, se a pessoa seria realmente leprosa. Segundo, se, de facto, tendo sido um verdadeiro leproso, fora realmente curada da sua lepra. Terceiro, se tendo sido verdadeiramente curada da sua lepra, quais tinham sido as circunstâncias da cura. Se após sete dias de investigação, eles ficassem firmemente convencidos de que a pessoa tinha sido leprosa, tinha sido curada da lepra, e as circunstâncias eram adequadas, então, ao oitavo dia, seguir-se-ia uma longa série de ofertas. Primeiro, havia uma oferta pela transgressão; segundo, uma oferta pelo pecado; terceiro, um holocausto; e quarto, uma oferta de manjares. Depois, havia também a aplicação do sangue da oferta pela transgressão sobre o leproso curado, seguida da aplicação do sangue da oferta pelo pecado sobre o leproso curado. A cerimônia chegava então ao fim com a unção de azeite sobre o leproso curado. Embora o sacerdócio tivesse todas estas instruções detalhadas quanto a como eles deviam responder ao caso de um leproso curado, **nunca tiveram oportunidade de colocar em prática estas instruções: desde o tempo da dádiva da Lei de Moisés, nunca nenhum Judeu foi curado da lepra!**



Os registos dos três Evangelhos que nos relatam a cura de um leproso são: Mateus 8:2-4, Marcos 1:40-45 e Lucas 5:12-16. Mateus e Marcos declaram meramente que o homem era leproso; mas Lucas, que era profissionalmente médico, apresentou mais detalhes. Segundo Lucas 5:12, **o paciente estava cheio de lepra**. Isso significa que a lepra estava no auge, e que não demoraria muito tempo para ela tirar a vida a este homem. Este homem muito doente, cheio de lepra, veio a Jesus e disse: *Senhor, se quiseres, bem podes limpar-me*.

O leproso reconheceu claramente a autoridade de Jesus como o Messias que tinha o poder para curar um leproso. A única questão da parte do leproso era a



voluntariedade de *Jesus* para o fazer. Nesta situação, lemos que *Jesus* tocou o leproso e logo a lepra desapareceu dele (Lucas 5:13). Mas devemos notar cuidadosamente o que *Jesus* disse ao leproso para fazer, segundo Lucas 5:14:

*E ordenou-lhe que a ninguém o dissesse. Mas vai, disse, mostra-te ao sacerdote, e oferece, pela tua purificação, o que Moisés determinou, para que lhes sirva de testemunho.*

O "lhes" refere-se especificamente à liderança de Israel. *Jesus* enviou este homem directamente ao sacerdócio em Jerusalém a fim de forçá-los a prosseguirem com os mandamentos de Moisés em Levítico 13-14. Quando este homem apareceu diante do sacerdócio de Israel e se declarou um leproso purificado, nesse mesmo dia o sacerdócio ofereceu duas aves como sacrifício. Nos sete dias seguintes, eles investigaram intensivamente a situação e descobriram três coisas: Em primeiro lugar, descobriram que este homem tinha sido realmente leproso. Em segundo lugar descobriram que o homem fora perfeitamente curado da lepra. Em terceiro lugar, também descobriram que fora *Jesus* de Nazaré que curara o homem da lepra. Porque estes mesmos sacerdotes ensinavam que a cura de um leproso era um milagre messiânico, seguir-se-ia daí que se alguém curasse um leproso, poderia, por esse próprio acto, reclamar ser o Messias. *Jesus* enviou deliberadamente este leproso purificado ao sacerdócio para levar os líderes a começarem a investigar os Seus clamores messiânicos, a fim de chegarem a uma decisão a respeito de tais clamores. Ele queria forçar os líderes Judaicos a tomarem uma decisão a respeito: da Sua Pessoa – que Ele era o Messias; e da Sua mensagem – que Ele estava a oferecer a Israel o Reino predito pelos profetas Judaicos. Ao ter enviado o leproso curado à liderança de Israel, *Jesus* retirou-se para os desertos, e ali orava (Lucas 5:16). *Jesus* foi para o deserto onde, numa ocasião anterior, tinha jejuado e sido tentado por Satanás. Desta vez foi para o deserto com o propósito de orar. Sobre que assunto estaria Ele a orar? Estaria a orar sobre o que aconteceria a seguir e como a liderança de Israel reagiria ao milagre messiânico.

E aconteceu que, num daqueles dias, estava ensinando, e estavam ali assentados fariseus e doutores da lei, que tinham vindo de todas as aldeias da Galileia, e da Judéia, e de Jerusalém. E a virtude do Senhor estava com ele para curar.

O que nós temos aqui, escutando o ensino de *Jesus*, não são meramente alguns líderes Judaicos da cidade de Cafarnaum. O registo de Lucas declara muito claramente que estavam ali reunidos todos os líderes Judaicos oriundos de todo o país (cercanias da Galileia, Judeia, e Jerusalém). Porque é que todos estes líderes Judaicos de repente têm uma convenção em Cafarnaum? Esta foi a reacção deles ao primeiro milagre messiânico. Eles sabiam que *Jesus* tinha curado um leproso. De acordo com os seus próprios ensinamentos, apenas o Messias podia curar um

leproso. Se Jesus tinha curado o leproso, isso podia significar muito bem que Ele era o Messias. É nestas circunstâncias que todos se juntaram para investigar Jesus.

Segundo a lei do Sinédrio, se houvesse qualquer espécie de movimento messiânico, o Sinédrio deveria investigar a situação em duas fases. A primeira fase era chamada a "fase da observação". Era formada uma delegação para investigar apenas por via da observação. Esta delegação deveria observar o que estava a ser dito, o que estava a ser feito, e o que estava a ser ensinado. Não lhes era permitido colocar qualquer questão ou levantar qualquer objecção. Após um período de observação, deviam voltar então para Jerusalém, reportar ao Sinédrio e dar um veredicto: o movimento era significativo ou não? Se fosse decretado que o movimento era insignificante, a questão terminaria ali. Mas se o movimento fosse determinado significativo, então haveria uma Segunda fase de investigação chamada a "fase da inquirição". Nesta fase, eles interrogariam o indivíduo ou membros do movimento. Desta vez, colocariam questões e levantariam objecções para descobrirem se os clamores deveriam ser aceites ou rejeitados. O incidente em Lucas regista a primeira fase, a fase da observação, em que eles observavam o que Jesus dizia e fazia. Neste ponto não lhes era permitido levantar objecções ou colocar questões. Porque um milagre messiânico tinha sido realizado, todos os líderes do país inteiro tinham vindo a Cafarnaum para participarem na fase da observação – observarem o que Jesus dizia, fazia e ensinava. Quando o Messias estava a ensinar, um parálítico foi trazido por quatro amigos a Jesus a fim de ser curado. Mas porque os muitos líderes Judaicos bloqueavam a entrada, os cinco não conseguiam entrar. Eles subiram, então, ao telhado, fizeram nele um buraco e fizeram descer o parálítico aos pés de Jesus. Quando isto sucedeu, Jesus desviou-se do Seu procedimento normal. Não fez como fizera noutras ocasiões anteriores, avançando simplesmente com a cura do homem que Lhe fora trazido. Em vez disso, ficamos a saber por Marcos 2:5

E, vendo Ele a fé deles, disse-lhe: Homem, os teus pecados te são perdoados.

Em vez de curar o homem, Jesus fez um anúncio dramático - **os teus pecados te são perdoados**. Ele sabia muito bem que uma tal declaração diante de toda a liderança teria, com toda a certeza, uma reacção negativa. De facto, foi exactamente isso que aconteceu. Em Marcos 2:6, lemos: E estavam ali assentados alguns dos escribas, que arrazoavam em seus corações.

Lembremo-nos que esta era a fase da observação. Os que estavam ali a julgar só podiam observar; não lhes era permitido levantar questões ou objecções. Eles arrazoavam nos seus corações:

Por que diz este assim blasfémias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus? (Marcos 2:7)

A teologia deles estava absolutamente correcta. Ninguém podia perdoar pecados a não ser Deus. Uma vez que Jesus declarou a prerrogativa de perdoar pecados, isso significava uma de duas coisas: Primeiro, isso poderia significar que Ele era um blasfemo. Segundo, Ele podia ser quem reclamava ser – a Pessoa Messiânica, o Messias. Foi neste ponto que Jesus dirigiu à liderança de Israel a seguinte questão:

Qual é mais fácil? dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados; ou dizer-lhe: Levanta-te, e toma o teu leito, e anda? (Marcos 2:9)

A questão era, o que é mais fácil de se dizer? Será mais fácil dizer a alguém, “estão perdoados os teus pecados”, ou dizer a um paralítico, “Levanta-te, e toma o teu leito, e anda?” O que é mais fácil e difícil de dizer? Decerto que o mais fácil seria, “estão perdoados os teus pecados”, porque isso não requeria evidência tangível, externa, eterna e observável. Porém a declaração de que um paralítico seria curado era de longe bem mais difícil de dizer, pois uma tal proclamação requeria evidência externa e observável.

Jesus prosseguiu dizendo que iria provar que podia proferir a declaração mais fácil - “estão perdoados os teus pecados” -, ao realizar o mais difícil das duas coisas, isto é, curando o paralítico. E avançou com a cura do paralítico. Houve evidência instantânea, observável, porque o homem podia erguer-se e andar, a ponto de até mesmo poder transportar o seu leito. Isto provava que Jesus também podia dizer (fazer) o mais fácil, ou seja, que os pecados deste homem eram perdoados. Se Jesus podia perdoar pecados, então isso significava que Ele era exactamente Quem reclamava ser – a Pessoa Messiânica, o Messias.

Como resposta ao primeiro **milagre messiânico com a cura de um leproso**, começou a investigação exaustiva dos Seus clamores messiânicos. Os líderes observaram Jesus reclamar o direito a perdoar pecados. Por conseguinte, ou Ele era um blasfemo, ou o Messias. Uma coisa é evidente: A liderança de Israel regressaria a Jerusalém e decretaria o movimento de Jesus como significativo. Após este evento, Jesus ficou sujeito à segunda fase da investigação do Sinédrio, a fase da inquirição. Entre a realização do primeiro e o segundo milagre messiânico, por onde quer que Jesus fosse, um Fariseu decerto que o seguiria e **eles não ficariam mais em silêncio**. Por toda a parte que Jesus fosse, os Fariseus estariam sempre presentes a colocando questões e a fazendo objecções, numa tentativa de verificar ou rejeitar os Seus clamores messiânicos.

II- O Segundo Milagre Messiânico:

### **A EXPULSÃO DE UM DEMÔNIO MUDO**



#### A. Introdução

Entre o primeiro milagre messiânico de Jesus (a cura de um leproso) e o segundo milagre messiânico, Jesus foi investigado pela liderança de Israel. Ele era interrogado e questionado em toda parte onde ia. A liderança aprendeu várias coisas. A coisa crucial que eles observaram foi que Jesus simplesmente não estava

agindo conforme o judaísmo farisaico. Ele não estava aceitando a autoridade farisaica. Ele estava ensinando coisas que contradiziam a interpretação farisaica da Lei de Moisés. No Sermão do Monte, Ele havia repudiado o farisaísmo em dois pontos: Primeiro, como uma interpretação apropriada da justiça que a Lei de Moisés exigia; e segundo, como o tipo de justiça necessário para a entrada no Reino.

As circunstâncias do segundo milagre messiânico estão registradas em dois Evangelhos: Mateus 12:22-37 e Marcos 3:19-30. Marcos 3:21 declara: "E, quando os seus ouvirem isto, saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si". Nesta altura, nas narrativas do Evangelho da vida e ministério de Jesus, parece haver um reconhecimento de que um alto ponto estava preste a ser alcançado. Até os Seus amigos consideravam o fato de que Jesus precisava se proteger dEle mesmo, por sentirem que o Seu zelo estava beirando a insanidade.

Então, Marcos 3:22 lê: "E os escribas, que tinham descido de Jerusalém, diziam: Tem Belzebu, e pelo príncipe dos demônios expulsa os demônios". Embora este incidente aconteça na Galileia, ele foi investigado por uma delegação oficial de Jerusalém. A decisão foi alcançada, finalmente, pelo Sinédrio, a respeito das Suas afirmações messiânicas. O evento que deslançou a afirmação do Sinédrio está registrado em Mateus 12:22: "Trouxeram-lhe, então, um endemoninhado cego e mudo; e, de tal modo o curou, que o cego e mudo falava e via".

No verso 22, Jesus expulsa um demônio que fez a pessoa controlada ficar cega e sem fala ou muda, significando que ela não podia falar. O ato de expulsar demônios não era **completamente fora do comum no mundo judaico daquele tempo**. Até os rabinos fariseus e os seus seguidores tinham a capacidade de expulsar demônios. Mas, expulsar demônios dentro do modelo do farisaísmo judaico exigia que se usasse um ritual específico, o qual incluía três estágios:

Primeiro, o exorcista precisava estabelecer comunicação com o demônio, pois, quando o demônio fala, ele usa as cordas vocais da pessoa em que ele habita. Segundo, após estabelecer comunicação com o demônio, o exorcista teria de descobrir o seu nome. Terceiro, após descobrir o nome do demônio, ele podia, pelo uso daquele nome, expulsar o demônio.

Há **três ocasiões em que Jesus usou a metodologia judaica**, como em Marcos 5, quando Ele, ao ser confrontado com um demônio, fez a pergunta: "Qual é o teu nome?" A resposta naquela ocasião foi: "Legião é o meu nome porque somos muitos".

Contudo, havia uma espécie de demônio contra a qual a metodologia judaica era impotente, e este **era o tipo de demônio que fazia a pessoa ficar sem fala e muda**. E por não poder falar, não havia meio de estabelecer comunicação com esse tipo de demônio; nem, de maneira nenhuma, descobrir o seu nome. Então, dentro do modelo do Judaísmo, **era impossível expulsar um demônio mudo**. Contudo, os rabinos haviam ensinado que quando viesse o Messias, **Ele seria capaz de expulsar este tipo de demônio**. Este foi o segundo dos três milagres messiânicos: a expulsão de um demônio sem fala ou mudo. No verso 22, esse era exatamente o tipo de demônio que Jesus expulsou. No verso 12:23, de Mateus, isso levantou a exata pergunta entre as massas judaicas, que o milagre pretendia levantar: "E toda a multidão se admirava e dizia: **Não é este o Filho de Davi?**"

Não seria este o Messias judeu? Afinal, Ele estava realizando exatamente as coisas que lhes foram ensinadas, desde a infância, **as quais somente o Messias poderia fazer**. Eles nunca fizeram esta pergunta, quando Jesus expulsou outros tipos de demônios. Mas, quando Ele expulsou um demônio mudo, os judeus levantaram a questão, porque reconheceram, pelos ensinamentos dos rabinos, que este era um milagre messiânico.

Contudo, as massas judaicas tinham sempre a tendência de agir conforme o chamado "complexo de liderança". Qualquer que fosse o caminho que os líderes seguissem, com certeza as massas o seguiriam. Consequentemente, através do Antigo Testamento, quando o rei fazia aquilo que era correto aos olhos do Senhor, o povo concordava. Mas quando o rei fazia o que era mau à vista do Senhor, o povo também o seguia. Mesmo neste tempo, quando os crentes judeus testemunham aos seus contatos judeus, eles sempre escutam a mesma objeção: "Se Jesus é realmente o Messias, então **por que os nossos rabinos não acreditam nEle?**" Nos tempos do Novo Testamento, por causa do controle que o Judaísmo farisaico exercia sobre as massas, este complexo de liderança era extremamente forte. Desse modo, conquanto as massas judaicas estivessem levantando a questão: "Não é este o Messias judeu?" elas não estavam desejando assumir sozinhas a decisão.

#### A Resposta Judaica

À luz do segundo milagre messiânico e do questionamento das massas, os líderes judeus viram que era preciso fazer uma declaração pública sobre a sua decisão final a respeito das afirmações messiânicas de Jesus. Eles tinham duas opções: A primeira, declarar que Ele era o Messias, à luz de toda evidência. Ou, a segunda, que era rejeitar Suas afirmações messiânicas. Se eles assumissem a segunda opção e rejeitassem as Suas afirmações messiânicas, também teriam de explicar

às massas judaicas o motivo Dele ser capaz de operar os exatos milagres que eles haviam dito que somente o Messias poderia operar.

Em Mateus 12:24, os fariseus escolheram a segunda opção: “Mas os fariseus, ouvindo isto, diziam: Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios”

**Os fariseus escolheram a segunda opção** e rejeitaram as afirmações messiânicas. Para explicar a Sua capacidade de operar aqueles milagres tão exclusivos, eles afirmaram que o próprio Jesus estava possesso ou demonizado não por algum demônio comum, mas por “Belzebu, o príncipe dos demônios”. O nome Belzebu é uma combinação de duas palavras hebraicas, que se juntam para significar “O senhor das moscas”. Esta se tornou a base da rejeição ao messianismo de Jesus: Ele não era o Messias, **mas apenas alguém possesso do demônio.**

Conquanto sua resposta ao primeiro milagre messiânico fosse o início da investigação, sua resposta ao segundo milagre messiânico foi a rejeição às afirmações messiânicas. Eles disseram que Ele não era o Messias, mas um possesso do demônio. Esta ação da liderança de Israel montou o palco para a história judaica dos 2.000 anos seguintes.

## O Julgamento

Jesus respondeu de duas maneiras. A primeira resposta foi a de defender-Se quando citou quatro coisas em Mateus 12:25-29. Ele disse que a acusação deles poderia não ser verdade, pois significaria a divisão do reino de Satanás. A segunda, que eles mesmos reconheciam que o exorcismo era um dom do Espírito, e até mesmo os seguidores deles podiam expulsar demônios, embora não demônios mudos. A terceira, que este milagre autenticava Suas afirmações e Sua mensagem. A quarta, que isso mostrava que Jesus era mais forte do que Satanás, ao invés de sujeito a Satanás. A segunda resposta foi uma condenação, Mateus 12:30-37. Nesta condenação, Jesus disse que esta geração era culpada de um “pecado imperdoável”, a blasfêmia contra o Espírito Santo. Uma vez que este pecado era exatamente imperdoável, o julgamento seria agora estabelecido sobre aquela geração, um julgamento que não seria aliviado sob circunstância alguma. Ele veio, quarenta anos depois, no ano 70 d.C., com a destruição do templo de Jerusalém.

O que é, exatamente, o pecado imperdoável, dentro do contexto em que ele se encontra? Ele não é um pecado individual, mas um pecado nacional; ele foi cometido pela geração dos judeus do tempo de Jesus e não pode ser aplicado às gerações seguintes dos judeus. **O conteúdo do pecado imperdoável foi: a**

**rejeição nacional de Israel ao Messias Jesus, enquanto Ele estava presente,** com a afirmação de que Ele estava possesso do demônio.

As pessoas daquele tempo poderiam e conseguiram escapar desse julgamento, como aconteceu com o Apóstolo Paulo. Também não é um pecado que possa ser cometido hoje. Neste ponto, a Bíblia é muito clara. Independentemente do tipo de pecado que alguém cometa hoje, todo pecado é perdoável a todos o indivíduo que for a Deus através de Jesus. [N.T. - Se alguém não crê em Jesus, comete o pecado imperdoável, admitindo que o Espírito Santo é mentiroso, por testificar a divindade de Cristo]. A natureza do pecado é irrelevante. Todo pecado é perdoável para o indivíduo que vai a Deus através de Jesus, o Messias. Mas, para a nação como um todo, naquela geração particular, este único pecado tornou-se imperdoável.

Ao prosseguir este estudo, duas palavras chaves vão continuar aparecendo: "esta geração", porque esta geração foi culpada de um pecado exclusivo. Isto significava duas coisas. Primeira, que aquela geração do tempo de Jesus estava sob um julgamento, que não poderia ser aliviado e que resultaria na destruição do templo de Jerusalém, no Ano 70 d.C. Segunda, a oferta do Reino Messiânico fora rescindida; e não seria estabelecida naquele tempo, mas seria novamente oferecida a uma posterior geração judaica - a geração do Milênio.

Em Mateus 12:38-45, são encontradas a resposta dos fariseus e a subsequente resposta de Jesus. No verso 38, os fariseus precisaram retomar a ofensiva: "Então alguns dos escribas e dos fariseus tomaram a palavra, dizendo: Mestre, quiséramos ver da tua parte algum sinal".

Eles foram a Jesus e Lhe pediram outro sinal, como se Jesus precisasse fazer alguma coisa para autenticar o Seu Messianismo. Ele havia operado toda sorte de milagres, desde o início do Seu ministério, incluindo os vários milagres que eles mesmos haviam rotulado como milagres messiânicos. Mesmo assim, eles rejeitavam Suas afirmações. Então, Ele disse que, por causa da sua rejeição, eles haviam cometido o pecado imperdoável e não mais receberiam sinais, exceto "o sinal do profeta Jonas", o sinal da ressurreição.

É pura verdade que Jesus continuou a operar milagres, mesmo após este evento, mas o propósito dos Seus milagres mudou. Já não era o mesmo propósito que houvera, até aquele tempo: servir de sinais para levar Israel a uma decisão referente às afirmações do Messias. Em vez disso, o propósito dos Seus milagres, a partir de então, foi o de treinar os doze apóstolos para o tipo da obra que eles precisariam realizar, por causa desta rejeição. Quanto à nação, não haveria mais sinais, exceto um: o sinal de Jonas, o sinal da ressurreição.



Tendo anunciado esta nova política referente aos sinais, Jesus prosseguiu com as palavras do julgamento, em Mateus 12:41-42, com ênfase sobre aquela geração: “Os ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é mais do que Jonas. A rainha do meio-dia se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui quem é maior do que Salomão”.

Jesus deu o exemplo de dois elementos gentios do Antigo Testamento: os homens de Nínive e a Rainha de Sabá. **Estes foram gentios que tiveram somente uma porção da revelação; mas, corresponderam, com a luz que tinham.** No julgamento do Grande Trono Branco, estes gentios poderão estar a postos, para condenar aquela especial geração judaica, como culpada do pecado imperdoável.

As palavras do julgamento terminam com uma estória sobre demônios, nos versos 43 - 45. Não foi um demônio expulso, mas **um demônio que de sua livre vontade, saiu em busca de um lugar melhor para viver.** Ele o buscou, por algum tempo; mas, quando conseguiu encontrar algumas vagas, decidiu voltar à pessoa da qual fora antes expulso. Em seu regresso, ele o encontrou “desocupado, vazio e adornado”. Ele novamente entrou no homem, mas já não querendo viver sozinho. **Então, convidou sete dos seus amigos para a ele se juntarem** e [quanto ao homem, ] “o seu estado ficou pior do que o primeiro.” No princípio, ele tinha apenas um demônio nele, mas porque ficou desocupado, agora havia **oito demônios** habitando nele. No intervalo entre a primeira e a segunda habitação do demônio, o homem não foi habitado por nenhum outro espírito [além daquele constituinte dele próprio, claro], quer fosse o Espírito Santo ou um espírito demoníaco.

**O que fora verdade para aquele indivíduo, seria verdade para aquela geração.** Aquela geração começou com a pregação de João Batista, o qual anunciou a próxima vinda do Rei. Embora estivessem sob o domínio romano, eles mantinham uma identidade nacional com Jerusalém e o templo continuava de pé. Mas, 40 anos depois que estas palavras foram ditas, as legiões de Roma invadiram a Judeia, Jerusalém foi destruída e o templo derrubado, até que não restasse “pedra sobre pedra”. **O último estado desta geração tornou-se pior do que o primeiro.**

O ponto chave da estória, no final do verso 45 é: "Assim acontecerá também a esta geração má".

### A Mudança no Ministério do Messias

Neste ponto, o ministério de Jesus mudou, radicalmente, em quatro áreas principais. Estas quatro mudanças podem ser compreendidas apenas sob a luz do cometimento do pecado imperdoável, em resposta à rejeição do segundo milagre messiânico.

#### 1. Com respeito ao propósito dos Seus Milagres

A primeira mudança foi em relação ao propósito dos Seus milagres. Conforme antes declarado, o propósito dos Seus milagres já não era o de servir como sinais a Israel; para levar Israel a tomar uma decisão concernente às Suas afirmações messiânicas. A decisão fora tomada. Em vez disso, o propósito dos Seus milagres passou a ser o de treinar os doze discípulos para o tipo da obra que eles deveriam realizar, por causa dessa rejeição. Essas obras foram realizadas, conforme o Livro de Atos. Mas, para a nação, não haveria mais sinais, exceto um: o sinal de Jonas, o sinal da ressurreição.

#### 2. Concernente à Base dos Seus Milagres

A segunda mudança foi concernente às pessoas para quem Ele realizou os milagres. Contudo, até o tempo deste evento, quando Ele realizava milagres o fazia em benefício das massas, **sem delas exigir que antes tivessem fé**. Mas, a partir deste ponto, Ele só realizava milagres em benefício de indivíduos, em resposta às necessidades individuais. E exigia que, primeiro, eles tivessem fé. Até o tempo deste evento, sempre que curava uma pessoa Ele mandava que ela fosse e proclamasse as grandes coisas que Deus havia feito por ela. **Mas, a partir deste ponto, Ele dizia ao indivíduo curado a não contar sobre o que Deus havia feito por ele.**

#### 3. Concernente à Mensagem dEle ser o Messias

[Evitemos a palavra "Messianismo" porque adquiriu um sentido pejorativo de movimento de políticos latinoamericanos semvergonhas que dizem ter sido "chamados" para o cumprimento de uma tarefa "sagrada", como Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Fidel Castro, Peron, Getúlio Vargas, Hugo Chaves, etc.]

A terceira mudança dizia respeito à mensagem que Ele e os Seus discípulos pregavam. Até este evento, Ele e os Seus discípulos, percorriam toda

Terra de Israel, proclamando o fato dEle ser o Messias, e Ele até enviou os Seus discípulos de dois em dois, para fazerem exatamente isso. Mas, a partir deste ponto, **Ele iria proibir os Seus discípulos de proclamar que Ele era o Messias.** Quando Pedro fez a grande confissão, em Mateus 16:16, "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo", Jesus o instruiu a não dizer a pessoa alguma que ele era o Messias.

#### 4. Concernente ao Método do Seu Ensino

A quarta mudança referiu-se ao Seu método de ensino. Até este evento, quando ensinava às massas, **Ele o fazia clara e distintamente, em termos que ela pudesse entender.** Um exemplo disto foi o Sermão do Monte, em Mateus 5-7. Mateus mostra que o povo entendia o que Ele estava dizendo; mostra porém, mais significativamente, quando Ele discordava dos escribas e fariseus. Contudo, a partir deste ponto, sempre que ensinava às massas, **Ele só o fazia em parábolas.** Em Mateus 13:10-14, quando ele iniciou o Seu método de ensino através de parábolas, os discípulos Lhe perguntaram: "Por que lhes falas por parábolas?" Jesus respondeu que o método parabólico de ensino foi usado com o propósito de esconder a verdade das massas.

Observem a declaração muito gráfica em Mateus 13:34: "Tudo isto disse Jesus, por parábolas à multidão, e nada lhes falava sem parábolas".

Às massas, Ele falava somente por parábolas. Isto não aconteceu, antes da rejeição, em Mateus 12. **A verdade é que tal aconteceu somente após a rejeição.** É literalmente impossível entender por que o ministério de Jesus mudou nestas quatro áreas principais, **a não ser que entendamos quão crucial foi o pecado imperdoável da rejeição do fato dEle ser o Messias,** sob a acusação de possessão demoníaca, a qual foi uma resposta direta ao segundo milagre messiânico. Já lhes fora dada luz suficiente. Eles rejeitaram a luz que tinham, portanto mais nenhuma luz lhes seria dada.

#### Outro Demônio Mudo

Mateus 17:14-20, Marcos 9:14-29 e Lucas 9:37-43 registram um incidente relativo ao tempo em que Jesus e três discípulos desceram do monte, onde Ele foi transfigurado. Quando eles voltaram para os outros nove discípulos, que haviam sido deixados para trás, encontraram um problema; um homem trouxe aos Seus discípulos um seu filho possesso de um demônio, e os discípulos foram incapazes de expulsar aquele demônio. Também é interessante notar que o incidente fora instigado [e inflamado, e estava sendo explorado] pelos escribas e fariseus.

Conforme Marcos 9:14: “E, quando se aproximou dos discípulos, viu ao redor deles grande multidão, e alguns escribas que disputavam com eles”.

Os escribas ali estavam para instigar [e inflamar] esta situação em particular. Um jovem possuído por um demônio específico fora trazido àqueles discípulos, os quais tentaram, porém não conseguiram expulsar o demônio. Isto de algum modo veio a refletir [a todos] que Jesus era o Messias. Quando confrontado com o endemoninhado, Ele pôde expulsar o demônio. O que era especial neste problema? Os discípulos haviam conseguido expulsar demônios, antes. Porque, então, não conseguiram expulsar este demônio?

Marcos 9:17 revela qual era o tipo daquele demônio: “E um da multidão, respondendo, disse: Mestre, trouxe-te o meu filho, que tem um espírito mudo”...**Este era um demônio mudo e a expulsão de um demônio mudo foi o segundo milagre messiânico.** Quando os discípulos não puderam expulsar aquele demônio mudo, eles refletiram sobre a afirmação de que Jesus era o Messias. Mas, em seguida, Ele veio e expulsou o demônio, tendo, assim, operado o segundo [tipo de] milagre messiânico.

Em seguida, Marcos 9:28-29 registra por que os discípulos não puderam fazê-lo: “E, quando entrou em casa, os seus discípulos lhe perguntaram à parte: Por que o não pudemos nós expulsar? E disse-lhes: Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum.”

Observem o que Jesus disse aqui: “Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum.” Significando um demônio mudo, nesta declaração, **Ele autenticou a observação farisaica de que demônios mudos eram diferentes e não podiam ser expulsos da maneira comum.**

Ele disse aos discípulos que a razão pela qual eles não haviam conseguido expulsar o demônio mudo foi porque estavam usando o método errado. Conquanto outros demônios pudessem ser expulsos em o nome de Jesus, no caso do demônio mudo, ele só poderia ser forçado a sair, por meio da oração. O que os discípulos deveriam ter feito, além de usar a metodologia normal, que funcionava com outros tipos de demônios, era simplesmente confiar em Deus Pai para que Ele o fizesse por eles. Assim Jesus autenticou a observação farisaica de que os demônios mudos eram diferentes.

### III - O TERCEIRO MILAGRE MESSIÂNICO: A CURA DE UM HOMEM QUE NASCEU CEGO.



O terceiro milagre messiânico foi curar alguém que nasceu cego. Ele não simplesmente curou alguém que ficou cego, porém curou alguém que nasceu cego, e este foi um milagre messiânico. Vários detalhes desse terceiro milagre messiânico são dados em João 9: 1-41. Este longo capítulo pode ser dividido em cinco segmentos específicos.

#### A Cura Física de um Homem que Nasceu Cego

A primeira parte dos versos de 1-12, registram a cura física. Em João 9:1-5 nós lemos: E passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos

lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus. Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.

**Este incidente ocorreu em um dia de Sábado** com eles andando nas ruas de Jerusalém e vindo um homem que havia nascido cego. Não era somente um Sábado, mas **era também um período da Festa dos Tabernáculos**, fazendo com que aquele Sábado fosse ainda muito mais sagrado ou “um Sábado especial”.

O questionamento dos apóstolos parece ser muito estranho, “quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?”. Quem cometeu tão terrível pecado para que este homem nascesse cego? A estranheza nessa questão não era se os pais haviam pecado causando o seu nascimento cego. Este era um princípio da Lei Mosaica no Êxodo 34:6-7 onde Deus visita os pecados dos pais “nos filhos e nos filhos dos filhos, até a terceira e quarta gerações”. É **concebível** que os pais tenham cometido algum pecado específico e Deus tenha visitado esse pecado em seus filhos, causando a cegueira nos filhos. O defeito da cegueira ao nascimento pode ter sido um resultado de um pecado específico cometido por seus pais.

Portanto, não é estranha essa parte do questionamento. Porém a questão não é meramente, “Os pais dele pecaram e ele nasceu cego?” porém eles também perguntaram “Ou foi esse homem que pecou e nasceu cego?”. Esta é a parte estranha do questionamento. Como pode ele ter pecado primeiro antes de nascer cego? O Judaísmo nunca ensinou a doutrina da reencarnação. Na luz dos fatos, como ele poderia pecar antes de ter nascido?

**O questionamento feito pelos discípulos refletia a [má] condição do Judaísmo Farisaico nos dias em que eles cresceram.** De acordo com o Judaísmo Farisaico, **um nascimento defeituoso, tal como nascer cego, era devido a um específico pecado, tanto cometido pelos pais ou cometido pelo indivíduo.** Porém de novo, **como poderia um indivíduo ter pecado antes e então ter nascido cego?** De acordo com o Judaísmo Farisaico, na concepção, **o feto tinha duas inclinações.** Em Hebreu, ele era chamado **yetzer hara**, que significa “a inclinação para o mal”, e **yetzer hatov**, “a inclinação para o bem”. Essas duas inclinações estavam sempre presentes dentro de um novo ser humano que foi concebido em um útero. Durante os nove meses de desenvolvimento dentro do útero da mãe, existe um esforço pelo controle **entre as duas inclinações.** Era possível que a inclinação para o mal levou a melhor sobre feto;

e, em um estado de animosidade ou raiva para com sua mãe, **ele a chutou no útero**. Por causa deste ato de pecado, por causa deste ato de animosidade, ele nasceu cego. O questionamento dos discípulos reflete a **[má] condição do Judaísmo Farisaico** no qual eles nasceram. Eles poderiam perguntar também "Este homem pecou enquanto estava ainda no útero, ou o pecado de seus pais causou o seu nascimento cego?".

Os discípulos foram culpados de duas crenças erradas. A primeira foi aceitar o ensinamento farisaico de que a criança poderia pecar no útero de sua mãe e, portanto nascer cega. A segunda era que um defeito de nascimento, tal como nascer cego, pode ser devido a algum específico e terrível pecado. No verso três, Jesus dissipa o Farisaísmo rapidamente: ... Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus. Em outras palavras, ele não nasceu cego por causa de algum específico pecado cometido por seus pais ou por ele. Sem dúvida, todos os problemas físicos eram devido à queda de Adão e eram resultados de um problema geral do pecado e queda da humanidade. **O homem morre devido ao pecado em geral da humanidade**, devido a serem descendentes de Adão. Contudo, dizer que um defeito específico de nascimento, enfermidade, doença ou injúria é sempre devido a um pecado em particular ou um demônio em **particular é ensinamento falacioso**. Jesus claramente dissipa estes ensinamentos dizendo que este homem não pecou, nem seus pais pecaram. Pelo contrário, Deus providenciou para que este homem nascesse cego para que Deus pudesse demonstrar Sua glória realizando uma grande obra. Tendo dispersado e corrigido a falsa teologia de Seus discípulos, Ele então procedeu a cura. Ele escolheu curar o homem de uma forma nunca vista antes, até aquele momento, o homem nunca havia chegado a vê-LO. Jesus cuspiu no solo, misturou o cuspe com a terra; Ele formou uma pasta de barro e então a esfregou nos olhos do homem. Ele mandou o homem ir ao Tanque de Siloé e lavar a pasta de barro de seus olhos, e então ele poderia ver.

É muito significante que, de todos os locais que Jesus poderia enviar o homem para lavar seus olhos, **Ele enviou-o para um tanque dentre os muitos de Jerusalém – o tanque de Siloé**. Este tanque não era fácil de ir do centro de Jerusalém devido a um monte com uma íngreme descida. Esta era a semana da Festa dos Tabernáculos e, durante esta festa, existia um ritual especial chamado "o derramamento de água". Neste ritual, **os sacerdotes marchavam descendo do Templo do Monte para o Tanque de Siloé, enchiam jarros com água do Tanque de Siloé, marchavam de volta para o Templo do Monte, e a água era colocada dentro do Lavador dentro do Complexo do Templo**. Isto era seguido por um grande regozijo. Durante a Festa dos Tabernáculos, o tanque principal, que era o centro a atenção Judia, era o Tanque de Siloé, era o único tanque que tinha um grande número de Judeus presentes que poderiam observar esse terceiro milagre messiânico.

O homem voltou para o Tanque de Siloé, lavou seus olhos, e quando ele os abriu, pela primeira vez em toda sua vida, **ele estava apto a ver!** Todos que conheciam aquele homem e sabiam que ele havia nascido cego, criaram uma tremenda agitação. João 9:8-9 registra: Então os vizinhos, e aqueles que dantes tinham visto que era cego, diziam: Não é este aquele que estava assentado e mendigava? Uns diziam: É este. E outros: Parece-se com ele. Ele dizia: Sou eu. Ocorreu muita confusão devido a muitas pessoas reconhecer-lo, porém outros demoraram um pouco de tempo para acreditar que o homem que havia nascido cego estava curado. Eles responderam dizendo, "Não é ele, somente parece com ele". Finalmente o homem disse, "Sou eu". Quando eles finalmente fizeram a pergunta crucial, "Como se te abriram os olhos?" Afinal das contas, isto é um milagre messiânico.

Sua resposta, no verso onze foi: Ele respondeu, e disse: O homem chamado Jesus, fez lodo, e untou-me os olhos, e disse-me: Vai ao Tanque de Siloé, lava-te. Então fui, e lavei-me, e vi.

Quando perguntaram a ele, "Onde Ele está?" Ele respondeu: "Eu não sei". Lembrem-se, quando Jesus enviou-o ao Tanque de Siloé, o homem estava ainda em estado de cegueira; **ele nunca havia visto Jesus**. Agora que podia ver, o homem ainda não conhecia quem Jesus era ou como Ele era.

### **O Primeiro Interrogatório do Homem**

Na segunda parte, João 9:13-17, o homem é interrogado a primeira vez. Devido ao fato de que este foi **um milagre messiânico**, o homem foi levado aos Fariseus para investigação e explicações. Uma vez que Jesus tinha escolhido curar o homem no Sábado, um alvoroço foi criado por parte das massas. Os Fariseus sabiam muito bem que de alguma maneira eles deveriam intervir nisto. Como os Fariseus iniciaram o interrogatório para descobrir as circunstâncias da cura desta cegueira de nascença, uma divisão surgiu entre eles.

De acordo com o verso 16a: Então alguns Fariseus diziam: Este homem não é de Deus, pois não guarda o Sábado.

Devido ao pensamento de que uma cura em um Sábado era uma violação do Sábado, eles não acreditavam que Jesus poderia ser um homem de Deus, muito menos O Homem de Deus, o próprio Messias.

Até mesmo entre os Fariseus, faziam a pergunta do verso 16b:

Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tais sinais?



Note a ênfase, não somente sinais, pois falsos profetas podem também realizar sinais, porém estes particulares sinais, estes especiais milagres messiânicos.

Quando eles perguntaram ao homem que nasceu cego e que agora estava curado de sua cegueira qual sua opinião sobre Jesus, o homem simplesmente concluiu que aquele homem pelo menos deveria ser um profeta (v. 17). Contudo, de acordo com o ensinamento Farisaico, embora um profeta estivesse apto a realizar milagres, como Elias e Elizeu certamente fariam, fazer um milagre messiânico não era prerrogativa de um profeta, porém era prerrogativa somente do Messias.

De qualquer forma o primeiro interrogatório do homem não levou a nenhuma conclusão específica.

### **O Interrogatório dos Pais [do cego]**

Na terceira parte da passagem, João 9:18-22, os pais [do cego] foram interrogados. Entre os Fariseus, surgiu uma questão, "Suponha que isto tudo que aconteceu é uma mentira. Somente suponha que o homem nunca nasceu cego e todas estas coisas são um truque." [Mas] os pais confirmaram duas coisas. Primeiro, que este homem é definitivamente o filho deles e que disto não haja a menor dúvida. Segundo, que eles afirmam que ele nasceu cego. Assim, não havia nenhuma possibilidade, nem mesmo de longe, de que alguém estivesse fingindo, tentando aplicar um truque nos Fariseus. Quando os Fariseus perguntaram aos pais durante o interrogatório se seu filho havia nascido realmente cego, inapto a ver, os pais decidiram não dizer mais nada e mandaram eles perguntarem diretamente ao filho deles.

A razão de sua relutância está no verso 22: Seus pais disseram isto, porque temiam os Judeus. Porquanto já os Judeus tinham resolvido que, se alguém confessasse ser ele o Cristo, fosse expulso da sinagoga.

Isto já havia sido decretado para qualquer que reconhecesse Jesus como o próprio Messias, eles poderiam ser excomungados da sinagoga. Era óbvio que os pais procuravam acreditar Nele [no Cristo], e talvez neste ponto até mesmo acreditavam, mesmo que secretamente, que Ele era o Messias, pois eles viram que Ele não só realizou um milagre messiânico, mas também realizou esse milagre em seu próprio filho.

No Judaísmo Farisaico, havia três níveis de excomunhão. O primeiro nível era chamado de **hezipah**, que é simplesmente uma "repreensão" que varia de sete a trinta dias e era meramente disciplinar. E não poderia ser realizada a menos que pronunciada por três rabinos. Este era o menor nível de excomunhão. Um exemplo de hezipah é encontrado em 1 Timóteo 5:1. O segundo nível era chamado de **niddui**, que significava, "expulsão". Ela poderia ser de no mínimo

trinta dias e era disciplinar. Uma **niddui** deveria ser pronunciada por dez rabinos. Exemplo desse segundo tipo é encontrado em 2 Tessalonicenses 3:14-15 e Tito 3:10. O terceiro era o pior tipo de excomunhão e era chamado de **cherem**, que significava ser “expulso da sinagoga”, ser “colocado para fora da sinagoga e ser separado da comunidade Judaica”. O restante dos Judeus consideravam sob **o cherem uma ofensa de morte**, e nenhum tipo de comunhão ou nenhum tipo de relacionamento poderia ser feito com essa pessoa. Este terceiro tipo é encontrado em I Coríntios 5:1-7 e Mateus 18:15-20.

O fato da expressão “colocado para fora da sinagoga” ser usado, fala-nos do nível de excomunhão que os Fariseus escolheram para quem reconhecia Jesus como seu Messias. Esse era o terceiro e mais severo nível, o cherem – ser expulso da sinagoga, ser colocado para fora, ser considerado como morto. Portanto, os Fariseus estavam agora tratando um Judeu crente – não somente como repreensível ou como expulso temporariamente – porém passível de expulsão permanentemente. Devido a seus pais saberem deste decreto Farisaico em relação à Jesus, o terceiro nível de excomunhão, eles escolheram não tecer mais comentários, exceto afirmar estas duas coisas: que ele era seu filho, e que ele havia nascido cego.

Portanto, a interrogação dos pais, como na primeira interrogação do homem, também finalizou-se inconclusiva.

### **O Segundo Interrogatório do Homem [nascido cego]**

O quarto segmento deste capítulo, João 9:23-34, registra o segundo interrogatório do homem que nasceu cego. Durante este interrogatório os Fariseus iniciam a perda de seu senso de lógica. Eles chamam o ex-cego uma segunda vez no verso 24 e dizem: ... Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador. Notem quão ilógico é essa afirmação. “Louve ao Senhor!” eles dizem, “porque nós sabemos que este homem, Jesus, é um pecador.” Porém nunca ninguém sai por aí dizendo, “Louve ao Senhor! Nós sabemos que pessoas deste tipo são pecadores.” Isto não é algo para louvar à Deus. É algo triste quando pessoas cometem atos específicos de pecado. Porém os Fariseus estavam tão fora de si por conta de Jesus que eles não eram capazes de pensar claramente ou pensar de uma maneira lógica. Neste ponto, o homem que tinha sido curado era capaz de ter calma e de ainda exercer algum grau de controle. Ele disse no verso 25: ... Se é pecador, não sei; uma coisa sei, é que, havendo eu sido cego, agora vejo. A declaração feita pelo homem não foi uma simples declaração de um fato; **foi um desafio para os Fariseus, algo que eles tinham que responder**. O que ele estava dizendo para eles nas entrelinhas era, “Eu era um homem que nasci cego, e não simplesmente um homem que fui cego. Vocês são pessoas que disseram-me que somente o Messias poderia realizar a cura de alguém que

nasceu cego. Eu nasci cego. Um homem chamado Jesus realizou essa tal cura em mim. De acordo com a teologia, que vocês me falaram, Eu deveria pensar que vocês iriam proclamar- Lo o Messias de Israel. Em vez disso, vocês O chamam de pecador. Se Ele é ou não um pecador, eu não sei. Uma coisa eu sei: Eu era cego, agora eu vejo. Por favor expliquem-me isso.”

Nos versos 26-27, os Fariseus aceitaram o desafio e questionaram, “Que te fez Ele? Como te abriu os olhos?” (v. 26).

O homem já havia explicado isso aos Fariseus mais de uma vez, porém, no verso 27, ele respondeu aos Fariseus, Já vo-lo disse, “eu já falei a vocês!” e não ouviste; “vocês não escutaram,” para que o queiris tornar a ouvir? Quereis vós porventura fazer-vos também seus discípulos?

Sem dúvida, isto não era uma coisa muito esperta para se dizer aos Fariseus, “Quereis vós porventura tornarem-se também discípulos de Jesus?” Isto era a última coisa na qual eles estavam interessados. Neste ponto, o homem estava sendo estratégico.

Eles replicaram desta maneira em João 9:28-29: Então o injuriaram, e disseram: Discípulo dele sejas tu; nós, porém somos discípulos de Moisés. Nós também sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos de onde é.

Os Fariseus começaram a verbalmente ofender o homem. Eles o cutucaram ironicamente. Eles obviamente viram que o homem não estava muito persuadido a aceitar a alegação deles de que Jesus era um pecador. Eles desistiram do homem deixando-o para Jesus e disseram, “Bem, você pode ir e ser seu discípulo, porém nós somos discípulos de Moisés, porém nós não sabemos quem é este homem e nem de onde veio.” A implicação era de que Deus não falava para Jesus, então ser discípulo de Moisés era superior a ser discípulo de Jesus.

Porém o homem não ficou em silêncio. No verso 30, ele deu sua resposta então: ... Nisto, pois, está a maravilha, que vós não saibais de onde ele é, e contudo me abraisse os olhos.

“Você é o líder religioso de Israel. Você falou-me que somente o Messias poderia fazer-me ver. Agora eu vejo, e você não pode explicar isso para mim, você que é o líder religioso do povo de Israel.”

Ele prosseguiu, lembrando-os de sua própria teologia nos versos 31-32: Ora, nós sabemos que Deus não ouve a pecadores; mas, se alguém é temente a Deus, e faz a sua vontade, a esse ouve. Desde o princípio do mundo nunca se ouviu que alguém abraisse os olhos a um cego de nascença. Existiam registros de cura de pessoas que tinham ficado cegas após seus nascimentos, **porém nenhum registro de pessoas que eram cegas de nascença** e depois foram curadas. Este era um milagre messiânico, e pela primeira vez em toda a história humana, este

milagre messiânico foi feito. O homem (ex-cego) simplesmente disse para os Fariseus que eles não tinham base ou fundamento para rejeitar Jesus como o Messias. A resposta dos Fariseus está no verso 34: Tu és nascido todo em pecados, e nos ensinas a nós? “Tu és nascido todo em pecados.” Por que eles disseram isto? **Por que na teologia Farisaica quando alguém nascia cego, nascia desta maneira por conta de alguns pecados específicos, tanto cometido pelo indivíduo enquanto no útero de sua mãe,** quanto pelos seus pais. Então eles disseram, “Você nasceu em pecado. Nós não, por que nós não nascemos cegos.” Então no verso 34 lê-se: E expulsaram-no.

O “expulsaram-no” neste verso é o mesmo “expulsaram-no” no verso 22, que significa, “ser colocado para fora da sinagoga.” **O homem foi excomungado.**

### A Cura Espiritual

O quinto e último segmento deste capítulo, João 9:35-41, registra sua cura espiritual. Jesus ouviu o que aconteceu, que o homem tinha sido expulso da sinagoga.

No verso 35, Jesus aproximou-se do homem e falou-lhe: ... Crês tu no Filho de Deus?

No verso 36, o homem responde:

... Quem é ele, Senhor, para que nele creia?

Lembre-se que o homem não tinha anteriormente visto Jesus [portanto, não podia reconhecer Seu rosto].

Sua resposta está nos versos 37-38: E Jesus lhe disse: Tu já o tens visto, e é aquele que fala contigo. Ele disse. Creio Senhor. E o adorou.

O homem viu Jesus e o adorou. **Adorar um homem era reconhecer que ele era Deus também.** O homem cego, formalmente, teve sua cura espiritual.

Resumindo: O resultado do primeiro milagre messiânico foi que começou investigação intensiva do Ministério Messiânico de Jesus. O resultado do segundo milagre messiânico foi o decreto de que Jesus não era o Messias e a base do decreto foi alegação de que era uma possessão demoníaca. A resposta da liderança para o terceiro milagre messiânico foi que se alguém creditasse à Jesus como seu Messias seria colocado para fora da sinagoga.

#### IV. O Testemunho Messiânico Final

Jesus realizou tantos milagres messiânicos de uma só vez que mandou uma mensagem clara aos líderes de Israel. Como resultado da rejeição de Sua alegação messiânica após seu segundo milagre messiânico, Jesus pronunciou um julgamento sobre aquela geração de Israel por ser culpada do seu pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo. **Então Ele disse algo mais.** Ele também disse que, por causa de sua rejeição, não haveria mais sinais para aquela nação **exceto um, o sinal do profeta Jonas**, que é o sinal da ressurreição. Em João 11:1-44, aquele sinal foi dado com a ressurreição de Lázaro. Jesus levantou Lázaro da morte depois de ele ter ficado morto por quatro dias.

O fato de Lázaro ter ficado morto por quatro dias é muito significativo. De acordo com os ensinamentos do Judaísmo Farisaico, quando um homem morria o espírito do **homem ficava ao redor do corpo durante os primeiros três dias.** Durante esses três dias, ainda existia uma possibilidade de que a ressuscitação [evento natural, embora extremamente raro] ocorresse. **A partir do quarto dia o espírito do homem descia para o Sheol ou Hades e então a ressuscitação era impossível,** somente um milagre de ressurreição poderia realizar isso. **O fato de Jesus esperar até Lázaro estar morto por quatro dias mostrou que eles nunca poderiam explicar a ressurreição de Lázaro alegando que foi uma mera ressuscitação.** Então, quando Jesus levantou Lázaro da morte após quatro dias, isto de novo criou um alvoroço.

Em João 11:45-54, o Sinédrio encontrou-se e deliberou. Durante a deliberação, eles meramente levaram adiante a rejeição sobre o que ocorrera. Como resultado do segundo milagre messiânico, eles rejeitaram Sua alegação messiânica. **Agora, sua resposta para o milagre da ressurreição de Lázaro foi a sentença de morte para Jesus.** Foi Caifás, o sumo sacerdote, que levou o Sinédrio à rejeição de Jesus sentenciando-O à morte.

O que aconteceu em seguida está registrado em Lucas 17:11-19. Naquele tempo, não um mas dez leprosos vieram a Jesus pedindo a Ele para curá-los. O que Ele respondeu está registrado nos versos 14: E Ele, vendo-os, disse-lhes: Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos.

Jesus enviou estes dez leprosos diretamente para o sacerdócio que, **sob a liderança de Caifás, tinha decretado a Sua sentença de morte.** Isto significava que, em vez de um milagre messiânico, **tinham dez milagres messiânicos realizados:** o primeiro milagre messiânico foi realizado dez vezes mais. Dez vezes mais Caifás e os demais **sacerdotes gastaram sete dias investigando a**

**situação. Dez vezes mais, eles tiveram que decretar que todas aqueles dez leprosos foram limpos e ficaram curados de sua lepra. Dez vezes mais, eles tiveram que decretar que Jesus realizou o milagre.** Isto realmente mostrou algum *humor Judeu*, ao menos, da parte de Jesus, que escolheu enviar para os líderes de Israel dez leprosos curados logo após eles terem decretado Sua rejeição sentenciando-O à morte.

**O fato dele ser o Messias foi proclamado, não meramente pela boca de duas ou três testemunhas, porém pela boca de dez testemunhas.** De novo, Ele provou para os líderes que eles não tinham base, não tinham razão, para rejeitar Sua alegação de ser o Messias.

Autor: Arnold Fruchtenbaum

Tradutor: Carlos Oliveira, Portugal, 2004.

## **O insólito, o sobrenatural e o aterrorizante das Escrituras**

O Pai que Jesus manifestou é essencialmente o Deus revelado no Velho Testamento. A realidade espiritual **não necessita e nem se baseia em falsos milagres**. Nem por isso o ENIGMA divino se desvenda sem certa dose de investigação. As Escrituras são espirituais, são verdadeiramente sobrenaturais, são verdadeiramente sábias. Ao contrário de Rasputin (que tinha uma filha muito linda, diga-se de passagem) que FINGIA ser o que não era e POSSUIR dons sobrenaturais que não tinha e possuir uma Sabedoria que jamais conheceu. O Espírito de Deus convocaria de bom grado ao detetive sobrenatural Sanal Edamaruku para **averiguar as coisas que revela sobre si mesmo no Velho Testamento**. Coisas que Louis Neilmoris não compreendeu.

A essência do Deus revelado nas Escrituras é maravilhosa e sublime ainda que declarada em meio **de assustadoras contradições**.

Jesus afirma: Eu e o Pai somos Um. João proclama que Deus estava em Cristo reconciliando consigo ao mundo. O profeta afirma que Jesus era essencialmente o Senhor revelado no Velho Testamento quando diz "então virá o Senhor ao seu santo templo". Ou quando o salmista proclama "e então serão ensinados por Deus". Jesus não via outro que não seu Pai ao olhar as páginas do Velho Testamento. "Não crês que eu estou no Pai e que o pai está em mim?" Não via imperfeição na essência da Lei escrita ao afirma que "não viera para ab-rogar a Lei, antes cumpri-la". O Deus que se mostra em cada página das Escrituras possui um propósito claro. E afirma que ele se cumpre em Jesus quando fala "Este é meu Filho Amado, a Ele eu ouvi".

A perplexidade diante dos atos divinos no Velho Testamento testará ao caráter daqueles que dele se aproximam. Há, ENTRETANTO, uma lógica oculta nos seus atos. E ELE POSSUI MOTIVOS SUPERIORES.

**O PAI não agirá que nem um doido varrido, vez ou outra, à toa.** Não agiu inconsequentemente. Não contradirá, não importa o que realize no Antigo testamento, à sua natureza.

Mesmo que não compreendamos tudo que ele fez, ou porque o fez, é impossível rejeitar sua essência. Seja como poeta "Caia como a chuva a minha doutrina; destile a minha palavra como o orvalho, como chuvisco sobre a erva e como chuvas sobre a relva." (Deuteronômio 32.2). Seja como profeta "Desde a antiguidade anunciei as coisas que haviam de ser; da minha boca é que saíram, e eu as fiz ouvir; de repente as pus por obra, e elas aconteceram." (Isaías 48.3)

Seja como matemático "Quem mediu com o seu punho as águas, e tomou a medida dos céus aos palmos, e recolheu numa medida o pó da terra e pesou os montes com pesos e os outeiros em balanças,...?" (Isaías 40.12) Ou agindo como um BRUXO, como uma AMALDIÇADOR profissional. **"Consumidos serão de fome, comidos pela febre ardente e de peste amarga; e contra eles enviarei dentes de feras, com ardente veneno de serpentes do pó. Por fora devastará a espada, e por dentro o pavor; ao jovem, juntamente com a virgem, assim à criança de peito como ao homem encanecido."** Deuteronômio 32:19-23

#### A MANIFESTAÇÃO DA LEI. A PARÁBOLA DE BABA YAGA

Nas lendas russas nos é apresentado a figura de uma bruxa. **Baba Yaga**. Baba Yaga é um ser sobrenatural que tem sua origem no folclore do leste europeu, mais precisamente na mitologia eslava, conhecida também como a bruxa Yaga. Ela é um ser sobrenatural, comumente retratada como uma mulher bastante idosa, com ossos salientes, olhos chamuscados como carvão em brasa e com cabelos de cardo saindo do seu crânio. Essa aparência repugnante caía-lhe como uma luva, com seu aspecto sombrio e sua personalidade caótica, cercada de mistérios e incertezas, geralmente de aparência feroz. Diferentemente das bruxas clássicas, Baba Yaga voa sempre em cima de um almofariz/caldeirão (ao invés de voar com a vassoura) e empunha sempre um pilão. Ela só utiliza a vassoura para apagar os seus rastros para não ser encontrada. Costuma morar nas profundezas de florestas em uma cabana velha, geralmente descrita como "a casa do pé de galinha", já que sua casa apresenta dois misteriosos pés de galinha em seus alicerces, por essa razão a casa está sempre em movimento.

Na história de Vasalisa temos uma vaga ideia da figura aterrorizante:

"Baba Yaga no seu caldeirão desceu sobre Vasalisa, aos gritos.

- O que você quer?

- Vovó, vim apanhar fogo - respondeu a menina, estremecendo. - Está frio na minha casa... o meu pessoal vai morrer... preciso de fogo.

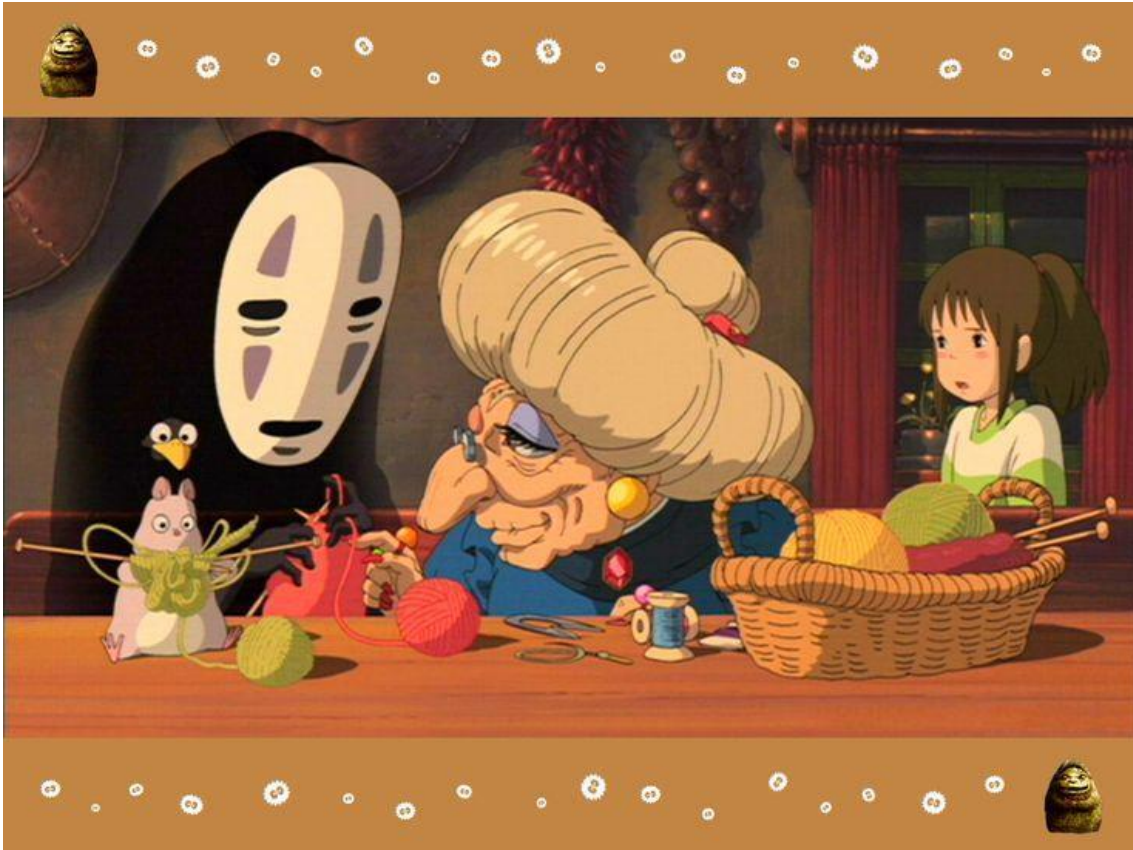
- Ah, sssssei - retrucou Baba Yaga, rabugenta.

- Conheço você e o seu pessoal. Bem, criança inútil... você deixou o fogo se apagar. O que é muita imprudência. Além do mais, o que faz pensar que eu lhe daria uma chama?

- Porque eu estou pedindo - respondeu rápido Vasalisa depois de consultar a boneca.

- Você tem sorte - ronronou Baba Yaga - Essa é a resposta certa...."





No filme Spirited Away (Sen to Chihiro no Kamikakushi) "A viagem de Chihiro" (2001) Baba Yaga é representada por uma bruxa (Yubaba) pavorosa que julga as ações de Chihiro num vilarejo/um lugar de monstros e seres fantásticos.

Numa das cenas quando bruxa percebe que seu "bebê monstro" foi "sequestrado" ela vai até seu mágico assistente Haku, que na aventura ajuda a Chihiro nas muitas 'provas' ao qual é submetida, sob o risco de perder sua liberdade.

A cena assustadora revela a plenitude da ira da criatura, que se aproxima pavorosamente de seu criado, de coragem também, infinita. Haku sequer pisca.





As coisas que foram ordenadas no Velho testamento nos assustarão. Deus agirá aos olhos de muitos de modo 'louco', e nos amedronta. Apavora-nos sua GRAVIDADE. Sua rudeza. Sua ASPEREZA. Questionamos por vezes, como essa "Baba Yaga" pode ser o Pai de Jesus CRISTO?

"O que vendo o Senhor, os desprezou, **por ter sido provocado à ira contra seus filhos e suas filhas**; E disse: **Esconderei o meu rosto deles**, verei qual será o seu fim; porque são geração perversa, filhos em quem não há lealdade. **A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus; com as suas vaidades me provocaram à ira**: portanto eu os provocarei a zelos com o que não é povo; **com nação louca os despertarei à ira**. Porque **um fogo se acendeu na minha ira, e arderá até ao mais profundo do inferno, e consumirá a terra com a sua colheita, e abrasará os fundamentos dos montes. Males amontoarei sobre eles; as minhas setas esgotarei contra eles.**"

Deuteronômio 32:24,25

42 **Embriagarei as minhas setas de sangue, e a minha espada comerá carne; do sangue dos mortos e dos prisioneiros, desde a cabeça, haverá vinganças do inimigo.**

## A ASCENDENCIA DIVINA

O Espírito de DEUS declara, no Velho Testamento, não somente para os israelitas, mas para o mundo inteiro, as palavras da profecia abaixo.

Em verdade,  
toda a bota de guerreiro usada no combate  
e toda a veste revolvida em sangue  
serão queimadas,  
como lenha no fogo.  
Porque, um menino nos nasceu,  
um filho nos foi concedido,  
e o governo está sobre os seus ombros.  
Ele será chamado Maravilhoso Conselheiro,  
Deus Poderoso,  
Pai Eterno;  
e  
Príncipe da paz.

Livro de Isaías. Capitulo nono.

Proclamava a vinda de um Messias! Nenhum povo jamais falara antes **de um regente mundial, que inaugurasse um tempo de paz!** Porque todos os reis da antiguidade **reivindicavam para si o status de descendência divina!** Anunciar o **reino de Deus futuro** equivaleria a renunciar a **VOCAÇÃO DIVINA imediata dos reinos da antiguidade**, significaria RENUNCIAR a LEGITIMIDADE e o DIREITO ao trono, em qualquer lugar da TERRA!

Em qualquer civilização os soberanos careciam da **legitimação de uma tradição qualquer que os unisse a uma vocação divina**. Eram os deuses que estabeleciam as dinastias da antiguidade. O Deus de Israel anunciava uma dinastia NOVA. Global e universal. E INFINDA.

A questão da virgindade de Maria vai muito além do costumamos imaginar. É uma profecia belíssima e exclusiva, que será uma dignificação profunda e contrária a tudo que foi feito nos santuários da antiguidade. A prostituta sagrada morria na juventude, a maioria dela em virtude das muitas enfermidades contraídas em seu triste ofício, no relacionamento com milhares de homens num curto período de tempo. Muitas eram forçadas ou serviam-se ritualmente de sexo não convencional para não gerar filhos. Algumas se prostituíam e permaneciam permanentemente virgens. Eram consagradas a deuses e não geravam semente, não possuíam filhos ou filhas. Eram virgens forçadas para não perder o status de 'esposas' consagradas á divindades. O relacionamento com

uma prostituta sagrada significava uma 'união' entre o homem que de modo 'mágico' tocava uma sacerdotisa que dizia-se 'incorporada' da divindade a quem prestava serviços. Nessa devoção insana era como se o homem fizesse sexo com a própria deusa, esse era o significado oculto por detrás dos atos sexuais feitos nos templos da fertilidade e nos Zigurates da antiguidade. Uma fornicação legitimada pela religiosidade. Há uma zombaria profunda da dignidade feminina neste ato. Dolorosamente viviam as moças que mesmo que gerassem filhos não seriam tidos como homens livres. Não teriam mais direitos do que escravos, mesmo porque a maioria das moças eram escravas. A virgindade forçada de algumas das moças da antiguidade contrastava com um dos maiores ideais da feminilidade da antiguidade, a de ser esposa de um marido que as amasse e terem filhos que dessem continuidade ao seu nome e ao nome de seu esposo. Ter o reconhecimento de serem mães, dignificadas pelo casamento, tendo cidadania e a honra devida à mulher oriental. Há uma controversa situação quando do 'nascimento' de crianças das mulheres 'sagradas' da antiguidade. Em alguns momentos eram tidas como 'descendência divina', porque eram geradas acidentalmente ou consensualmente fruto de encontros rituais com as prostitutas sagradas. Muitas – talvez todas não saberiam precisar quem era o pai da criança – essa criança gerada por um ato 'mágico' lhes concedia um status de 'crianças divinas'. **Embora tivessem um nobre epíteto, não tinham a mesma sorte dos reis, que invocavam sobre si a mesma descendência para legitimar seu poder. Elas eram estigmatizadas e destituídas de reconhecimento, sendo trancafiadas dentro de sua 'classe social' ou casta. Elas eram 'contidas' numa região de desprezo, sendo maquiavelicamente destruídas, relegadas a uma existência de pobreza ou de dedicação ao templo.** Os filhos e filhas das prostitutas sagradas seguiriam o triste destino de suas mães – porque não possuíam pais que as legitimasse, seriam desde o nascimento 'consagradas' às divindades e estavam fadadas a uma vida que as conduziria ao prostíbulo ou a prostituição cultural.

Existia ainda um grupo de mulheres virgens que dedicava toda a vida a zelar pela chama sagrada de Vesta, deusa do fogo. As vestais, como eram chamadas, deixavam suas famílias entre os 6 e os 10 anos para passar aproximadamente 30 anos vivendo ao lado do templo, sem que pudessem casar.

## A PROFECIA DA CONCEPÇÃO DA VIRGEM

<sup>14</sup> **Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel.**

A profecia de Isaías é a *contravenção divina levada às raias do descalabro*. Ele zomba da zombaria, ele dignificará de modo definitivo a mais desonrada das mulheres, que é hipocritamente dignificada de 'alta-sacerdotiza' – na verdade uma escrava da religião, sem direito ao seu próprio corpo ou a própria vida.

O milagre do nascimento de Cristo, gerado pelo poder do Espírito é uma maravilha em todos os sentidos. Chamavam 'falsamente' de criança divina aos nascituros dos prostíbulos religiosos, então, ao verdadeiramente divino, Deus chamará de 'Deus conosco', Emanuel. A moça virgem, abusada e usada na maioria das vezes contra sua vontade, escrava de uma herança que teve início em seu nascimento, terá sua representação numa adolescente convidada pelo Espírito que aguarda dela um posicionamento – eis aqui a tua serva, faça em mim conforme a tua vontade -, para que, SEM TOCÁ-LA, conceder-lhe um filho que trará LIBERDADE para todo ser humano. É dito da prostituta cultural que ela tinha acesso e 'comunhão íntima' com deuses, muitas vezes bêbada, intoxicada por drogas como o ópio ou estrato de plantas como a mandrágora, que sua sexualidade devassada lhe concederia a essência divina. Então o Espírito 'descerá' sobre Maria, a envolverá e lhe concederá um milagre, a essência divina envolta num corpo humano gerado no corpo dela. Consciente e voluntariamente. Chamaram a prostituta cultural, milhares delas, de santas, de consagradas, de separadas, ironicamente zombando de seus corpos – sagrados - eram cotidianamente profanadas. O Espírito santo então SANTIFICA para si uma adolescente, uma única menina no meio de todas as mulheres da terra, não para profaná-la, antes para dignificá-la de modo extraordinário e através dela a todas as outras mulheres da terra. **O milagre do nascimento do Messias de uma virgem é uma declaração de amor pessoal do Espírito a cada moça na terra que foi usufruto da lascívia, da escravidão sexual, da religiosidade sensualizada.** Nele há uma reminiscência dolorosa, há uma terna declaração de que o Espírito testemunhou a degradação da vida preciosa de milhões de mulheres e até de jovens que serviram de 'alimento' para uma multidão de homens ensandecidos pelos seus próprios desejos.

Os filhos das prostitutas culturais eram desprezados sem direitos civis. A destituição de uma mãe sacerdotisa os inclinava à pobreza ou desterro. As devadassi na Índia deixam de exercer seu ofício aos 44 anos. O capítulo 23 de Jó dá um panorama de sua situação. **Jesus nasce de uma moça virgem - não para o desterro - mas para assumir o reino dos homens.**

Há uma belíssima representação aqui – Jesus representa essa 'criança-divina' condenada ao ostracismo, presa a um 'destino, confinado a uma 'casta', já que nasce de uma família pobre e mesmo entre os hebreus é desprezado em função de sua origem humilde, numa cidade obscura, num povoado sem nenhum

cenário de exposição política, social ou religiosa. Se tivesse nascido na Índia seria certamente pertencente a uma casta de operários até o final de seus dias.

## O ASSOMBROSO DA RESSURREIÇÃO NAS ESCRITURAS

O contraponto em todas as histórias sobrenaturais que envolve a morte nos contos assombrados ao redor do mundo é que a morte reina absoluta, onde ela é encontrada resta a praga, onde ela é compartilhada até o chão se torna impuro, maldito. O chão dos mortos é amaldiçoado, o lugar dos mortos habitação de fantasmas, o contato com os mortos gera necessidade de purificação. As histórias de assombração mostram que o contato com almas do outro mundo sinaliza desgraças, anunciam tristezas, podem gerar escravidão ou obrigações. A morte metamorfoseia-se em mulheres, em sapos, em cegonhas, em répteis, em bichos de toda sorte. Os ossos evidenciam o terror humano à esfera da morte, devem ser escondidos, enterrados, queimados. Todo conto de terror que se preze tira de dentro de uma catacumba um esqueleto e se os mortos por acaso voltam a vida, retornam como se fossem espectros, sombra destituídas de emoções, fiapos, esboços de humanidade desprovidos de humanidade. Ossos lembram gente morta, lembram o passado, lembram festas que cessaram, danças que já não serão dançadas, instrumentos que já não serão tocados. A morte gerava o medo, em alguns casos o terror absoluto, cria-se que espíritos poderiam matar, pelo toque, pelo olhar. Encontrar-se com qualquer coisa semiviva ou semimorta, uma entidade qualquer em todos os contos terminava com a morte de quem ousava a façanha. Não há esperança nos contos sobre mortos da antiguidade. Os monstros do imaginário japonês desfilam amargura, desfilam sonhos desfeitos, vinganças, arrastam para sua tragédia pessoal os que cruzarem seus caminhos, comem carne humana, anseiam o usufruto da vida que não possuem e que vampirizam dos vivos. O Espírito de Deus então assombra com suas histórias de mistério, onde o absurdo da ressurreição abala o mundo dos contos de terror da antiguidade. Onde ossos são tocados e em vez de mau agouro, trazem livramento!

O ASSOMBROSO nas Escrituras desconstrói o assombrado! Ela usa até pedaços de ossadas para operar milagres.

*"Depois morreu Eliseu, e o sepultaram. Ora, as tropas dos moabitas invadiram a terra à entrada do ano. E sucedeu que, enterrando eles um homem, eis que viram uma tropa, e lançaram o homem na sepultura de Eliseu; e, caindo nela o homem, e tocando os ossos de Eliseu, reviveu, e se levantou sobre os seus pés." (II Reis 13.20-21)*

O outro exemplo mágico das Escrituras é o susto do coveiro, do morto não nomeado, vulgo, indigente, sendo enterrado num cemitério de campanha – descobrem o “amontoado de ossos” e dentre os ossos, o de um desconhecido, não tão desconhecido assim.



Eliseu. O morto, ao tocar aos ossos do outro morto, ressuscita.

**Não há fé no soldado morto.**

**Não há fé no coveiro e não há fé no osso.** Há ali somente um esqueleto. **Não há profecia anterior que redefina a cena.** No caso da pessoa que era curada ao agitar das águas do tanque de Bethesda poderíamos ter uma profecia anterior que instaurasse nele uma ordem celestial perpétua. Não há, no entanto uma profecia, uma lei, um escrito que prescreva situação como essa. De um morto ressuscitar a outro morto.

Não há tão pouco a presença do Espírito que unge, que habita ao espírito humano, **pois ali não há espírito humano para ser habitado**, nem carne, somente ossos. **Não há a unção**, não há a presença do Espírito, **restou somente o seu PODER.** Fruto de profunda interação entre o espírito de Eliseu e o espírito de Deus. Fruto de um pedido mais ou menos insensato. Aquele pedido que Eliseu faz a Elias: “dá-me o dobro do teu espírito”.

Há ali, no osso anônimo, **poder remanescente, poder remanente, poder que restou e permaneceu sobre o morto.** A unção em Eliseu deixou energia DIVINA, **acidentalmente...** Ativada.

Aparentemente. É essa a APARENCIA mágica da história. Mesmo que não fosse uma coisa automática, houvesse anjos ali, guardando o corpo do profeta, **a aparência da maravilha é a de um morto tocando um objeto mágico contendo poderes ilimitados.**

Se não cavassem ali, por acaso, naquele local, e se naquela vala não tivessem tocado naquele osso, o soldado morto permaneceria morto.

**Não houve interferência da vontade do morto.** Eliseu, diga-se de passagem, estava bem distante de seus ossos, numa outra dimensão chamada Sheol no hebraico do Velho testamento. O que restou ali é parte da indumentária e de sua habitação provisória, o corpo humano transformado em ossos e pó.

É o equivalente ao “De mim saiu virtude do Novo Testamento”.

É algo absurdamente mágico. Nada no mundo da antiguidade se igualou a tal acontecimento, em grau de assombro. Ou de espanto. Nunca tal ocorreu antes e tal jamais ocorreria novamente até que Jesus quebra o recorde solitário, quando ao morrer na cruz, o poder que dele se esvai é de tal monta que ressuscita talvez a dezenas de pessoas num cemitério judaico próximo do local onde morria. Sem toque físico.

Temos então o osso que dá testemunho da ‘magia’ divina, do ato mágico, do poder divino não natural, de origem celestial, presente em coisas, que teoricamente é considerada IMPURA. O corpo de um morto. Isso de usar ossos

como coisa 'mágica' lembra-nos o osso do pobre-coitado do jumento morto no chão e tendo a queixada arrancada para infelicidade de cerca de 1000 soldados filisteus. No singular dia em que um osso de um jumento morto valeu mais que a fúria de 1000 soldados.

O "osso ungido" ou os restos mortais do profeta, falando de um modo chique, guardam *uma identidade supranatural ou sobrenatural* e independente de haver ou não fé futura, ou da espiritualidade de qualquer um, preserva em si o poder divino.

Uma operação no passado, cerca de dois anos ou mais separam o profeta de sua ossada. A pessoa que ressuscita é um soldado de uma tropa inimiga. Um moabita. O corpo do soldado morto em batalha é 'desovado' na cova recém-aberta de Elias. Ele é lançado apressadamente, porque o enterro do mesmo é interrompido pelo avistamento de uma tropa inimiga. Uma operação de fé no passado gerou uma estrutura permanente, uma dimensão sobrenatural contínua, de poder que não prescreveu. Uma energia que não cessou mesmo após a morte de seu possuidor. Convém meditar que de todas as operações milagrosas a RESSURREIÇÃO é o último nível de poder que o operador de milagres ensaja viver. É sempre o mais assombroso, porque o mundo natural é cheio de coisas maravilhosas, terríveis, grandiosas. Os terremotos, os maremotos, as explosões, as marés, as tempestades, os furacões, os relâmpagos, os meteoros e estrelas cadentes. O vendaval e o ruído do trovão, as grandes quedas de água, as auroras boreais, o pôr-do-sol. As intrincadas coreografias de milhares de indivíduos como peixes e aves, que realizam um complexo balé concatenando milhares de movimentos e agindo como se fossem um corpo único. Nós vivemos num mundo cheio de coisas grandiosas, mas a ressurreição assume para nós uma transgressão das leis de entropia, uma digressão das leis biológicas, uma mudança da seta do tempo, uma recriação de um pequeno universo, que é a melhor representação do corpo humano, quando da restauração de milhares de processos encadeados e entrelaçados que compõe a existência, dispersos, anulados, destruídos pelo poder da morte, pela decomposição e desagregação celular. A ressurreição é o milagre em forma de poesia, a quintessência do poder divino, a magia divina dançando sobre o abismo de nossa fragilidade e nos demonstrando sua capacidade de negar ao impossível de um modo glorioso, magnífico. É simplesmente a releitura do salmo: "meditarei na magnificência gloriosa de tua majestade" tomando a forma de maravilha e incutindo em nossos ânimos uma alegria imensa, a de que o cessar é só um termo que perdeu seu significado, que o adeus é provisório e que o amanhã é absurdamente imprevisível.

A MORTE É REIVENTADA nas Escrituras. Deus a desmitifica, a desendeusa, a limita, a reduz. O Assombroso das Escrituras não conduz o morto a um estado de zumbi – que na verdade é só um outro modo de dizer que não se 'escapa' da dimensão

da morte – antes, a rejeita, a transtorna, a supera. As Escrituras surpreende ao homens porque relata de primeira mão a primeira ressurreição da TERRA.

Então se estendeu sobre o menino três vezes, e clamou ao Senhor, e disse: Ó Senhor meu Deus, rogo-te que a **alma deste menino torne a entrar nele. E o Senhor ouviu a voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu.**

I Reis 17:21,22

As Escrituras nos assombra com a primeira ressurreição MULTIPLA:

**“abriram-se os sepulcros e muitos corpos de santos que tinham adormecido ressurgiram. Saíram das suas sepulturas, depois da ressurreição dele, foram à cidade santa e apareceram a muitos” (Mateus 27:52)**

E nos assombra quando nos avisa sobre o primeiro IMORTAL:

“e da parte de Jesus Cristo, a Testemunha fiel, **o Primeiro vencedor da morte** e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama e nos purificou dos nossos pecados com o seu sangue,” Apocalipse 1:6

## OS INSETOS NAS ESCRITURAS



# NÃO PERCEBES QUE O EGITO... ... ESTÁ ARRUINADO?

Os conselheiros do faraó lhe disseram: "Até quando este homem será uma ameaça para nós? Deixa os homens irem prestar culto ao Senhor, o Deus deles. Não percebes que o Egito está arruinado?"

Não percebes que o Egito está arruinado?

Há na cultura japonesa um profundo e mágico respeito aos insetos. Há uma origem hebraica anterior ao Xintoísmo que pode ser a resposta para tal identidade entre insetos/pragas, entre insetos/maldições, entre insetos/profecias. Dentro da pedagogia divina o uso de insetos é proposital para a psique dos egípcios. **Quando Efraim imigrar na *diáspora assíria* para a antiga China e as ilhas do arquipélago japonês, carregará consigo os 'vestígios', o 'esqueleto' das tradições que ajudarão a formar a futura mitologia japonesa e dar base às suas superstições.**

Os insetos estão ligados a rebeldia, ao aviso, a mudanças necessárias, ao movimento divino que intencionava mudar o coração de um homem que se considerava Deus e com isso mudar o rumo da história.

A soberba de Faraó destruiu o Egito, em especial sua economia agrícola. Lembrando que o Japão é a terra do arroz, e que uma de suas maiores divindades está ligada ao plantio de arroz. Mexer com o alimento básico significava a morte de milhões de camponeses. O Japão não era uma nação expansionista. Sua vida dependia do arroz. Imagine o impacto psicológico de contar uma história em que insetos destruíram a agricultura.

O castigo 'mágico' num homem que abusava de sua autoridade, por meio de insetos!

A sociedade japonesa era extremamente hierarquizada, o respeito as regras de conduta e de tratamento de classes, posições, títulos, eram seguidos com fervor religioso. Cada grupo que tinha patentes sociais superiores tratava o restante conforme sua vontade, agindo com beneplácito ou com poder de morte e tortura sobre as demais. A escrava que fugisse seria torturada até a morte, o nobre que se sentisse desrespeitado por alguém em posição inferior poderia igualmente confiscar propriedades, enviar para o exílio, prender, torturar e mesmo matar em diversas circunstâncias. **Nada mais poético que a justiça de uma coisa tão insignificante como um inseto sobre a arrogância de pessoas agindo como se fossem deuses.**

A partir da oitava praga, a praga dos gafanhotos, podemos começar a entender a rejeição tão profunda, a desgraça psicológica que conduziu ao Faraó a confiar na última pessoa da terra no qual ele poderia se escorar naquele momento.

Nele mesmo.

Aquele judeu marginal, escravo fugido, estrangeiro sem nome ousava desafiar ao "Senhor dos rituais", ao filho do Sol, ao escolhido por Hórus, aquele que ligava as duas terras, ao sumo-sacerdote separado e ordenado entre os deuses e os homens, ao homem-divino, ao detentor da verdade suprema, ao supremo

soberano do alto e baixo Egito? Por sua benção se estabelecia as cheias do Nilo e os povos vinham de longe com oferendas curvar-se, sim, vinham os príncipes das nações prestar-lhe homenagens, e esse sujeito sem-nome, ousava enfrentar a quem tinha o domínio do mundo dos vivos e os poderes da magia oriundo do mundo dos mortos? Ele que era o detentor dos 5 nomes sagrados, ele o regente do universo, ele que tinha imagens suas retratadas como guerreiro nas paredes de vários templos, sempre em posição de vitória. Ele que nas iconografias era pintado semelhante aos deuses, tanto na postura, nas dimensões quanto aos adereços. Ele o portador das duas coroas, Hedjet consagrada a deusa Nekhbet, que o protegia desde o nascimento e outra Uadjet, consagrada a deusa Amonet, esposa de Amon, a portadora do Poder, do Intangível e do oculto.

Os faraós consideravam-se homens que compartilhavam da essência do divino, e *sabiam* muito bem disso. Diante do rei o súdito tinha de prostrar-se no chão lê-se numa inscrição "estendi-me sobre meu ventre e perdi os sentidos diante dele", e também "os governantes de Medja, Irtjet e Uauat beijaram a terra e aclamaram grandemente" ou dobrar-se respeitosamente conselheiros "curvados sobre seus ventres diante de Sua Majestade" Sofreria punição quem tocasse, mesmo involuntariamente, na pessoa do rei, e este fato era tão extraordinário que mereceu o registro na tumba do sacerdote Ra-ur, que viveu durante a quinta dinastia. Certa vez ele participava de uma cerimônia na qual estava presente o faraó Nefer-ir-ka-Ra e de repente a maça do rei tocou por acaso em sua perna, mas o soberano interveio a seu favor e ordenou: "Minha Majestade deseja que ele passe muito bem, de modo que nada de mau lhe aconteça!". 2 1 Beijar o pé do faraó, portanto, seria considerado suprema honraria, sinal de grande prestígio, como sucedeu com Ptah-nash, vizir do mesmo Nefer-ir-ka-Ra: "Quando Sua Majestade viu que beijaria a terra, Sua Majestade disse:

- Não beijes a terra, beija meu pé". Ao ouvirem isso, "os filhos do rei e os cortesãos que estavam no palácio tremeram de medo"

E quando Moisés fica de pé diante dele é importante ter em mente esses fatos para compreendermos o tamanho da afronta cometida.

Os escravos *apiru*, ou hebreus, ousaram emitir UMA ORDEM contra o mais poderoso dos homens.

(Pobres Faraós divinos – Emanuel Araújo)

A maior façanha da vida de um Faraó seria manter a regularidade da cheia do rio Nilo. Os rituais fantásticos que se seguiam, quando o faraó invocava seu grande poder e demonstrava seu domínio sobre a ordem reuniam uma incontável multidão. Quando o Nilo foi ferido na primeira praga seu domínio fora colocado em xeque. Cada praga vai tornando cada vez mais claro sua condição de humanidade e a distancia entre a lenda criada a seu respeito e a dura realidade. Nunca a humanidade havia visto uma coisa como esta. Nós lemos sobre as

pragas, mas não temos noção clara de como dentro de um mundo absurdamente mágico, absolutamente místico, completamente religioso, ciente da existência de uma realidade espiritual, elas refletem Poder. Para nós elas são fantásticas, mas para os egípcios elas reverberavam de modo inequívoco ao sobrenatural. O terror se alastrava nos corações e a cada movimento daquele "deus" desconhecido, daquela dimensão de poderes imaginados, a cada movimento daquela mão invisível. Todos temem o que não podem ver. Se tais fatos ocorressem hoje não haveria a comoção que aconteceu naquela época. Porém o mundo de hoje teme outras coisas, possui outros pavores. Por anos os americanos construíram abrigos anti nuclear na época da guerra-fria. As mudanças climáticas e mesmo mudanças cosmológicas trazem apreensão a muitos. O Apocalipse fala-nos de dias futuros onde o movimento divino na terra causará o terror numa dimensão que o homem moderno desconhece. O reflexo dos acontecimentos sobrepuseram todos os recursos da religião e da ciência daqueles dias. Os magos eram sábios, escribas, doutores reúnem-se e tomam uma atitude nova diante da potestade do faraó. Eles mostram de modo claro sua completa reprovação a sua atitude de arrogância diante de tudo que estava acontecendo. Pela primeira vez todo um conselho real, todo o sacerdócio de uma nação, vai até um soberano e o enfrenta. E dele discorda veementemente. E jogam em seu rosto as consequências visíveis de seus atos. O Egito da antiguidade jazia destruído diante do inominável. As plantações estavam queimadas. O rio de onde dependiam para renovação das colheitas, contaminado. Os animais dos campos haviam morrido. O Faraó dominava agora sobre uma nação empobrecida.

Alguns dias antes deste momento os que realizavam rituais e que invocavam poderes mágicos por nós desconhecidos, que se inspiravam em magias de livros que não chegaram até nós, reconheciam que estava além de tudo o que conheciam, de tudo que haviam experimentado, as coisas que estavam ali acontecendo. Mestres na arte da adivinhação, ou do engano, com artimanhas oriundas de alquimia e truques de mágica, unidos aos matemáticos, aos astrônomos e linguistas tinham uma só expressão sobre o que estava acontecendo:

- Isto é o *dedo de Deus*.

O respeito aos magos no antigo Egito é muito grande. Ele é um misto de Engenheiro, médico, matemático e sacerdote. No texto conhecido como Profecias de Neféti (Museu do Ermitage, nº 1.116 B) , 18 um Faraó de nome Senéfru chama os membros de seu conselho de "companheiros" e um sacerdote de "meu amigo", pedindo-lhe para narrar algo que o distraísse; além disso, o próprio faraó "em seguida estendeu sua mão para a caixa com o necessário para a escrita e tirou um rolo de papiro e uma paleta, e começou a escrever as palavras do sacerdote-leitor Neféti.

Mas o que era nu e patente diante dos olhos de todos era invisível aos olhos de Faraó. Ele abraçou seu orgulho mesmo diante de evidências contrárias, deixou de lado a racionalidade, os conselhos e o conhecimento de sua própria humanidade em nome do que criam a seu respeito, em nome do que imaginaram a seu respeito. Diante de seus olhos estavam estampadas centenas de imagens que os arqueólogos só conheceram desgastadas pelo tempo, vívidas, brilhantes e multicoloridas em todas elas a representação de sua glória, do seu poder e de sua vitória.

### **Que venham os gafanhotos.**

#### **E os gafanhotos vieram.**

Uma praga de gafanhotos com cerca de 100 toneladas e 30 km de extensão por 2,5 km de largura atingiu 2 milhões de hectares de lavoura no Mato Grosso do sul em 1992. Em março de 2013 uma nuvem com 30 milhões de gafanhotos atacou o Cairo no Egito. Em 1955, uma nuvem de gafanhotos migratórios de 250 km de comprimento e 20 km de largura atacou o S do Marrocos. Em 2013 ao todo, 2.213 hectares, quase metade de toda área afetada pelas enxurradas em Manica, de culturas diversas, sobretudo milho e feijões, foram destruídos pelas pragas, que atingiram os distritos de Tambara e Macossa (norte), Chimoio (centro) e Machaze (sul) na ilha de Madagascar. Um Enorme enxame que atingiu o seu pico em 1875 devastou vastas zonas na fronteira americana. Contendo aproximadamente 3,5 trilhões de gafanhotos e ocupando uma área de cerca de 513,000 quilômetros quadrados, foi o maior enxame estudado até os dias de hoje. Podemos ter uma noção do que ocorreu na nona praga nos dias do Egito.

Ao ver os gafanhotos o próprio coração do faraó estremeceu. A terra escureceu. E pela primeira vez desde que o processo de libertação de Israel teve início, e num ato inimaginado até então o homem que se considerava a encarnação terrena de Rá, o filho do sol, reconheceu-se como pecador. Moisés orou mais uma vez e os gafanhotos foram levados, trilhões talvez, arrastados para longe num único dia.

Ao ver o sol nascendo mais uma vez, diante de dois dos maiores sinais já presenciados pelo ser humano, a invocação de imediata do maior enxame de gafanhotos já visto pelo homem e a retirada imediata deles das terras de uma nação, o faraó deixará de lado suas promessas, largará de mão seu arrependimento, e abraçando-se em SI MESMO ele simplesmente desprezará a manifestação divina.

As lendas dizem que ele é filho do sol. Talvez por vê-lo brilhar novamente reacendeu nele a antiga disposição de crer nas mesmas mentiras de sempre.

## **YOKAI DOS YOKAIS**



Novamente estamos nós a sós, você, eu, bilhões de anjos (não ouse me perguntar sobre esse número, não irei te responder) Deus e Jó. Jó apresentara a Deus a sua realidade, seus conceitos, seus ideais e sua vida. O inferno torturou-o, a esposa o desprezou, seus amigos o humilharam, (também não irei falar da grandiosidade de Eliu), o mundo lhe logrou infortúnio, até o corpo estava querendo abandonar a Jó, por assim dizer.

E então Deus mostra a Jó um animal. Fantástico animal. Fala dele com inaudita admiração, com alegria contagiosa, com **CONVICÇÃO ABSOLUTA** de sua **EXCELENCIA**

**12 Não me calarei a respeito dos seus membros, nem da sua grande força, nem a graça da sua compostura.**

Veja que **NENHUMA CRIATURA CELESTIAL** jamais será retratada assim, **MESMO S QUERUBINS DE EZEQUIEL**, com tamanha poesia, com tantos detalhes sobre sua glória, seu aspecto, o modo como caminha, como espirra, como olha, como **LUTA**, como **PREZA** sua **LIBERDADE** acima de tudo

**2 Podes pôr um anzol no seu nariz, ou com um gancho furar a sua queixada?**

**3 Porventura multiplicará as súplicas para contigo, ou brandamente falará?**

**4 Fará ele aliança contigo, ou o tomarás tu por servo para sempre?**

Deus **SE COMPARA A ELE**:

**10 Ninguém há tão atrevido, que a despertá-lo se atreva; quem, pois, é aquele que ousa erguer-se diante de mim?**

**11 Quem primeiro me deu, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu.**

Deus se impressiona com sua tremenda capacidade de lutar:

**8 Põe a tua mão sobre ele, lembra-te da peleja, e nunca mais tal intentarás.**

Nota 1

No oitavo verso deste texto, Deus **MOSTRA** uma **CRIAÇÃO** ou criatura que é quase impossível de ser vencida. E seus olhos divinos 'brilham' quando assim o faz.

O Livro de Jó é apresenta uma odisseia de um homem que exige respostas. Ele exige respostas de Deus, como antes dele nenhum homem jamais exigiu. Do momento em que "fica de pé" até o momento em que se ajoelha diante de Deus, Jó será um homem em LITÍGIO com Deus. Ele invoca o COSMOS como testemunhas, ressentindo-se da ausência de um TRIBUNAL CELESTIAL em que possa arbitrar TAMANHA causa; não tendo ABSOLUTAMENTE ninguém que o defenda decide ADVOGAR sua própria CAUSA, contra aquele que age como JUIZ e EXECUTOR, ao mesmo é tempo seu ADVERSÁRIO. O Júri é formado pelos seus próprios AMIGOS que já de antemão o CONDENARAM. Dentro desse pano de fundo, debaixo deste drama jurídico, é que as respostas de Deus devem ser pesadas. Ele foi ACUSADO por Jó de INJUSTIÇA-LO, e em RESPOSTA a pesada argumentação fará PESSOALMENTE sua própria DEFESA. Deus não aceitou os pareceres de seus propensos advogados, não acolheu CONTRA Jó NENHUMA de suas acusações. E já que Jó decidiu arriscar toda sua HUMANIDADE em resgate de sua honra, DEUS também está disposto a manifestar TUDO QUE ELE É para vindicar sua própria HONRA aos olhos de Jó. Mais que isso. Jó como RECLAMANTE aponta para um mundo envolto em injustiça. Toda resposta divina configurará uma AÇÃO que responderá PLENAMENTE as questões levantadas por Jó.

Jó perguntará se ele tem olhos como os dele, carne como a dele, se está disposto a morrer e ser enterrado como ele será, se tem a percepção exata da dimensão do sofrimento humano, se não se comove com a injustiça, se não se importa com a longevidade dos ímpios, com a permanente quebra do direito e a continua ausência de uma POSTURA por parte de Deus que aos seus olhos PERMITIA sem INTERFERIR a desgraçada caminhada da injustiça humana.

Cada indagação será respondida. Quanto a AUSENCIA de DIREITO que proteja os inocentes a resposta será a LEI, Lei que um dia seria incorporada a todos os códigos e legislações internacionais para proteção e amparo do homem contra o próprio homem, Se hoje uma sociedade pode existir, é porque o DIREITO INTERNACIONAL oriundo das constituições das nações concede a esta sociedade o mínimo de dignidade e proteção que permita coibir diversos abusos.

Quanto ao não conhecimento da dimensão de sofrimento humana, a resposta é Cristo, o Verbo se faria carne e habitaria entre nós de modo que não teríamos um sumo sacerdote que fosse incapaz de entender o nosso sofrimento porque em todas as nossas misérias ele seria provado.

Quando a aparente imparcialidade Deus responderia PESSOALMENTE porque Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo, não aceitando a intermediação de um anjo ou de outra criatura qualquer para RESOLVER ELE MESMO o assunto da SALVAÇÃO humana, com o próprio homem.

Por toda a história humana Deus enviaria seus PROFETAS para darem informações VERDADEIRAS sobre sua essência e sua pessoa, diferente das visões expúrias sobre si dadas por Elifaz, Bildade ou Zofar.

Com relação a morte dos inocentes DEUS arbitraria um TEMPO DE JULGAMENTO em que todo homem SERÁ JULGADO PELAS OBRAS QUE COMETEU.

Quanto à terra manchada pela injustiça e corrompida pela destruição, terra de lembranças de dores, terra onde suas filhas jaziam enterradas, Deus responderá com a manifestação de um novo céu e uma Nova Terra.

Quanto a morte de suas crianças e a perda de seus filhos Deus responderia com a Salvação eterna, de tal modo que ao abrir os olhos, ainda no seio de Abraão, Jó contemplaria seus filhos, que habitarão com ele para sempre nos lugares celestiais com Cristo Jesus.

Quanto a enfermidade que lhe torturou e que assola a humanidade de milhões de formas e milhões de dores, Deus responderia com "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, o castigo que nos trás a paz estava sobre ele e por suas pisaduras nós fomos sarados". Pouco após o término da conversa com o Pai, Jó já receberia de antemão parte dos benefícios do Calvário, distante dele AINDA quase cerca de 1800 anos.

Eu poderia, se tivesse tempo, colocar cada indagação, cada questionamento de Jó e ao lado cada ATITUDE que Deus realizou como RESPOSTA a tal indagação.

Então, Deus não responderá a Jó somente entre o capítulo 38-42 sobre seus questionamentos. Responderá na história, no tempo, na eternidade, na profecia, cada uma das suas questões.

O leviatã é parte integrante dessa resposta. Como já dito antes, JÓ está diante de Deus, num litígio, expondo tudo que é, e Deus lhe responderá expondo-lhe tudo que é. A realidade de sua vida, nua, patente diante dos anjos e potestades agora será confrontada com a REALIDADE DIVINA, com FATOS, com a VIDA do PRÓPRIO DEUS que será apresentará como resposta.

Um Deus íntegro, respondendo a um homem íntegro, de modo INTEGRAL. (Não podia deixar de fazer esse jogo de palavras)

Essa é a proposta.

Então, veja que não é uma FANTASIA, uma ABSTRAÇÃO. Se DEUS não tratou com LEVIANDADE detalhes das questões levantadas por JÓ do início ao fim do livro, não seria agora que iria brindar com uma metáfora os anseios de um coração como aquele.

Então, se a criatura que Deus mostra a Jó, em visão ou o conduzindo pessoalmente até ela, não é uma criação literária, se não é somente uma poesia imaginosa descrevendo um crocodilo ou coisa que o valha, se não é só um recurso estilístico usado por Deus para convencer a Jó de seu conhecimento limitado das coisas eternas, afinal de contas, o que é o Leviatã?

O Leviatã é a soma de muitas realidades proféticas. Ele é uma representação, uma visão similar ao dragão de Apocalipse. Ele representa coisas admiráveis.

## O PRIMEIRO ANIMAL

Verifica-se por toda a Escritura que Jesus não se constringe em ser comparado com animais. Assim como também, vez por outra, não deixa de tecer comentários sobre a ANIMALESCIDADE ou BESTIALIDADE HUMANA. Veremos no livro de Daniel Nabucodonozor se tornando semelhante a um "boi" por anos, por não engrandecer a Deus. Vemos os que gritam "crucifica-o" assemelhados a "*vacas de basã*" no Salmo 22.

Os que resistiram a Paulo em Creta são comparados a "*besta-feras*". Jesus é ao mesmo tempo o "*leão*" da Tribo de Judá, é o "*cordeiro*" que tira o pecado do mundo, é a "*serpente*" que será levantada no deserto na cena em que Moisés constrói uma serpente de bronze e a pendura num madeiro, para que milhares de israelitas murmuradores no deserto sejam protegidos e curados de um devastador ataque de milhares de cobras. Jesus é simbolizado no "*corvo*" em Cântico dos Cânticos, na descrição da amada, quando ela revela que "seus cabelos são pretos como o corvo" relembrando a Salomão e representando o momento espiritual que Jesus está vivenciando no calvário, em contraste com seu aspecto ressurreto "cabelos brancos como a lã". O preço pago por sua captura é de 30 moedas de prata, o mesmo valor de um "*boi chifrado*" lá em Deuteronômio. No momento final da história humana os profetas de Apocalipse se revelam como "**dragões**"!

E, se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua boca, e devorará os seus inimigos; e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto. Apocalipse 11:5

Podemos ver a figura do retorno de Jesus no "veado" que pula sobre o cume dos montes também no livro de Cantares – uma imagem do momento em que os pés de Jesus estarão sobre o monte das oliveiras novamente.

Os seres viventes

Seja em Apocalipse ou em Ezequiel, vemos seres que representam ou possuem em si mesmos a realidade do PODER divino, possuindo a forma de anjo, as faces de boi, cordeiro, águia e homem. Seres de poder inimaginável.

Por várias vezes na história irão haver tentativas de representar a Deus por meios de animais. Os bezerros aos pés do Sinai e os de Betel nos quais os israelitas carentes de uma representação física de Deus, tentaram retratá-lo em termos de animais conhecidos. Eles não entendiam que os animais somos nós, os homens. E que Deus era incomparável.

Satanás

Satanás também será comparado a animais. Assim como a astros. Ele é Lúcifer, a ESTRELA da manhã, ele também é QUERUBIM, maior que um anjo, da mesma categoria que os seres vivos; ele é representado pela SERPENTE, pela ASPIDE VOADORA, ele é visto como CHACAL que habita as ruínas, como a BESTA que emerge do mar, na figura do ANTICRISTO na "soma" do homem com sua personalidade, como um DRAGÃO com muitas cabeças. Ele é o DRAGÃO voador que combate contra MIGUEL e seus anjos. Ele é comparado ao HOMEM em Isaías que também desce ao SHEOL, assim como a RÃ e os seus asseclas aos GAFANHOTOS. Ele pode se transfigurar em ANJO conforme Paulo escreve aos Gálatas.

Ele também é comparado a **Leviatãs!** Sim... plural.

NAQUELE dia o SENHOR castigará com a sua dura espada, grande e forte, **o leviatã, serpente veloz, e o leviatã, a serpente tortuosa, e matará o dragão,** que está no mar. [Isaías 27:1](#)

Perceba: Um Leviatã que é uma serpente veloz, outro que é uma serpente tortuosa. E por paralelismo da poesia hebraica, posso concluir que o dragão que está no mar é também um Leviatã, o terceiro.

Se comparado as bestas de Apocalipse, veremos as três bestas aqui também representadas.

Mas não é a SATANÁS que DEUS apresenta para JÓ.

Mesmo porque ele não é a SOLUÇÃO dos seus problemas, antes a causa. Mesmo porque ele não é a resposta JURÍDICA última a DEMANDA com DEUS. Mesmo porque o assunto em relevo tem haver com CONFIANÇA quebrada, com CONSOLO que foi NEGADO, com JUSTIÇA que está sendo requerida.

O Leviatã de Jó representa várias realidades espirituais. Ela em primeiro lugar vai mostrar a um ANIMAL que foi capaz de vencer as BESTAS da terra e que não se curvando a ORDEM presente é admirável mesmo por DEUS. Quando Deus se fez carne, quando houve um ventre do qual nascesse como homem, algo absurdamente implausível ocorreu. Um ser diferente de tudo que a ETERNIDADE contemplara até então. A divindade unida a humanidade. A deidade habitando um corpo físico, a carne. O criador misturado a criatura, a realidade celestial unida

a nossa terrestre. Nenhum ser da eternidade é semelhante a Cristo. NADA É. Os anjos olharam admirados, os querubins ficaram estarecidos. O Leviatã havia nascido.

O que Jó vê é um animal, mas o que Deus descreve é a ENCARNAÇÃO. Por isso cada movimento dele é espetacular. Cada representação do Leviatã reporta a DEIDADE, é representada no mesmo OLHAR que JESUS possui quando os olhos de JOÃO o contemplam em APOCALIPSE

João, em sua visão do Filho de Deus, viu uma cena impressionante. "A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo" (Apocalipse 1:14). E João prossegue, "Caí a seus pés como morto" (v. 17).

### **19 Seus olhos brilham como faíscas. Sai-lhe fogo da boca.**

Suas chamas evocam a própria manifestação do SENHOR:

[Isa 66:15](#) - Porque, eis que o Senhor virá com fogo; e os seus carros como um torvelinho; para tornar a sua ira em furor, e a sua repreensão em chamas de fogo.

[Dan 7:9](#) - Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente.

O respirar do animal fantástico apresentado no livro de Jó nos remete diretamente as figuras do tabernáculo, da tenda da congregação, da coluna de fogo que abrilhantava os céus na noite e a coluna de nuvem que ficava a frente do santuário AO AMANHECER.

### **20 O fumo brota das suas narinas, até parece uma panela fervendo com água, ou uma caldeira aquecida.**

E criará o SENHOR sobre todo o lugar do monte de Sião, e sobre as suas assembléias, uma nuvem de dia e uma fumaça, e um resplendor de fogo flamejante de noite; porque sobre toda a glória haverá proteção. [Isaías 4:5](#)

A tenda e suas manifestações nos remetem diretamente a pessoa e a figura de Cristo. Porque Cristo é a tenda onde Deus tabernaculou com seu povo.

Cristo crescerá e se tornará algo jamais visto pelo universo. E como uma fera terrível, proporá GUERRA contra TODO O PODER DO INFERNO, e será INVENCÍVEL. Os demônios gritam á sua presença, os "valentes" fogem de medo. Satanás tenta "negociar" no deserto com Cristo, mas

*3 Porventura multiplicará as súplicas para contigo, ou brandamente falará?*

Ele não aceita.

Tenta FAZER UMA ALIANÇA COM CRISTO, oferecendo o DOMÍNIO MUNDIAL,

“todos os reinos me foram dados e tudo te darei se prostrado me adorares”

E é rejeitado.

*4 Fará ele aliança contigo, ou o tomarás tu por servo para sempre?*

Nada fará Cristo recuar de sua missão. O inferno TREME diante da caminhada daquela criatura, daquele homem, de algo que não tinha definição.

Quando ele toca os leprosos eles são curados. Quando ele põe a mão sobre cegos de nascença, eles tornam a enxergar.

*18 Cada um dos seus espirros faz resplandecer a luz, e os seus olhos são como as pálpebras da alva.*

Certa feita Jesus encontra um surdo-mudo. Toca-lhe a língua, cospe saliva, suspira e sua prisão é liberta.

Isaías irá falar a respeito desses dias:

“o povo que andava em trevas viu uma grande luz, **e sobre as regiões da sombra e da morte, resplandeceu a luz**”

Porque olhar para Cristo é como olhar para alguém cujos olhos são como as pálpebras da alva.

Quando Jesus falava, era como o fogo. Corações viravam palha. Seus inimigos tentam acusá-lo de diversos modos, mas são invariavelmente vencidos. Os discípulos a caminho de Emaús irão dizer:

“não nos **ARDIA** o coração a medida que nos abria as Escrituras?”

E assim ad infinitum.

Um ser indescritível, não semelhante a nenhuma obra da criação,

JESUS. YOKAI DOS YOKAIS.

O dragão de Deus.

## **ADENDO I - A Magia em Cantares**





Acalme-se rabino! Aquieta-te teólogo! Arreda de mim profeta ignorante! Não te desesperes mestre! Não sou escravo da teologia sistemática. E nem da espiritualização errante. Esse capítulo não significa que vou reler Cantares com base de alguma doutrina mística, algum manual de práticas mágicas ou percorrer o Caminho de Santiago do conhecimento bíblico, abraçar ternamente a maçonaria e numa bela visão ecumênica propor uma conciliação entre a Cabala e o Caminho. Acalme-se, respire fundo e acompanhe-me. Afinal, porque seria eu como a que caminha errante junto ao rebanho de teus companheiros... Jesus é Senhor, Salvador, ressurreto ao terceiro dia, manifestado na carne, justificado em espírito, nenhum outro nome há dado entre os homens pelo qual possamos ser salvos, todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai. Jesus que subindo, concedeu dons aos homens, no qual também temos a remissão dos pecados. Pronto. Pode colocar o lenço de volta ao bolso. Toma um analgésico e sigamos.

As Escrituras brotam, qual ramos de uma videira, num mundo absurdamente mágico. O homem busca dominar as forças naturais desde o início das civilizações. Ele não somente se curvava em adoração às divindades da antiguidade, antes desejava em muitos casos receber dela poderes, virtudes, forças para destruição de seus inimigos. Lemos a batalha de Moisés contra os magos do Egito instruídos em artes mágicas, em manuais desconhecidos por nós

no qual invocaram os poderes com os quais realizavam seus atos de magia. Lemos sobre o encontro com Balaão e sua invocação em meio a rituais desconhecidos de espíritos para lhe concederem o poder de amaldiçoar. Balaão utilizava-se de uma antiga crença em que cada nação possuía seus espíritos protetores, e que para que uma nação sobrepujasse a outra na guerra deveria ter deuses mais poderosos, ou negociar através de TRAPAÇA, COMPRANDO a tal divindade da outra nação mediante sacrifícios (irresistíveis) para que a mesma deixasse de proteger sua nação. Não havia entre os povos na maioria dos sacerdócios e crenças vigentes a figura de um Deus supremo, antes de um panteão de divindades que se equivaliam em força e poder. Mesmo as deidades ou divindades consideradas as chefes, maiores, as que reinavam sobre as outras de uma determinada mitologia, egípcia, suméria, acádica, persa, grego-romana, semita, védica, nórdica, não eram soberanas no sentido em que consideramos Deus. O nível de poder entre elas era muito próximo, dando origem a toda sorte de semi-deuses, deuses intermediários e poderes que poderiam até impedir a atuação de determinadas divindades. Grande parte das oblações, ofertas, sacrifícios da antiguidade tinham um caráter de SEDUÇÃO. Os magos, os pajés, os sacerdotes de toda espécie usavam de artifícios para "seduzir" os deuses, inebriar seus sentidos, mudar suas sentenças, perverter suas ameaças, distraíndo-as, comprando-as, e em último caso, controlando-as. A base da magia antiga e mesmo moderna é uma tentativa humana de "controlar" os poderes espirituais. Através de palavras, atos, gestos, rituais. Os egípcios criam, assim como muitas civilizações no "poder oculto" das palavras. Evitavam citar os seus nomes pessoais na presença de estranhos porque o nome das pessoas estava conectada a sua essência e se a outra soubesse seu nome e fosse inimiga poderia usar o "nome" para invocar uma praga ou maldição sobre a pessoa. Palavras especiais deveriam ser escritas nas paredes dos túmulos para proporcionar ao morto poderes para ultrapassar os perigos do mundo dos mortos. Eram essas palavras mágicas escritas que seriam mais fortes que os delitos cometidos, fazendo com que a balança da justiça divina pendesse ao seu favor. Veremos a Saul consultando uma pitonisa, uma necromante, uma moça espírita que consultava entidades que julgava falecidas, num macabro ritual. Leremos um estranho ritual praticado por "bruxas israelitas" ou "falsas profetizas" no livro de Ezequiel que faziam trabalhos de crochê e as amarravam às suas mãos e invocavam forças para "prender" ou "amarrar" almas às suas mãos (!), significava que elas realizavam atos mágicos para mudar o comportamento dos que as consultavam de maneira que elas fizessem aquilo que a "falsa profeta" as induzia, escravizando-as espiritualmente às suas vontades. Bruxas. Leremos sobre Jezabel, considerada pelas Escrituras como um padrão de feitiçaria, talvez a mulher mais oprimida (inspirada, dominada, repleta de poderes das trevas) que já tenha pisado a terra, tão cheia de feitiçaria que é lembrada profeticamente em Apocalipse.



Leremos sobre as atitudes mágicas, divinatórias, práticas de adivinhação do malfadado Hamã no livro de Ester que usando ritos de magia atirava runas, ossos, pedras místicas ou qualquer coisa similar para "sortear" o dia em que ele instituiria o decreto, que se cumprido, equivaleria ao holocausto nazista. Leremos sobre o patriarca Jacó, realizando um ato mágico! Na cena em que faz "riscas" em galhos de árvores consideradas sagradas pelos povos da região onde morava, fazendo com que as ovelhas se unissem diante delas para gerar crias fortes. Leremos sobre Léia correndo com um ramalhete de mandrágoras em suas mãos, planta desde a antiguidade considerada com poderes mágicos para conceder a fertilidade feminina. O tabernáculo para os povos da antiguidade era um lugar de magos. Moisés ao levantar as mãos sobre o mar Vermelho, e fazer com este abrisse diante dos olhos trêmulos dos generais de Faraó, o faz como se fosse um poderoso mago. As pragas são "conjurações", agem como se fossem e as palavras que Moisés falam possuem VERDADEIRAMENTE poder nelas contidas. Porque por detrás dela está a verdadeira magia, o PODER DIVINO.



Toda magia da antiguidade e até a dos dias presentes é baseada na transmissão de um poder espiritual a partir de um espírito. Toda atividade mediúnica, toda manifestação de forças sobrenaturais tem como base a comunicação de forças de um ou de milhares de espíritos. Na Índia ainda existem escolas de magia, crianças são separadas em determinadas tribos e convocadas a serem treinadas na invocação e manifestação de poderes espirituais. Aprendem a praguejar, a amaldiçoar, a matar inimigos. Aprendem a contatar entidades. O misticismo árabe, judaico, africano, jamaicano, buscam poderes, normalmente invocando forças para roubar, matar ou destruir. Há neles uma herança maldita. E um destino pior que as maldições que invoca, para aqueles que tais artes praticam. Porém é assim que o ministério profético se apresenta, aparenta, aos olhos de uma mago. As manifestações do Espírito de Deus no Velho Testamento são extremamente mágicas, elas refletem a busca humana do "controle" de todas as coisas, e ao lermos sobre Samuel invocando a Deus e fazendo relampejar sobre toda a região, ao lermos sobre o poderoso raio (fogo que cai do céu) e consome o holocausto de Elias, ou lermos sobre o velo de lã que fica seco ao ser deixado ao sabor do orvalho, como prova solicitada por Gideão, são atos mágicos que estamos observando. Os mais mágicos atos que alguém poderia presenciar. A ressurreição de mortos no Velho Testamento foi buscada por todas as civilizações! Uma das coisas mais extraordinárias, mais cheias de magia divina verdadeira que ocorreu na terra dos vivos foi a ressurreição do filho mulher de Sunem. Quando Eliseu sabe de sua morte envia a Geazi, seu aprendiz, discípulo, servo e companheiro até a criança morta, carregando nas suas mãos seu bordão.

Eliseu disse a Geazi: Põe o teu cinto, toma na mão o meu bastão e parte. Se encontrares alguém, não o saúdes; e se alguém te saudar, não lhe respondas. Porás o meu bastão no rosto do menino.

E as ordens são para que ele carregue um bastão, um cajado, não permitindo tocar ou abraçar a ninguém e que somente parasse ao encostar na face da criança morta o seu cajado.

Os atos proféticos do Velho Testamento são extremamente mágicos. Eles são revestidos de uma profunda semelhança com atos de magia.

Propositalmente.



A magia é a tentativa humana de realizar aquilo que o Espírito de Deus realiza naturalmente.

Ela é o anseio humano do PODER que pertence a DEUS e que ele concede GRATUITAMENTE a quem ele assim desejar.

O mago anseia aquilo que a psique, a alma humana, o espírito humano, não é capaz de realizar nem com apoio de milhões de almas. Que não se obtém por invocação de palavras mágicas.

Uma cena que ilustra isso é do mágico que ao ver os MILAGRES que Pedro realiza, tenta COMPRAR o dom que o apóstolo possui!

O PODER das trevas é negociável. Mas, o poder do Espírito é uma dádiva. Não pode ser comprado.

Deus é um operador de milagres sui generis. Nele reside o PODER, nele reside a Autoridade, a Força. Pela palavra de DEUS o universo inteiro veio a existir. Pelo Nome de Jesus os espíritos malignos são submissos. Pela intercessão da Igreja, mudamos o coração de pessoas! Não para nossos propósitos, mas para que elas sejam LIVRES! O Poder do Espírito opera a magia dos MILAGRES. Opera a magia das Curas. Opera a magia da PROFECIA.

A magia então, neste contexto, age como REPRESENTAÇÃO, um PERFEITO símbolo da operação divina. Poucas coisas poderiam representar poeticamente de modo tão deslumbrante ao PODER de Deus do que um ato mágico.

Nós vivemos numa realidade transcendente, envoltos num universo divino onde anjos são reais, onde a profecia é manifesta, onde milagres operam o impossível. Nas igrejas vemos o poder da oração destruindo o câncer, restaurando a visão aos cegos, e operando livramentos fantásticos.

Nós vivemos do mesmo modo cercados da mesmíssima magia maligna vista no Velho testamento. Milhares de pessoas invocam hoje a entidades e a poderes. Em cada esquina de nossas cidades lê-se em alguma parede: "Trago seu amado em três dias". "Joga-se búzios". Alguns dos jornais descaradamente anunciam bruxos que invocam "magia negra". Nos carros das cidades brasileiras aumentam os decalques com as figuras de "São Jorge" ou uma figura que representa espíritos invocados em rituais. Vivemos num mundo que invoca as trevas. Um mundo que caminha orientado por vozes de seres cuja missão não é auxiliar ao ser humano. O livro de Apocalipse mostra o triste momento em que três indivíduos que dominarão os sistemas econômicos, religiosos e políticos em algum momento da história futura, vomitam aquilo que os CONTROLA.

Em Cantares creio que o Espírito de Deus, parafraseando a linguagem mágica, INVOCARÁ uma imagem. CONJURARÁ uma visão de sua GLÓRIA. Evocará essa realidade do seu Poder, da AUTORIDADE que ele concedeu a Igreja.

Numa espetacular Cena no Livro de Cantares.

Antecedendo a cena sete vezes as filhas de Jerusalém aparecem no poema, e por quatro vezes serão "conjuradas". Uma vez elas perguntarão, porque você nos "conjura" tanto!

Conjura das filhas de Jerusalém, em Ct 2,7; 3,5; 5,8 e 8,4

Conjuro-vos, filhas de Jerusalém,  
pelas gazelas ou pelas corças do campo,  
não agiteis e não inquieteis  
o amor até que deseje.

Conjuro-vos, filhas de Jerusalém,  
pelas gazelas ou pelas corças do campo,  
não agiteis e não inquieteis,  
o amor até que deseje.

Conjuro-vos, filhas de Jerusalém,  
se encontrardes o meu amado,  
que direis para ele?  
Que estou eu adoentada de amor.

Conjuro-vos,  
filhas de Jerusalém,  
por que agitarias e por que inquietarias  
o amor antes que deseje?

O que é teu amado mais do que um amado,  
ó bela entre as mulheres?  
O que é teu amado mais do que um amado,

que assim nos conjuras?

Em dado momento, escrevendo algo que JAMAIS seria escrito por um escritor "evangélico" nas Escrituras Salomão exclama:

4.9 Enfeitiçaste-me o coração, minha irmã noiva.

Enfeitiçaste-me o coração, com um olhar,  
com um adorno no teu colar.

E finalmente a cena:

Ventos no jardim

4.16 Move-te Safon (vento norte) e vem Temã (vento sul),  
sopra no meu jardim para que fluam seus bálsamos.

Que venha meu amado para seu jardim  
e que coma os seus deliciosos frutos

As filhas de Jerusalém são amigas da cidade. Possivelmente filhas de nobres, mercadores, filhas de sacerdotes. Elas habitam a cidade com maior fama em Israel, vivem numa das maiores metrópoles da antiguidade. O livro de lamentações de Jeremias traça o perfil das jovens da cidade, de como, até para caminhar sobre o chão, realizavam toda ginástica para não sujarem muito os pés. Elas eram enfeitadas, de uma pele muito branca, e mimadas. Jamais foram submetidas a trabalhos forçados e aparentemente se vestiam muitíssimo bem. E prendadas na arte do amor. O texto nos conduz a mulheres que parecem ter o poder de "despertar o amor", antes mesmo que o sujeito se apixone naturalmente. Evoca "sedução". Elas usam seus atributos e dotes físicos para despertar paixões. Mas o desejo carnal, sexual não significa necessariamente a



paixão, o amor, o despertar de um grande amor. Significa "forçar a barra", substituir por estímulos químicos algo que necessita muitas vezes de tempo para acontecer. E como é algo "forçado" nos leva diretamente a outra situação. Desveladamente mágica. A das antigas poções do amor. O termo que a Sunamita utiliza-se é bem forte e carregado de significados. Saul fará um voto e usará uma "conjuração" de amaldiçoamento, e um dos homens de Israel. vira-se para Jonas e o comunica nestes termos:

Então disse um do povo: Teu pai solenemente conjurou o povo, dizendo: Maldito o homem que comer pão hoje. E o povo ainda desfalecia.

A conjuração de Saul consistia numa MALDIÇÃO. Uma única vez o termo é usado no Novo Testamento por Paulo. Significava uma ORDEM.

7 Pelo Senhor vos conjuro que esta epístola seja lida a todos os irmãos.

A palavra conjuração também se aplicava a ENCANTADORES. Os que lançavam encantamentos ou maldições eram denominados, de CONJURADORES.

A palavra hebraica usada no texto é שָׁבַע

Shaba. Que é traduzida por jurar, juramento, conjurar, amaldiçoar.

Conjurar vem do Latim, "jurar juntamente com", é a cena final de muitos cursos de formação:



É o instante em que a menina levanta o dedo mindinho e exige uma promessa.



Evocando que a quebra de uma promessa geralmente causa a quebra da amizade, a quebra da confiança depositada, ou dá origem a uma dívida ou maldição.

A Sunamita está dizendo: - Jurem-me juntas que não vão tentar seduzir meu amor! A resposta depois do quarto refrão é divertidíssima:

O que é teu amado mais do que um amado,  
que assim nos conjuras?

- Quem é que disse que a gente está interessada nele? Quem é esse sujeito "maravilhoso" de quem você tanto fala?

Elas DESDENHAM o amado de Sunamita porque jamais desconfiariam que tratava-se de Salomão.

Mas deixando a dimensão humana do texto que é a rixa entre as meninas, entraremos na questão mágica, poeticamente falando, do texto.

A Sunamita não CONJURA elas com base em algum texto das Escrituras. Não invoca o nome de Deus, ou qualquer coisa que sequer se pareça com o sacerdócio para legitimar sua "conjuração". Ela diz, "pelas gazelas do campo". Ela invoca a natureza. Ela pede que não façam aquilo, por amor aos animais da floresta. Parece uma fada dos filmes da Disney. Parece uma musa desses tempos de clamor ecológico no qual vivemos. Uma personagem de conto de fadas. Ela não usa termos sacerdotais, embora Cantares seja repleto de imagens que nos remete ao templo. Como se fosse uma velha que mora na floresta e faz magia campestre, como a figura de Baba Yaga, a bruxa dos contos russos. Ela não é uma feiticeira, mas ameaça como se fosse. Está enciumada. E se há algo que nos relembre uma bruxa, é uma avó com raiva. Em Cantares o nome de Deus só aparecerá de maneira sutil. Ele é uma canção amorosa e seu propósito principal não é a adoração. A canção não é sacerdotal. O objetivo da canção é ela. Sua musa. Sunamita é a inspiração. Salomão usa todos seus recursos literários para ela. Do mesmo modo, essa canção não é da IGREJA para DEUS. É dele para a igreja. A maravilha de Cantares é que representa o Espírito de Deus cantando sua paixão pela sua Amada. E sua amada responde a luz do seu mundo, do seu universo, da esfera das coisas de sua vida. E o que vemos neste texto é uma bruxa dizendo para sua amiguinhas feiticeiras:

- Se vocês se aproximarem...eu amaldiço-o vocês. Se usarem de magia pra tentar fisgar o coração de meu amado, suas bruxas, eu amaldiço-o vocês!

Num sentido figurado.

A moça pobre ameaça as moças ricas com um poder que não possui, já que não tem a MINIMA IDÉIA de como INVOCAR uma maldição.

É só ler os textos das maldições sobre o monte Ebal concedidas por Moisés, as maldições da Lei, que você ficará "encantado" com a "suavidade" da maldição da Sunamita.

Ela é uma "bruxinha boa".

Nem amaldiçoar ela sabe.

Grupo Cultural TAC apresenta

# A Bruxinha que era Boa

Texto: Maria Clara Machado  
Direção: Cilene Guedes

Elenco:  
Adriany da Silva-Bruixinha Caolha e Bruixinha Fedelha  
Adriano Goes-Bruxo Bizarro | Bruno Iago-Bruxo Belzebú  
Edinei Querino-Bruixinha Fredegunda  
Humberto Magno-Bruxo Conselheiro  
Jefferson Moreira-Bruxo Chefe  
Leandro Alves-Pedrinho | Eduardo Yuri-Pedrinho  
Raissa Lorrano-Bruixinha Angela  
Sinha Guimarães-Fada | Claudia Guedes-Fada  
Isabel Celly-Bruixinha Caolha e Bruixinha Fedelha  
[www.cidadedosaber.org.br](http://www.cidadedosaber.org.br)  
(71) 3644-9840

Ingressos a venda através do telefone: (71) 8205-4981

**Teatro Cidade do Saber**  
Dia 19.07 às 09:00 e 14:00h | Dia 20.07 às 09:00 e 14:00h

Design: Smitia | 8103-3548

AFIOZ, CAMAÇARI, WANCIL madreira, EXCELENTE, SORVETERIA CASQUINHA DE NEVE, OTTO DA FARMACIA, Sabar RESTAURANTE, CAMAÇARI, PIL

O texto é muito divertido.

Entendendo isso fica mais claro a expressão do noivo:

#### 4.9 **Enfeitiçaste-me o coração, minha irmã noiva.**

**Enfeitiçaste-me o coração,** com um olhar,  
com um adorno no teu colar.



O “feitiço” do qual Salomão fala é a paixão. Ele apaixonou-se perdidamente pela moça. Mas os termos que usa evocam a imagem da magia e da mágica. Como se fosse arrebatado por um “poder invisível” que ele não consegue explicar. O que também é muito engraçado. Porque ele é simplesmente o homem mais sábio que já existiu. E ainda assim não conseguia compreender ao amor. Nem depois. Já maduro ao escrever Provérbios tomará para si as palavras de um dos maiores sábios do oriente, Agur, que ele conheceu em vida, reunindo sua visão à sua coleção de provérbios,

Estas três coisas me maravilham; e quatro há que não conheço: - O caminho da água no ar; o caminho da cobra na penha; o caminho do navio no meio do mar; e o caminho do homem com uma virgem.

Ele se diz “enfeitiçado” e “acusa” uma peça do colar do pescoço da amada. Ele brinca com ela dizendo que ela colocou uma “peça” enfeitiçada, um “talismã” em seu colar e que é por isso que ele ficou desse jeito.

Cabe esclarecer a diferença entre o conceito de amuleto e talismã.

O amuleto é um objeto a que se atribui **poderes de afastar** os maus-espíritos e forças malévolas.

**O talismã é o objeto cuja função** atribuída é a de conceder proteção ou boa-sorte, invocar ou **atrair espíritos benévolos**, que concederiam seu poder para proteção.

Ele está então brincando com ela, dizendo que ela possui uma peça encantada em seu colar que age como talismã.

Mais uma vez a imagem de uma maga. De uma feiticeira. Ele não usa a palavra "feiticeira" de um modo pejorativo. Seria para nós como o uso de "fada" dos contos europeus.

Porque ela para ele é uma fada. A fada pela qual se apaixonou. Eu particularmente prefiro maga. Desde pequeno lia as aventuras da "maga patológica" em busca da moedinha numero "um" do tio Patinhas, gosto do termo, que também é usado de modo neutro nas Escrituras pelo menos duas vezes: Na corte do rei Nabucodonozor, Daniel foi consagrado "mago" e quando Jesus é visitado pelos "magos" do Oriente. Os "magos" nada mais eram que conselheiros, com vasto conhecimento astronômico, linguístico, matemático, jurídico, administrativo, cultural, poético, político, social, somado a leitura de ciências divinatórias e religiosas.

TUDO ISSO para chegarmos a este momento. Ao jardim. Agora podemos compreender a beleza da imagem:

Ventos no jardim



4.16 Move-te Safon! (vento norte)

e vem Temã! (vento sul),



sopra no meu jardim!



Para que fluam seus bálsamos!





Que venha meu amado para seu jardim  
e que coma os seus deliciosos frutos



Agora sim. Essa é a cena que se desenvolve diante de nossos atônitos olhos. Para o mal essa moça não tem vocação, mas para o bem... Como pode, a "bruxinha de Sunem" (sim, bem notado, as bruxas de salém são um escárnio dessa passagem bíblica) que mal sabia fazer uma "conjuração" de maldição se levanta como uma profeta cheia da unção e profetiza poeticamente a beleza do Pentecostes onde um "som como de um vento impetuoso" enche o JARDIM onde estavam reunida (O cenáculo ficava envolto em magníficos jardins) a primeira igreja do Novo Testamento, e profetiza a Autoridade de Jesus quando repreende os ventos e o mar da Galiléia, diante de um grupo de discípulos aterrorizados. Mais com a o poder manifesto do que com a tempestade. E diga-se de passagem, que essa passagem bíblica ocorreu no mar da galiléria, uma passagem marítma para a antiga torre de Sunem, de onde vem, ADIVINHA QUEM?

A Sunamita.

Fiquei tonto.

Bom, a visão é de uma moça que poeticamente tem poder para invocar os elementos, com a intenção de encher de aromas e misturar as fragrâncias do inenarrável jardim.

Os paralelos são impressionantes. **A moça não sabe maldizer. Nem de longe.**

"Conjuro-vos, filhas de Jerusalém,  
*pelas gazelas ou pelas corças do campo,*  
não agiteis e não inquieteis,  
o amor até que deseje"

A Igreja não pragueja, não amaldiçoa, não fere em resposta a agressão. Ela não odeia ainda que invejada, ainda que odiada. Ela não uma fonte corrompida que ora verte água pura, e em outro instante água contaminada. Ela não anseia pela morte de seus opositores. Antes ora para que alcancem a Salvação. Ela não paga o mal com o mal. Porque não é a sua natureza. Essa figura dela não saber como amaldiçoar é belíssima. Sua palavra é sempre uma palavra de Salvação. O que me lembra como as ameaças da perdição invadiram as bocas dos pregadores. E como dezenas de estudos sobre proibir à igreja de assistir isso, ou aquilo e que como os olhos malignos de muitos só conseguem perceber o inferno em tudo que é feito pelo gênero humano, num ato de hipocrisia que beira a loucura.

**Não desperteis o meu amor até que queira é a vocação da Sunamita em relação a Salomão. E aplica-se para a Igreja.** Não pela força e nem pela violência, mas pelo meu Espírito diz o Senhor. Ela não faz violência contra seu grandioso amor. Não força interpretações expurias das Escrituras para casar-se com sua ignorância. Não grita revelações falsas para granjear autoridade espiritual falsificada. Ela não usa de argumentos humanos em substituição aquilo que não depende dela. Mas, que depende dele.

Algumas jovens viveram uma vida sexual precoce, imaginaram que através do prazer poderiam forçar seus namorados a ficarem com elas. Do mesmo modo esposas desiludidas com seus esposos ofereceram-se a amantes, crendo que seu amor seria o suficiente. Profissionais de todo gênero se envolveram com colegas de trabalho em busca de promoção, reconhecimento, ou mesmo uma relação estável. Algumas meninas engravidaram para prender seus namorados. Mas o amor necessita despertar por si mesmo. Ninguém pode amar no lugar de outra pessoa. Deve haver por parte da pessoa que se ama CORRESPONDENCIA. E isso é fruto da vontade desta pessoa.

Não desperteis o meu amor até que queira, significa não “emular” uma revelação, não inventar uma visão, não impor uma doutrina, sem que haja a clara manifestação do espírito nas coisas que estão sendo compartilhadas. Sua paz, sua alegria, sua edificação, seu consolo, sua presença. É assim quando ele “desperta”.

No jardim a moça é revestida de glória. Ela age de modo teatral, magnífica, PODEROSA. Ela representa uma Igreja revestida de Autoridade. “Esses sinais seguirão aos que crerem” em uma cena. “maiores obras do que estas farão”. O Espírito concedendo a Igreja a dispensação de seu Poder. Ela fala e realidades espirituais são manifestas! Ela profetiza e acontece. A realidade transforma-se através de sua oração, de sua intercessão. O universo ouve sua voz, e debaixo da unção do Espírito, lhe obedece! A fé plena, desenvolvida, manifestando de modo maravilhoso o Poder divino, seja em curas, seja em sinais, seja na alegria e no amor não fingido, na mistura das fragrâncias.

É o momento da canção que corresponde a um forte movimento orquestral.

É a igreja na sua plenitude!

É uma imagem de uma deusa. Não porque ela é uma divindade. O Espírito não vê nela uma menina que não mora nessa terra dos homens. Que aprendeu com Ele, a fazer coisas extraordinárias e incomuns. (Esse texto foi escrito para o bibliólatra acender a pira incendiária com meu nome dentro, o que me lembra outro estudo – Tens demônio!

[https://drive.google.com/file/d/0B\\_fUj9Htg3KaaEJZSVdWX0luQWM/edit?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/0B_fUj9Htg3KaaEJZSVdWX0luQWM/edit?usp=sharing)

O bibliólatra é o sujeito que “divinizou” a moral e as Escrituras... Ele sutilmente substituiu Cristo como seu Senhor e Salvador, pela Bíblia como *sua senhora e salvadora*. Em vez de permitir-se ter uma mente renovada em Cristo e ouvir a voz do Espírito ele deixou a MORAL ensinar-lhe o que era bom e o que era mal. Ele amou a letra e odiou ao Espírito de Deus; ele odiou aos dons espirituais, ele negou a palavra de Conhecimento, ele lacrou a interpretação bíblica como o fizeram os fariseus em seu tempo à sua pobre ortodoxia. Não conhecem a Cristo, se o conhecessem não negariam aos dons espirituais. Ninguém que conhece a Cristo e nega veementemente ao seu Espírito. Contudo conhecem os bibliólatras alguma versão das Escrituras, morreriam por uma tradução baseada na stuggard pleolambum do Rei de Nárnia e dariam a vida pela versão meta-paleo-

massorética-setptuagintica ou por alguma versão baseada nos “melhores, mais belos, mais manuseados, mais inspirados e criticados manuscritos das Escrituras”, odiando profundamente qualquer um que ouse discordar deles.

Desejamos que todos os estudiosos das Escrituras sejam versados nas duas áreas, na literária e nas coisas do Espírito, que manejem com excelência as ferramentas da erudição e as ferramentas da revelação. Que amem o estudo

Depois deste doce momento...

Representa-o com ela agindo como se não fosse deste mundo. Se você visse uma mulher invocando o vento e este lhe obedecendo, com certeza, pedia um autógrafa imaginando ser ela **a Tempestade do X-men** ou estaria correndo até agora. Não é uma coisa que se vê todo dia. Ela não pertence a este mundo. Ela possui características celestiais, como se provasse de poderes de alguma espécie de universo diferente do nosso.

O Livro de Hebreus fala do dilema das pessoas que rejeitarão a Cristo mesmo após terem provado de poderes do MUNDO VINDOURO. Mas deixando de lado a crise anunciada neste versículo chama atenção a frase espetacular:

Hb 6.5

e provaram a boa palavra de Deus, e os poderes do mundo vindouro,

**Provaram dos poderes do mundo vindouro.**

**Provaram – no passado - dos poderes do mundo vindouro – mundo do futuro.**

Que loucura é essa? Que mistério é esse, pessoas hoje exercendo poderes sobrenaturais, uma amostra, de um mundo que ainda não veio a existir?

Essa é a cena representada belissimamente em Cantares. Do contato HOJE com a realidade mágica e maravilhosa a qual o crente em Cristo foi chamado, expressa de outro modo também lá em Hebreus:

Hebreus 12:22-24

Mas tendes chegado ao Monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e incontáveis hostes de anjos; à assembleia geral e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados;

e a Jesus, o mediador da nova Aliança, e ao sangue da aspersão, que fala coisas melhores do que o de Abel.

Então agora você compreende a cena.

Ventos no jardim

Move-te Safon (vento norte) e vem Temã (vento sul),  
sopra no meu jardim para que fluam seus bálsamos.

Que venha meu amado para seu jardim  
e que coma os seus deliciosos frutos

Agora que eu já sei chamar o safon e convocar o temã, que meu amado venha ao seu jardim, absolutamente perfumado...

Fluam seus bálsamos

Bálsamo é uma resina conhecida muito antes de ser relatada na Bíblia; o comércio era progressivo principalmente entre os árabes, que guardavam segredo quanto à origem da manufatura inventada; costumavam assustar as pessoas dizendo que as árvores eram guardadas por serpentes ardentes. As árvores de En Gedi e Jericó eram famosas pela qualidade e o bálsamo foi trazido pela rainha de Sabá, em sementes, e dado ao rei Salomão juntamente com outros presentes.

O uso do bálsamo era feito de 3 formas: Óleo santo, como um agente para cura de feridas e como antídoto para mordida de cobra e ainda um ingrediente para perfume, para o qual a resina pungente era espremida até transformar-se em óleo ou pasta. O arbusto do bálsamo chamado de bálsamo de Gileade, por

engano, deve ter sido cultivado dos troncos nativos e produzidos pelos camponeses de Jericó e En Gedi em variedades superiores, do qual deriva a reputação do bálsamo de Israel. O bálsamo servia para curar, embalsamar e como incenso.

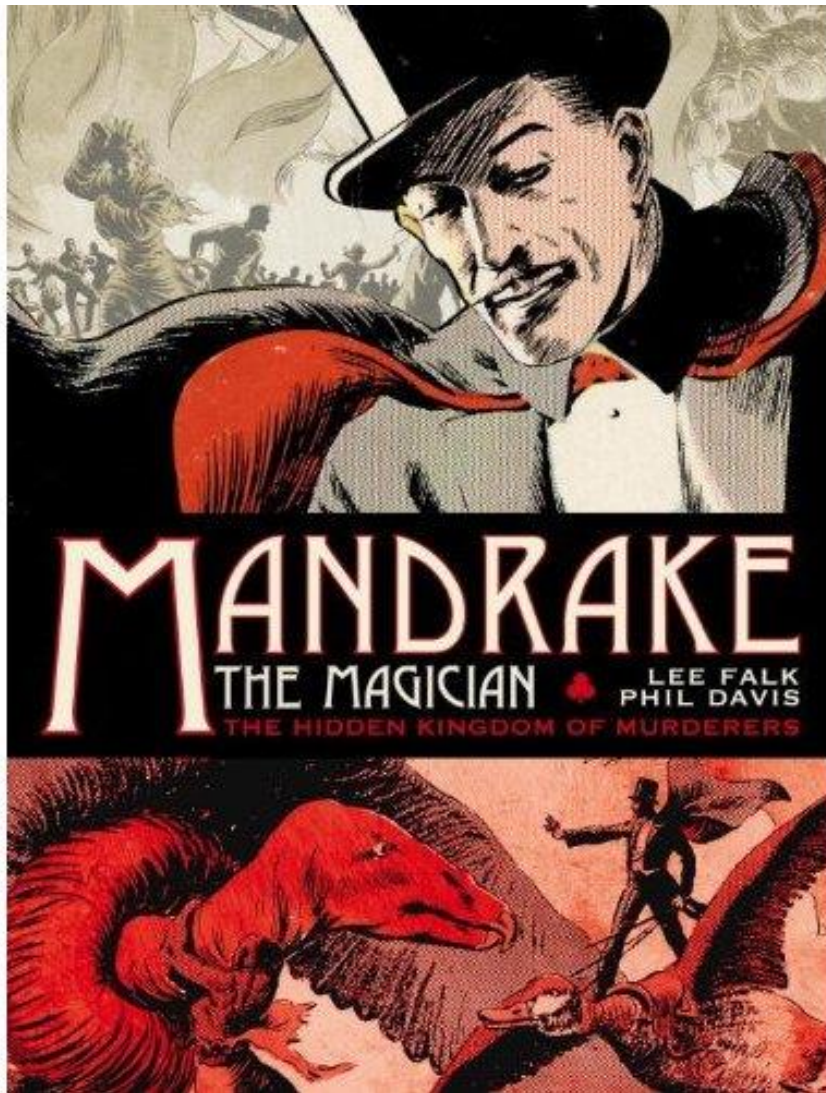
O bálsamo é um arbusto de uma pequena árvore que cresce nos desertos e em áreas semi-desérticas. Pequenos cachos de flores brancas produzem fruto que são pequenas drupas contendo uma semente amarela e de muita fragrância. Aproximadamente umas 100 espécies de basamodendero como se diz do bálsamo, são resinas notáveis. As resinas são fragrâncias do bálsamo, transpiram espontaneamente ou são obtidas artificialmente pela incisão dos caules e galhos, gotas que se acumulam em blocos. Inicialmente a cor é de um verde claro brilhante que se torna marrom quando pingam no solo de onde são coletadas.

Os bálsamos eram o que para nós equivale aos antibióticos, a penicilina, a água oxigenada e a anestesia, tudo junto. Eram a base do tratamento das feridas da antiguidade. O bálsamo para muitos era a diferença entre viver e morrer, dele se fazia o unguento, e ele era colocado em tiras e atado a ferida. Aquecido e inalado em forma de vapores. Imagine um mundo em que o único remédio existente, ao menos para feridas, é o bálsamo e você entenderá sua importância para o mundo antigo.

A moça invoca os ventos para que eles carreguem o bálsamo. A igreja invoca o poder do Espírito para que a cura milagrosa seja manifesta em meio ao jardim dos amados. Para que qualquer um que entre nesse jardim receba o benefício da cura, da operação milagrosa, da restauração. Os gregos buscaram por anos a "panaceia" uma planta mítica que tinha o poder de curar qualquer enfermidade. Só estavam olhando para o lado errado. Tal planta não cresce na terra. Ezequiel e Apocalipse falam da árvore cujo fruto concede cura para as nações. É Cristo.

<http://vimeo.com/100386164>

## **ADENDO II análise VERSOS 7.13 de Cantares de Salomão**



ANÁLISE DE CANTARES

VERSOS 7.13



7:13: הדודאים נתנו־ריח ועל־פתחינו כל־מגדים חדשים גם־ישנים דודי צפנתי לך

Hadudaim natnu-reiakh veal-petakheinu kol-megadim khadashim gam-yeshanim Dodi tzafanti lakh:

The mandrakes give a smell, and at our gates [are] all manner of pleasant [fruits], new and old, [which] I have laid up for thee, O my dod

### 13 **As mandrágoras exalam o seu perfume, e às nossas portas há todo o gênero de excelentes frutos, novos e velhos; ó amado meu, eu os guardei para ti.**

Na língua inglesa 'mandrágora' é 'mandrake'. "Mandrake" apareceu pela primeira vez em 11 de junho de 1934, nas tiras diárias em preto e branco dos jornais americanos. Mandrake é o ilusionista que se vale de uma técnica de hipnose instantânea, aplicada com os olhos e gestos das mãos e de poderes telepáticos. Em 3 de fevereiro de 1935 também apareceram as páginas dominicais coloridas. O personagem foi baseado em Leon Mandrake, mágico que fazia performances no teatro nos anos 1920, usando uma cartola, capa de seda escarlate e um fino bigode. O desenhista Davis conheceu Leon, se relacionando com ele por muitos anos. Mandrake mora em Xanadú, propriedade fantástica no alto de uma colina. Sua noiva, a princesa Narda, da Índia, e seu companheiro inseparável, Lothar, um príncipe africano que abandonou sua tribo para acompanhar o mágico, são os personagens mais constantes nas histórias. Foi um sucesso absoluto nas décadas de 1930 e 1940, deu origem a uma série de imitadores: "Zambini", "Drago", "Kardak" (os três da editora Archie), "Zatara" (DC), "Visão", "Dr.Estranho" (ambos da Marvel)... Na Itália, Mandrake chegou até a ganhar uma versão local (pela editora Nerbini), desenhada por Galep, o artista de "Tex". Outro autor de "Tex", o criador Gianluigi Bonelli, veio com "Ipnos, o Rei da Magia", em 1946. Se fossemos traduzir seu nome, o mágico se chamaria 'Mandrágora'.

As mandrágoras são frutas com raízes bem interessantes. As raízes lembram gente.



A mandrágora é uma planta da família das solanáceas, a *Mandragora officinarum* é nativa do Mediterrâneo, de caule muito curto, com uma roseta de folhas, de cujo centro alteiam-se hastes de flores de coloração entre o violeta e o azul. A raiz, freqüentemente bifurcada, possui contornos de uma forma humana — mais especificamente, a de uma mulher — e, sendo grossa e carnuda, assemelha-se a um par de pernas. Conhecida há milhares de anos, foi muito utilizada na Antigüidade e na Idade Média, em manipulações, quer na medicina, quer na feitiçaria e nas religiões campestinas e entre os escravos, por conter propriedades — extraídas de suas folhas e raiz dissolvidas ou maceradas em leite ou álcool — afrodisíacas, analgésicas, narcóticas e alucinógenas.

Em Gênesis, a mandrágora representa, para as mulheres estéreis, o caminho de esperança para a fertilidade e a maternidade. No caso do Cântico dos Cânticos, é integradora dos corpos e do amor. Em ambos, notamos sua propriedade afrodisíaca. O termo "mandrágora", *mandragora* (דַּמְגָּדִים) em hebraico, deriva da mesma raiz de "amor": o que reforça a idéia de fertilidade e de seu elemento afrodisíaco. Na verdade a mandrágora é provavelmente o anestésico mais antigo utilizado pelo homem.



Nos tempos mais remotos, a raiz era utilizada para colocar os pacientes prestes a passar por uma cirurgia em estado de sono profundo, durante o qual as operações poderiam ser realizadas. A raiz era infundida ou fervida e um pouco era dado para o paciente beber, entretanto, tomava-se certos cuidados quanto à dose, porque quando usada em excesso poderia causar um sono do qual não se acordava mais. Outras vezes era usada apenas umedecendo um tecido para ser ministrada externamente.

Na idade média acreditavam que suas folhas brilhavam magicamente, que a mandrágora podia enlouquecer ao ser humano e que ela gritaria se fosse arrancada da terra.



A crença de que a mandrágora brilha a noite tem uma base de fato. Por alguma razão suas folhas atraem os vaga-lumes, e são essas pequenas criaturas, cuja luminescência esverdeada é muito impressionante, que fazem a planta brilhar na escuridão. Qualquer desavisado certamente poderia sentir-se assustado com a aparência da planta no escuro e achar que as antigas lendas sobre seus poderes diabólicos eram verdadeiras.

Até mesmo o grito temeroso pode ter ao menos um pouco de verdade de onde a lenda foi ganhando mais força. Essas plantas com raízes grandes e encorpadas geralmente crescem em lugares úmidos e quando são arrancadas da terra, soltam um ruído gritante (Claro que não tão alto quanto diziam).

Ela é marrom-escura por fora e branca por dentro e curiosamente bifurcada, evocando vagamente um tronco prolongado por coxas. Com um pouco de imaginação é possível encontrar nessa raiz, que os pitagóricos chamavam Anthropomorphon, uma silhueta humana, com uma cabeça um pouco acima do nível do solo e coroada por uma opulenta cabeleira, as folhas, principalmente, como às vezes acontece, se duas outras raízes adventícias se colocam no alto dos

membros anteriores. E claro que as raízes mais procuradas e as mais caras eram as que lembravam melhor a forma humana, principalmente quando o sexo estava aparente, pois havia mandrágoras-macho e mandrágoras-fêmea. Diziam até que certos mágicos conseguiam “animar” essas raízes, isto é, fazer delas verdadeiros homúnculos.



As moças da antiguidade tomavam o chá de mandrágora para engravidar. O perfume da mandrágora era entorpecente. A Sunamita está dizendo, de um modo pouco sutil, que ela quer ter filhos! Era assim que Lia subornou a Jacó, para que este passasse a noite com ela, uma história contada e recontada a mais de 600 anos. Quando a palavra “mandrágora” aparece na canção, uma moça israelita associaria isso com uma moça que foi “doada” por assim dizer, num casamento “forçado” contra a vontade do marido, que esperava, outra. A conhecida história de Raquel, Jacó e Lia. Lia amava Jacó que amava a Raquel e viu um dia na planta de caráter “mágico” (até hoje, vide Harry Potter) a possibilidade de “mudar” a sua sorte. Lia queria “encantar” a Jacó, com a plantinha e com a fertilidade. Na época quanto mais filhos tivesse uma mulher, maior sua importância na sociedade. E entendia que seria mais considerada, mais cuidada por Jacó que Raquel. Lia queria o “amor” de Jacó, ainda que por meio de um “encantamento”.

Mas Sunamita já possuía o coração do esposo. E agora declarava que ansiava ter filhos. Salomão morava num palácio que levou 13 anos para ser terminado. A casa do Líbano. Quase um palácio de marfim. Diante deste palácio a moça pediu

que os administradores das fazendas, dos jardins, das hortas e da Vinha trouxesse presentes. A moça que caçava raposas, agora é a HERDEIRA DE TUDO. Manda mais que seus irmãos! Ela separou o vinho de qualidade que estava maturando em garrafas de argila especial, vinhos antigos que misturados com especiarias e de excelente qualidade, melhoravam com o passar do tempo, sob determinados cuidados. E ofereceu também vinho novo, recém-fabricado. Ofereceu grãos e especiarias, assim como frutas recém tiradas dos pomares.

Outra vez a "mágica" é insinuada ao citar as mandrágoras.

No final do tempo em que Cristo reinar sobre as nações, teremos uma situação inimaginável na terra. Um mundo reconstruído ecologicamente.

Haverão sobreviventes dos dias difíceis, dos tempos anteriores. Da época em que o Anticristo exerceu seu domínio sobre a terra. Esse não é nosso passado e nem o presente. Falamos do futuro. A terra não será destruída pelas catástrofes, ou pelo ser humano. Mas, segundo Cristo, sobrevirão tempo de de calamidade ao mundo, de mudanças climáticas, terremotos e com o resultado, a morte de mais pessoas do que qualquer outra turbulência vivida pelo mundo. Mas, haverá sobreviventes. Bilhões de pessoas. Essas pessoas receberão privilégio de começar a viver uma nova realidade. Com uma radical mudança das leis que regem o cosmos. Não completa, mas extraordinária. Diz Isaias que haverá uma mudança no processo de envelhecimento humano. Diz João que principados espirituais serão presos, que significa, que a atuação de poderes malignos externos ao ser humano será restringida ou anulada. E que as crianças que nascerem neste tempo, viverão um mundo estando as PORTAS de um outro, já que é um estado transitório, serão consideradas "frutos novos". Haverá salvação no MILENIO. Ela os "guardou" para ele. A pregação do evangelho preservou vidas durante a grande tribulação, e fez nascer frutos durante o tempo que virá depois. Seja esse período de 10, 1000, 10000 anos.

A mandrágora aponta para algo "mágico" para um "encantamento". Para uma "operação sobrenatural" que é capaz de mudar a vida de uma moça estéril num moça fértil.

Aponta para uma operação que mudará a humanidade de um modo fabuloso.

Toda ela.

O mundo sentirá o cheiro da mandrágora. Os que viverem na terra durante a volta de Jesus verão seu PODER manifesto em PLENITUDE.

